

CORTIÇA.
CULTURA,
NATUREZA,
FUTURO.



ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO SECTORIAL 2011





CORTIÇA
ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO SECTORIAL 2011





Índice Geral

05	NOTA PRÉVIA
06	SUMÁRIO EXECUTIVO
08	1. Contexto Macroeconómico 2000-2010 – Principais Factores de Influência para a Fileira da Cortiça
14	2. Caracterização da Fileira da Cortiça
15	2.1. Indicadores Florestais
15	2.1.1 Recursos Florestais
19	2.1.2 Sanidade Florestal
19	2.1.3 Sobreiro na Rede Nacional de Áreas Protegidas e na Rede Natura 2000
21	2.1.4 Sobreiro no Mundo
21	2.2. Indicadores de Produção
23	2.3. Indicadores Macroeconómicos
23	2.3.1. Valor da Produção de Cortiça
24	2.3.2. Balança Comercial da Fileira da Cortiça
24	2.3.3. Vantagens Comparativas Reveladas do Comércio Internacional Português – Importância da Fileira da Cortiça
25	2.3.4. Valorização dos Serviços Prestados pelo Ecossistema do Montado
25	2.4. Indicadores Ambientais
25	2.4.1. Reciclagem de Cortiça



26	2.4.2. Alterações Climáticas
26	2.4.2.1. Análise do ciclo de vida das rolhas de cortiça versus vedantes de plástico e de alumínio
26	2.4.2.2. Sequestro de Carbono
27	2.4.3. Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas
29	2.5. Formação Profissional
29	2.6. Tecido Empresarial
34	2.6.1. Perfil Exportador das PME – Importância da Fileira da Cortiça
35	2.7. Propriedade Industrial
35	2.7.1. Modelo de Utilidade Nacional
35	2.7.2. Patente de Invenção Nacional
35	2.7.3. Patente de Invenção Europeia
37	2.8. Certificação da Gestão
37	2.8.1. Gestão Florestal e de Produto
38	2.8.2. A Fileira da Cortiça e a GFTN
39	2.8.3. Certificação de Sistemas de Gestão, Ambiente e Segurança Alimentar
39	2.8.4. Certificação SYSTECODE
41	2.8.5. Normalização
42	3. Mercados
43	3.1 Mercado Internacional da Cortiça
43	3.1.1. Exportações Mundiais de Cortiça
46	3.1.2. Importações Mundiais de Cortiça
49	3.2 Mercado Nacional da Cortiça
49	3.2.1 Exportações de Cortiça
51	3.2.2 Importações de Cortiça
55	3.2.3 Rolhas de Cortiça
56	3.2.4 Materiais de Construção de Cortiça
57	3.3 Principais Mercados Associados à Cortiça
57	3.3.1 Mercado Mundial do Vinho
57	3.3.1.1 Área Mundial de Vinha
58	3.3.1.2 Produção Mundial de Vinho
60	3.3.1.3 Exportações Mundiais de Vinho
62	3.3.1.4 Importações Mundiais de Vinho
63	3.3.1.5 Consumo Mundial de Vinho
64	3.3.2 Mercado da Construção
64	3.3.2.1 Sector dos Materiais de Construção em Portugal
64	3.3.2.2 Fileiras do Sector dos Materiais de Construção em Portugal
66	4. Investimento na Fileira da Cortiça
67	4.1 Investimento na Produção Suberícola
68	4.2 Investimento da Indústria e Comércio da Cortiça
70	4.3 Investimento em I&DT na Fileira da Cortiça
73	4.4 Investimento Global
74	5. Considerações Finais
76	6. Referências Bibliográficas



Nota prévia

A Associação Portuguesa da Cortiça (APCOR) foi criada para representar e promover a Indústria Portuguesa da Cortiça. É uma associação patronal, de âmbito nacional, fundada em 1956 e sediada no norte de Portugal, em Santa Maria de Lamas, Distrito de Aveiro. Todas as empresas que se dediquem à produção, comercialização ou exportação de produtos de cortiça podem ser suas associadas.

Contando com cerca de 250 empresas associadas, a APCOR tem a missão de promover e valorizar a cortiça enquanto matéria-prima de excelência e os seus produtos, através da criação das condições necessárias ao desenvolvimento dos seus associados.

No exercício da sua actividade e contando com valores de excelência, rigor, eficácia e inovação, a APCOR preocupa-se, de modo regular, em promover a cooperação de todos os agentes da fileira em prol de projectos que contribuam para uma melhoria na produção industrial; para o aumento do conhecimento e da qualificação de quem trabalha na fileira; e para a investigação ao serviço da actividade económica.

A ponte com o mundo florestal, associada ao montado de sobro, é bem evidente na actuação da APCOR. São vários os projectos conjuntos realizados em parceria com as associações de base florestal e, nos últimos anos, a aposta na certificação florestal tem mobilizado os agentes no sentido de se promoverem as melhores práticas florestais que garantam, em quantidade e qualidade, a cortiça necessária às exigências da indústria nacional.

Portugal conta, pois, com uma fileira ímpar no panorama nacional e internacional. A fileira da cortiça contribuiu hoje e de forma muito significativa, para a redução do desequilíbrio das contas com o exterior o que é, certamente, um dos problemas mais difíceis com que a economia portuguesa se debate.

A dimensão económica, social e ambiental assumida pela fileira da cortiça representa um foco de grande interesse e potencialidade de desenvolvimento, sendo certo que as externalidades positivas desta espécie florestal assumirão, cada vez mais, expressão e importância face a uma sociedade mais preocupada em gerar um legado mais responsável para as gerações vindouras.

O “Estudo de Caracterização da Fileira da Cortiça”, agora promovido pela APCOR, pretende compilar e sistematizar a informação relevante, tendo como enquadramento temporal o período 2000-2010.

Foi nossa preocupação retratar a fileira de modo abrangente e, simultaneamente, dar conta da especificidade do estágio da produção e da transformação. No final, julgamos ter reunido a informação que, de modo exaustivo, actualizado e resultante de fonte oficial, garantirá a importância deste trabalho, a sua actualidade e a sua amplitude.

Este estudo pretende ser um retrato e demonstrar o muito que já foi feito em prol da modernização e capacidade empreendedora do nosso sector. São vários os capítulos que evidenciam esta afirmação o que traduz, naturalmente, o nosso orgulho no trabalho realizado mas, também, a confiança num futuro próspero de um sector que continuará a aumentar a sua contribuição ao serviço da economia nacional.

Não poderíamos deixar de manifestar o nosso agradecimento a todas as entidades que nos ajudaram na elaboração do estudo, tendo disponibilizado a informação solicitada. Gostaríamos de expressar, ainda, um agradecimento especial ao Programa COMPETE, entidade que nos apoia financeiramente e manifestar, ainda, um particular agradecimento à Enga. Mafalda Evangelista, no que constitui um contributo fulcral para o resultado final aqui apresentado.

António Rios de Amorim
Presidente da Direcção da APCOR



Sumário Executivo

O “Estudo de Caracterização da Fileira da Cortiça” promovido pela APCOR – Associação Portuguesa da Cortiça, pretende compilar e sistematizar informação relevante, tendo como enquadramento temporal o período 2000-2010. A evolução recente da Fileira da Cortiça traduz um cenário de algum enfraquecimento, agravado pela crise económica e financeira internacional, cujos impactos se fizeram sentir nos anos de 2008 e, em particular, 2009. No entanto, esta degradação, impulsionada pelo impacto da crise económica e financeira internacional, despoletou um processo de ajustamento estrutural, onde foram iniciados esforços relevantes para contrariar esta tendência, e que tiveram reflexos já em 2010, com as exportações portuguesas de cortiça a apresentarem uma taxa de crescimento de 8%.

O sobreiro é actualmente a terceira espécie florestal portuguesa, ocupando 22,5% da área de povoamentos florestais (716.000 hectares), concentrando-se maioritariamente (73,4%) em quatro regiões NUT III, designadamente nas regiões do Alentejo Central, Alentejo Litoral, Alto Alentejo e Lezíria do Tejo. O sobreiro é também a segunda espécie com maior área em Rede Natura 2000, 129.201 hectares, correspondendo a 18% da área nacional de sobreiro. Relativamente à área de sobreiro certificada em Portugal constata-se que é o sistema FSC que possui uma maior área certificada para esta espécie (68.176 ha), representando 9,5% da área nacional de sobreiro. A nível mundial, a Fileira da Cortiça possui 45 certificados FSC de CdC (Cadeia de Custódia), dos quais 28,9% são de Portugal.

O sobreiro encontra-se limitado à região mediterrânica, tendo expressão em sete países, onde ocupa cerca de 2,1 milhões de hectares. Portugal é o país com maior área de sobreiro, com 34% da área mundial, seguindo-se a Espanha e Marrocos. Já a produção mundial de cortiça ascende a 201.428 toneladas, destacando-se, a nível individual, Portugal como o principal produtor mundial, com 49,6% da produção mundial, seguindo-se a Espanha e Marrocos.

Promover e valorizar

COR

Proteção da

EXCEL

SEGURANÇA

inovação

modernidade

Fileira

EFICÁCIA

Flexibil

RIGOR

ir a
CORTIÇA
o ambiente
TENDÊNCIA
Cooperação
desenvolvimento
ade
ira
ilidade

As exportações mundiais de cortiça no período 2001-2010 revelam uma tendência de perda de valor de mercado (cerca de 319 Milhões de Euros, uma quebra de 21%), decorrente de várias razões, nomeadamente, uma perda efectiva de quota de mercado para produtos concorrentes na área dos vedantes para vinhos, de uma tendência de apreciação do euro face ao dólar e do efeito da recessão económica iniciada em 2008. O valor actual das exportações mundiais (2010) é de cerca de 1.229 Milhões de Euros, apresentando uma tendência de recuperação face a 2009 de 9%, cerca de 102 Milhões de Euros. Portugal é o líder mundial das exportações de cortiça, com uma quota de 61,3%, e com uma tendência de reforço da mesma (um aumento de 3,7% entre 2001 e 2010).

Com um valor global de exportações em 2010 de 754 Milhões de Euros e um saldo da balança comercial de 659 Milhões de Euros, a fileira da cortiça é extremamente relevante para a economia portuguesa. Actualmente, a fileira da cortiça representa 2,0% das exportações de bens portuguesas e 0,2% das importações de bens, revelador de um elevado valor acrescentado nacional. O valor global das exportações de cortiça no período 2000 – 2010 apresenta uma tendência de quebra, com uma redução de 163 Milhões de Euros (-17,8% comparativamente a 2000). Em qualquer caso esta análise fica influenciada pelo impacto generalizado da recessão económica global de 2008 e 2009. As rolhas de cortiça são o produto líder das exportações de cortiça com 529 Milhões de Euros (70% do total), seguindo-se os materiais de construção (176,3 Milhões de Euros, 23,4%).

O número de empresas da indústria da cortiça tem diminuído ao longo do período 2000-2009, verificando-se uma taxa de variação de -28% entre os anos 2000 e 2009, registando-se 597 empresas em 2009. O investimento global da Indústria da Fileira da Cortiça nos últimos dez anos (não considerando aqui investimentos realizados integralmente sem qualquer co-financiamento de fundos públicos) foi de cerca de 482 Milhões de Euros. É também de salientar que uma componente relevante deste investimento (63%) foi realizada com recurso a investimento privado, revelando um esforço de investimento considerável (superior a 304 Milhões de Euros). Já o investimento em Inovação e I&DT no período 2000-2010 (considerando os sistemas de incentivos PRIME, QREN, POAGRO e FCT) foi de 85,9 Milhões de Euros, cerca de 17,8% do investimento total, o que é elucidativo quanto ao esforço que a Fileira da Cortiça desenvolveu nos últimos anos, para proceder ao necessário reforço da competitividade tecnológica, na melhoria e/ou desenvolvimento de novos produtos, processos e sistemas.



1.



“ Ao longo da última década a economia portuguesa registou um crescimento económico muito modesto e um significativo abrandamento do produto interno bruto potencial. ”

CONTEXTO MACROECONÓMICO 2000-2010

Principais Factores de Influência para a Fileira da Cortiça

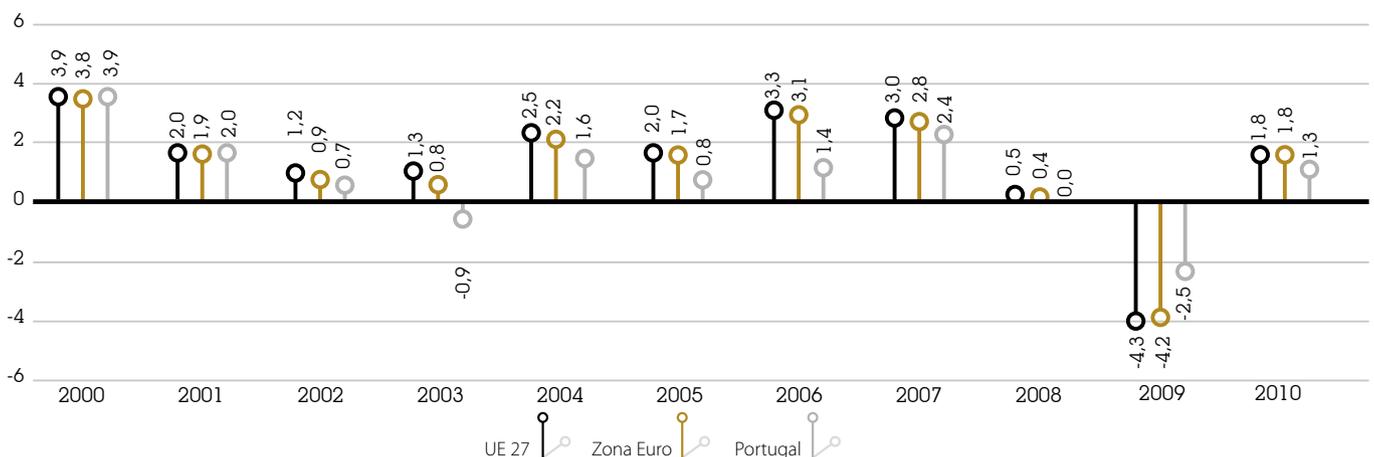
“ Nesta década a UE enfrentou mudanças apreciáveis nos fluxos de comércio e no investimento internacional, (...) o que produziu impactes negativos sobre a competitividade. ”

A primeira década do século XXI termina como um ciclo de profundas perturbações e transformações das economias e das sociedades à escala mundial. Acumula duas relevantes recessões (2001-2003 e 2008-2009), a concretização do alargamento da União Europeia (UE) em 2004, a subida significativa dos preços nos mercados internacionais das matérias-primas (petróleo, alimentos, metais), uma crise económica e financeira de natureza global, culminando com a crise do euro e da dívida soberana dos países com problemas de finanças públicas mais graves no seio da União Europeia e Monetária. A evolução do comércio mundial, sobretudo depois da viragem para o século XXI e da entrada da China na Organização Mundial do Comércio, regista uma profunda mutação com a crescente afirmação de um núcleo limitado de economias emergentes – China, Índia, Rússia, Brasil e os novos membros da União Europeia (Banco de Portugal, 2010).

Ao longo da última década a economia portuguesa registou um crescimento económico muito modesto e um significativo abrandamento do produto interno bruto potencial. Em simultâneo, o mercado de trabalho foi incapaz de criar empregos em termos líquidos, apresentando sinais de uma forte segmentação, e a taxa de desemprego aumentou de forma persistente. Este débil desempenho económico foi acompanhado por um aumento gradual do endividamento da economia e uma diminuição da poupança interna, levando a uma deterioração acentuada da posição de investimento internacional (Banco de Portugal, 2010).

GRÁFICO 1 - TAXA DE VARIAÇÃO REAL (%) DO PIB

Fonte: CE (2011)





Nesta década, a UE enfrentou mudanças apreciáveis nos fluxos de comércio e no investimento internacional, numa conjuntura de apreciação do euro face ao dólar e às moedas asiáticas centrais, o que produziu impactos negativos sobre a competitividade. Essas mudanças, em conjunto com o processo internacional de Globalização e o processo europeu do Alargamento às economias de Leste, tiveram diferentes consequências nos modelos de internacionalização das economias europeias (CGD - Caixa Geral de Depósitos, 2011).

A taxa de variação real em % do PIB da economia Portuguesa tem apresentado, maioritariamente, um desempenho inferior à UE27 e aos Países da Zona Euro (Gráfico 1). A evolução do PIB português na última década foi de 0,7%, com previsões de crescimento (FMI, publicadas em Junho de 2011), entre 2013 e 2016 de 1,2%, 2,5%, 2,2% e 2,0%.

De acordo com as estimativas disponíveis, o PIB tendencial desacelerou de forma marcada desde 1998, situando-se actualmente no nível de crescimento mais baixo das últimas décadas (Tabela 1). Este facto reflecte a persistência de fragilidades de carácter estrutural relacionadas com a qualidade dos factores de produção e o respectivo enquadramento institucional.

No conjunto do período 2000-2009, as exportações portuguesas apresentaram um crescimento médio inferior ao das exportações mundiais, o que se traduziu numa perda de quota de mercado de cerca de 22% em termos acumulados.

TABELA 1 - PIB E PRINCIPAIS COMPONENTES DE DESPESA (TAXA DE VARIAÇÃO REAL EM %)

Fonte: Banco de Portugal (2011)

Indicador	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009 ^(a)	2010 ^(a)
PIB	3,9	2,0	0,7	-0,9	1,6	0,8	1,4	2,4	0,0	-2,5	1,3
Consumo Privado	3,7	1,3	1,3	-0,2	2,7	1,7	1,8	2,5	1,4	-1,1	2,2
Consumo Público	3,6	3,8	1,7	0,4	2,4	3,3	-0,6	0,5	0,5	3,7	1,8
Investimento	2,1	1,2	-5,1	-7,9	3,7	-0,9	-0,6	2,0	-0,1	-13,9	-5,6
FBCF (formação bruta do capital fixo)	3,5	0,6	-3,2	-7,1	0,0	-0,5	-1,3	2,6	-0,3	-11,2	-5,0
Variação de existências ^(b)	-0,4	0,2	-0,6	-0,2	0,9	-0,1	0,2	-0,1	0,0	-0,7	-0,1
Procura Interna	3,3	1,7	-0,2	-1,9	2,9	1,4	0,8	2,0	0,9	-2,9	0,7
Exportações	8,4	1,8	2,9	3,7	4,1	0,2	11,6	7,6	-0,1	-11,6	8,8
Importações	5,3	1,0	-0,4	-0,4	7,6	2,3	7,2	5,5	2,3	-10,6	5,2
Contributo procura interna para PIB ^(b)	3,6	1,9	-0,3	-2,1	3,1	1,5	0,9	2,2	1,0	-3,2	0,7
Contributo procura externa líquida para PIB ^(b)	0,3	0,1	1,0	1,2	-1,5	-0,8	0,5	0,2	-1,0	0,7	0,6

Notas: (a) Os valores para o período 2009-2010 correspondem a estimativas preliminares do Banco de Portugal

(b) Contributo para a taxa de variação do PIB em pontos percentuais

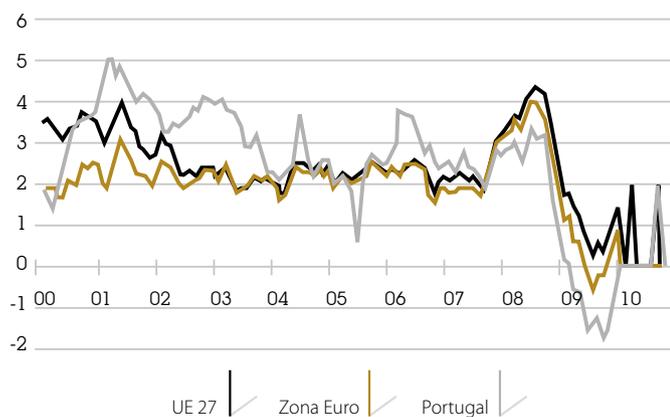
A evolução das quotas de mercado das exportações portuguesas ao longo da última década contrasta com o ocorrido até meados dos anos noventa. Com efeito, a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia em 1986 e a posterior participação no Mercado Único Europeu em 1993, num contexto de progressivo fortalecimento do comércio mundial, impulsionaram as exportações portuguesas para ritmos de crescimento muito elevados que se traduziram em importantes ganhos de quota de mercado (38% em termos acumulados entre 1986 e 1995). No entanto, após 1996, os produtores portugueses começaram a registar perdas de quota nos mercados de exportação. Entre 2001 e 2003, esta situação alterou-se ligeiramente, observando-se alguns ganhos de quota. Contudo, os anos de 2004 e 2005 foram caracterizados por reduções muito acentuadas da quota portuguesa nas exportações mundiais.

Posteriormente, observaram-se variações anuais de quota de sinal contrário mas de magnitude mais reduzida, com efeito acumulado total praticamente nulo até 2009 (Banco de Portugal, 2010).

Neste contexto, o défice da balança comercial portuguesa mantém-se como um problema estrutural, com as exportações a cobrirem apenas 70% a 80% das importações nacionais, facto com importantes repercussões na economia portuguesa. A evolução decepcionante do investimento na última década conduziu a valores historicamente baixos da taxa de investimento da economia portuguesa, que apenas encontram semelhança na primeira metade da década de cinquenta (CGD, 2011).

GRÁFICO 2 – TAXA DE VARIAÇÃO (%) DO ÍNDICE HARMONIZADO DE PREÇOS NO CONSUMIDOR

Fonte: EUROSTAT (2011)



A taxa de inflação inverteu em 2006 a tendência decrescente observada desde 2001. O aumento da taxa de inflação em termos médios anuais ficou associado ao impacto sobre os preços no consumidor do agravamento da tributação indirecta, bem como à aceleração dos preços de importação de produtos não energéticos. A aceleração generalizada dos preços de importação de produtos não energéticos

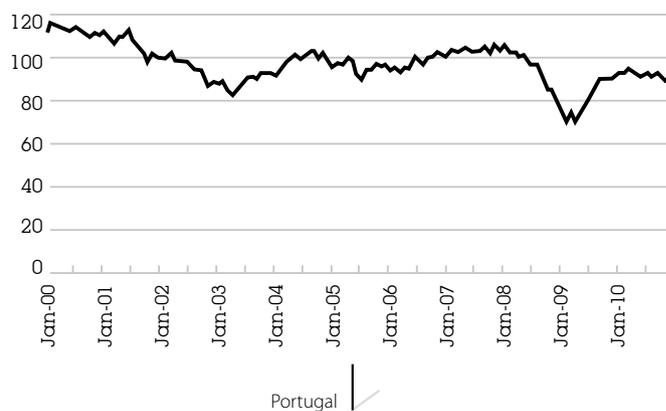
contribuiu para o aumento das pressões inflacionistas de origem externa em 2006 (Banco de Portugal, 2006).

Após um período de forte desaceleração dos preços em Portugal, iniciado no final de 2008, e que se traduziu numa taxa de inflação média anual negativa em 2009, a taxa de inflação foi novamente positiva em 2010.

Em 2010, a taxa de inflação em Portugal, medida pela variação média anual do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC) foi 1,4%, após ter registado, pela primeira vez nas últimas décadas, um valor negativo em 2009 (-0,9%). Após um período de forte desaceleração dos preços, que culminou em Setembro de 2009 com uma taxa de variação homóloga do IHPC de -1,8%, observou-se um perfil ascendente ao longo de 2010 (Gráfico 2). Esta evolução dos preços em 2010 ocorreu no contexto de um significativo crescimento do consumo privado, após a contracção em 2009, e de melhoria do enquadramento externo da economia portuguesa, que se reflectiu no aumento dos preços das importações. A aceleração dos preços no consumidor deveu-se, essencialmente, ao forte aumento dos preços dos bens energéticos e, em menor grau, ao aumento dos preços dos bens alimentares não transformados (Banco de Portugal, 2010).

GRÁFICO 3 – ÍNDICE DE SENTIMENTO ECONÓMICO

Fonte: CE (2011)



Ao longo da década, o indicador de sentimento económico reflectiu as características macroeconómicas de diversos períodos distintos. No período em análise (Gráfico 3) destaca-se de forma particular a deterioração ocorrida entre 2008 e 2009, traduzindo a crise económica e financeira ocorrida em 2008, e que gerou a queda de confiança e expectativas dos agentes, o agravamento das condições de financiamento, etc.

O próprio desempenho dos indicadores de confiança na Indústria (Gráfico 4) e na Construção (Gráfico 5), de tendência negativa, é elucidativo quanto aos efeitos da conjuntura macroeconómica global na economia portuguesa.

GRÁFICO 4 – INDICADOR DE CONFIANÇA NA INDÚSTRIA - PORTUGAL

Fonte: CE (2011)

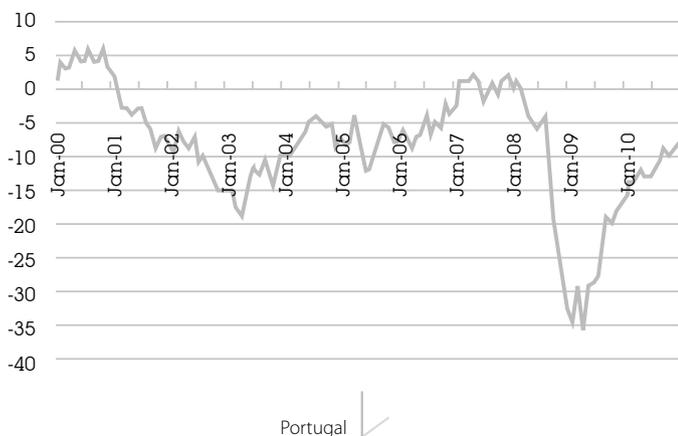
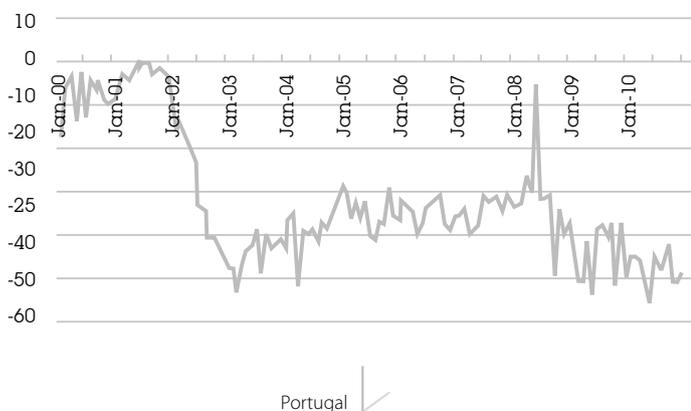


GRÁFICO 5 – INDICADOR DE CONFIANÇA NA CONSTRUÇÃO - PORTUGAL

Fonte: CE (2011)



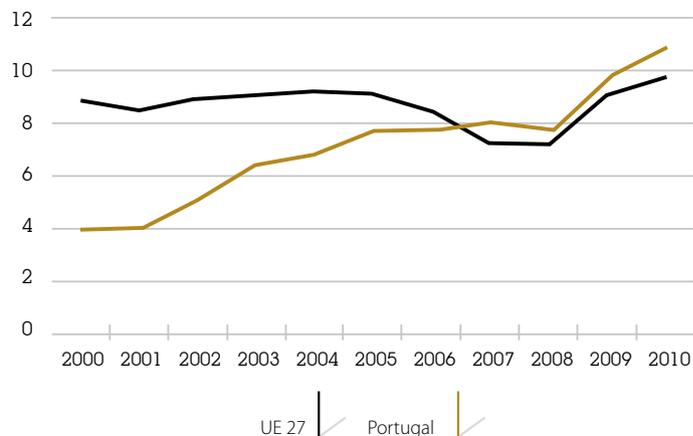
Relativamente à taxa de desemprego (Gráfico 6), verificou-se um aumento acentuado a qual ultrapassou inclusive a média da UE27, atingindo um máximo de 10,8 % em 2010.

Esta evolução do desemprego ocorreu de forma generalizada, abrangendo os vários escalões etários – embora com ênfase nos mais jovens – e os vários sectores da economia. No que se refere à taxa natural de desemprego, a evidência aponta para um aumento continuado nos últimos anos, no quadro de um aumento da proporção de desempregados de longa duração, de um maior peso das formas contratuais não permanentes, de uma possível mudança do comportamento cíclico dos salários reais e de um aumento do peso dos salários mais baixos (Banco de Portugal, 2010).

O avanço continuado da taxa de desemprego (inferior a 4% em 2000, superior a 10% em 2010) constitui, sem dúvida, o elemento central da degradação qualitativa das dificuldades conjunturais da economia portuguesa (CGD, 2010).

GRÁFICO 6 – TAXAS DE DESEMPREGO

Fonte: EUROSTAT (2011)



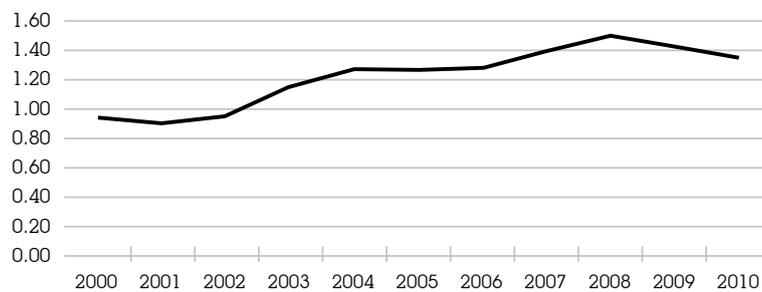
A comparação para a economia portuguesa, quer da evolução da taxa de câmbio efectiva nominal e das diferentes taxas de câmbio real, quer da evolução dos próprios custos e preços unitários para o conjunto da economia e para as actividades transaccionáveis, revela a presença de desequilíbrios que tendem a penalizar a rentabilidade das actividades de bens e serviços transaccionáveis. O alinhamento da evolução da taxa de câmbio real, quando calculada com a variação dos preços de exportação, com a taxa de câmbio efectiva nominal evidencia que o principal mecanismo de ajustamento competitivo em acção se traduziu numa compressão dos preços de exportação, medidos em euros, reflectindo a importância que a lógica de “tomada de preços” ainda detém no funcionamento do nosso sector exportador e a adopção de lógicas mais pró-activas de defesa das quotas de mercado à custa do sacrifício de uma parte das margens (CGD, 2010). Relativamente à taxa cambial do Euro face ao Dólar, esta tem uma importante influência na Fileira da Cortiça, uma vez que possui uma tendência marcadamente exportadora (cerca de 88% da produção é exportada – valores de 2009).

O período em análise (2000-2010) apresenta períodos de variação cambial distintos, com impactos diferenciados nas receitas da Fileira da Cortiça (Gráfico 7):

- 2001 a 2004: forte valorização cambial do Euro face ao Dólar, penalizando o valor das exportações de cortiça portuguesas;
- 2004 a 2006: taxa cambial sem alterações significativas, e logo, sem impacto significativo no valor global das exportações;
- 2006 a 2008: nova evolução da cotação do Euro face ao Dólar, com a consequente penalização do valor das exportações;
- 2008 a 2010: tendência de depreciação do Euro.

GRÁFICO 7 – TAXA DE CÂMBIO DO EURO FACE AO DÓLAR (EUR/USD)

Fonte: Banco de Portugal (2011)



Em qualquer caso, que não deixa de ser extremamente relevante para uma Filieira com as características da Cortiça, a amplitude da variação da cotação do Euro face ao Dólar foi muito significativa, com todas as consequências que isso acarreta para as receitas das empresas exportadoras.





2.

“ Em 2010, a cortiça foi o 3.º Produto Florestal Não Lenhoso mais importante a nível europeu, representando 16,4% (324 Milhões de Euros) do valor global. ”

CARACTERIZAÇÃO DA FILEIRA DA CORTIÇA

2.1. Indicadores Florestais

2.1.1 Recursos Florestais

A floresta ocupa cerca de 38,8% da área de Portugal Continental, sendo o principal tipo de uso do solo (Tabela 2). Os resultados do último Inventário Florestal Nacional (IFN) indicam ainda a existência de um aumento de 109.000 hectares de áreas florestais face ao IFN anterior.

TABELA 2 - ÁREAS POR TIPO DE USO DO SOLO NOS IFN DE 1995/1998 E DE 2005/2008 (UN. 1.000 HA)

Fonte: AFN (2010)

Tipos de Uso	1995/8	1995/8 (%)	2005/6	2005/6 (%)	Variação (2005/6-1995/8)
Floresta	3.349	37,7%	3.459	38,8%	109
Matos	2.055	23,1%	1.927	21,6%	-128
Agricultura	2.973	33,5%	2.930	32,9%	-43
Outros Usos	396	4,5%	432	4,8%	36
Águas interiores	107	1,2%	162	1,8%	54
TOTAL	8.880	100%	8.908	100%	29

Já relativamente às diferentes espécies florestais, estas apresentaram diferentes comportamentos no mesmo período temporal (Tabela 3). O sobreiro foi uma das espécies, a par do eucalipto e do pinheiro manso, cuja área aumentou, ainda que de forma pouco expressiva (0,4% face à área do IFN de 1995/1998). É actualmente a terceira espécie florestal portuguesa, ocupando 22,5% da área de povoamentos florestais.

TABELA 3 - ÁREAS FLORESTAIS POR ESPÉCIES NOS IFN DE 1995/1998 E DE 2005/2006 (UN. 1.000HA)

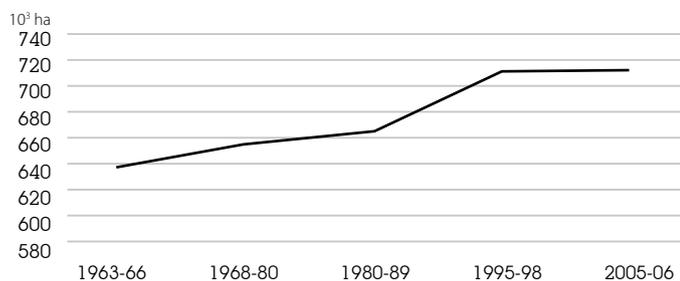
Fonte: AFN (2010)

Espécies Florestais (Un. 1.000 ha) (Povoamentos puros, mistos dominantes e jovens)	1995/8	2005/6	2005/6 (%)	Varição (2005/6-1995/8)	(Varição (2005/6- 1995/8))/Área Florestal Total
Pinheiro-bravo	976	885	27,9%	-91	-9,3%
Eucalipto	672	740	23,3%	67	10,0%
Sobreiro	713	716	22,5%	3	0,4%
Azinheira	462	413	13,0%	-49	-10,6%
Carvalhos	131	150	4,7%	19	14,6%
Pinheiro-manso	78	130	4,1%	53	68,0%
Castanheiro	41	30	0,9%	-10	-25,9%
Folhosas diversas	102	86	2,7%	-16	-15,2%
Resinosas diversas	27	25	0,8%	-2	-8,1%

No entanto, analisando a evolução da área de sobreiro nos últimos 40 anos (Gráfico 8) constata-se um aumento de 12,4% (cerca de 79.000 hectares), apresentando, contudo, uma tendência de estabilização nos últimos 10 anos (aumento de cerca de 3.000 hectares).

GRÁFICO 8 - EVOLUÇÃO DA ÁREA DE SOBREIRO (10³HA) SEGUNDO OS DIVERSOS IFN

Fonte: AFN (2010)



Sobreiro

Relativamente à distribuição do sobreiro por região NUT III, constata-se que 73,4% da sua área (cerca de 525.000 hectares) concentra-se em quatro regiões NUT III, designadamente nas regiões do Alentejo Central, Alentejo Litoral, Alto Alentejo e Lezíria do Tejo (Tabela 4).

A análise da distribuição do sobreiro por concelho (Tabela 5) indica que:

- Coruche é o concelho com maior área de sobreiro (49.719 hectares, 6,9% do total nacional);
- Os 12 concelhos com maior área de sobreiro representam cerca de 54,4% da área nacional.



TABELA 4 – ÁREA DE SOBREIRO (POVOAMENTOS FLORESTAIS POR ESPÉCIE DE ÁRVORE DOMINANTE), POR REGIÃO NUT III (HA)

Fonte: AFN (2010)

NUTS III	Área (ha)
Alentejo Central	164.110
Alentejo Litoral	141.373
Alto Alentejo	116.501
Lezíria do Tejo	103.564
Baixo Alentejo	76.359
Algarve	33.250
Península de Setúbal	21.714
Médio Tejo	21.118
Beira Interior Sul	20.117
Alto Trás-os-Montes	8.825
Douro	3.057
Grande Lisboa	1.896
Oeste	1.362
Cova da Beira	1.137
Beira Interior Norte	978
Pinhal Litoral	288
Pinhal Interior Sul	111
Pinhal Interior Norte	28
Dão-Lafões	28
Serra da Estrela	27
Cávado	26
Tâmega	26
Baixo Mondego	26

TABELA 5 – ÁREA DE SOBREIRO (POVOAMENTOS FLORESTAIS POR ESPÉCIE DE ÁRVORE DOMINANTE) POR CONCELHO (HA)

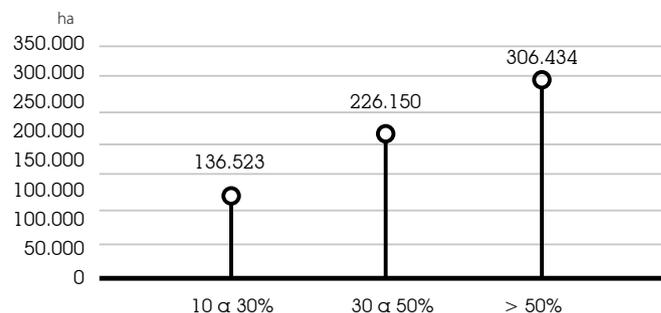
Fonte: AFN (2010)

Concelho	Área (ha)
Coruche	49.719
Montemor-o-Novo	46.077
Alcácer do Sal	40.167
Santiago do Cacém	38.754
Ponte de Sôr	37.458
Odemira	32.893
Grândola	27.812
Chamusca	27.427
Arraiolos	23.363
Évora	22.533
Mora	22.409
Avis	20.681

A análise do grau de coberto das áreas de sobreiro (considerando somente a composição específica “puro” e “dominante”) indica que apenas 46% da área de sobreiro possui um grau de coberto superior a 50% (Gráfico 9).

GRÁFICO 9 – ÁREAS DE POVOAMENTOS DE SOBREIRO DE COMPOSIÇÕES ESPECÍFICAS PURO E DOMINANTE, POR CLASSE DE PERCENTAGEM DE COBERTO ARBÓREO (HA)

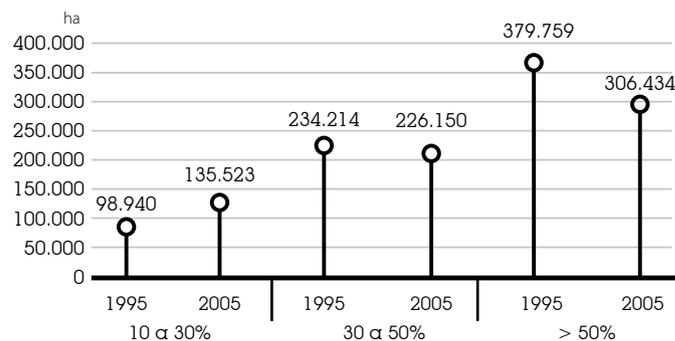
Fonte: AFN (2010)



Analisando a evolução do grau de coberto da área de sobreiro nos dois últimos IFN é possível constatar um agravamento da situação, dado o decréscimo acentuado da área com grau de coberto superior a 50% (cerca de 73.325 hectares).

GRÁFICO 10 – ÁREAS DE POVOAMENTOS DE SOBREIRO, POR CLASSE DE PERCENTAGEM DE COBERTO ARBÓREO (HA), NOS IFN DE 1995 E DE 2005

Fonte: AFN (2010)



A densidade das áreas de sobreiro (considerando somente a composição específica “puro” e “dominante”) confirma a análise realizada para o grau de coberto, já que 69% da área de sobreiro possui uma densidade inferior a 80 árvores/hectare (Gráfico 11).

“ O sobreiro é actualmente a terceira espécie florestal portuguesa, ocupando 22,5% da área de povoamentos florestais. ”

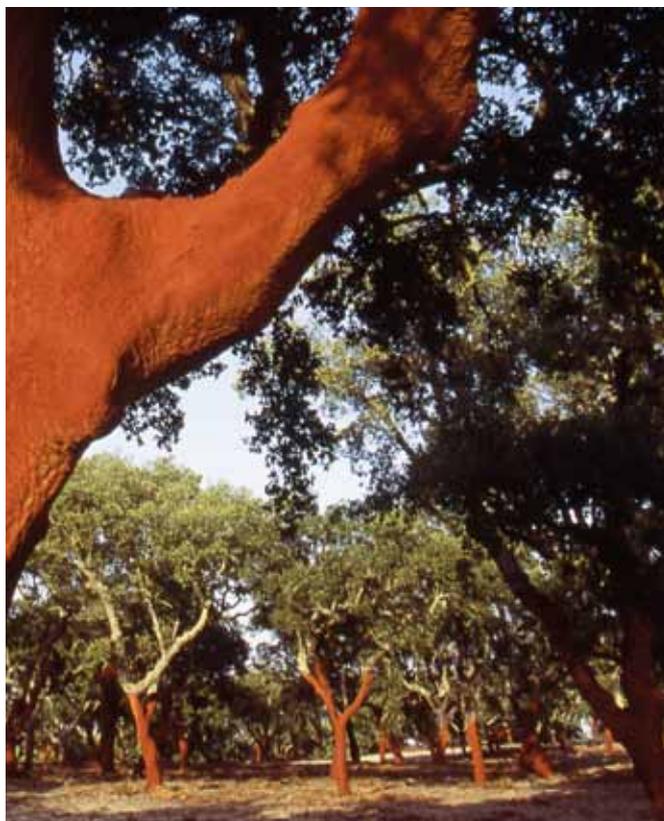


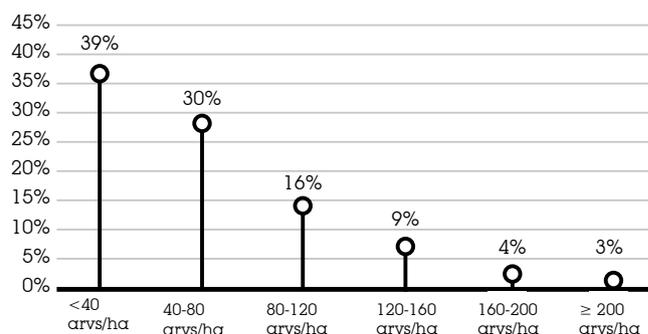
TABELA 7 – PRODUTIVIDADE MÉDIA ANUAL E POR NOVÉNIO, DE CORTIÇA DE REPRODUÇÃO, SEGUNDO A COMPOSIÇÃO ESPECÍFICA DOS POVOAMENTOS

Fonte: AFN (2010)

Composição	2005/6		1995/8	
	Produtividade média (@/ano)	Produtividade por novénio (@/ha)	Produtividade média (@/ano)	Produtividade por novénio (@/ha)
Puro	4.584.467	75	6.716.067	102
Dominante	734.333	54	831.000	62
Dominado	357.533	38	440.267	34

GRÁFICO 11 – ÁREAS DE SOBREIRO POR CLASSE DE DENSIDADE, SEGUNDO A COMPOSIÇÃO ESPECÍFICA PURO E DOMINANTE

Fonte: AFN (2010)



A análise da densidade das áreas de sobreiro entre os dois últimos IFN é elucidativa quanto à perda de densidade, já que a área de sobreiro com densidade inferior a 40 árvores por hectare aumentou 82.235 hectares (Tabela 6).

TABELA 6 – ÁREA DE SOBREIRO (COMPOSIÇÃO ESPECÍFICA PURO E DOMINANTE) POR CLASSES DE DENSIDADE (HA)

Fonte: AFN (2010)

Classes de Densidade	1995/8	2005/6
< 40 árvs./ha	175.727	257.962
40 - 80 árvs./ha	210.941	202.801
80 - 120 árvs./ha	166.566	106.712
120 - 160 árvs./ha	81.291	58.595
160 - 200 árvs./ha	42.750	24.131
≥ 200 árvs./ha	35.539	18.908

Relativamente à produtividade média de cortiça de reprodução (Tabela 7), é possível constatar uma quebra nos valores obtidos no último IFN, comparativamente ao anterior:

- Produtividade anual para os povoamentos puros é de cerca de 4,58 milhões de @ (arrobas);
- Produtividade de cortiça por novénio (povoamentos puros) é de 75 @/ha.

Numa análise equivalente mas de âmbito regional (Tabela 8), constata-se que a região que apresenta maior produtividade média de cortiça de reprodução (povoamentos puros) é a região do PROF Alentejo Litoral, seguindo-se o Alentejo Central (regiões com maior área de sobreiro).

TABELA 8 – PRODUTIVIDADE MÉDIA DE CORTIÇA DE REPRODUÇÃO, PARA POVOAMENTOS PUROS DE SOBREIRO, POR REGIÃO PROF

Fonte: AFN (2010)

Região PROF*	Produtividade anual (ton/ano)	Produtividade por novénio (@/ha)
Beira Interior Sul	873	63
Ribatejo	11.779	69
Alto Alentejo	14.280	81
Alentejo Central	16.957	87
Alentejo Litoral	19.855	103
Baixo Alentejo	3.611	48
Algarve	1.045	25

*PROF - Plano Regional de Ordenamento Florestal

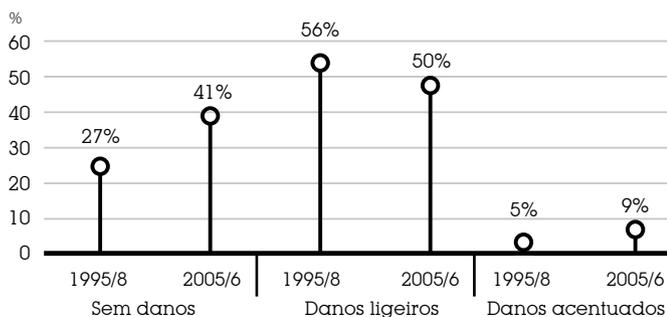
2.1.2 Sanidade Florestal

Relativamente à sanidade florestal das áreas de sobreiro (Gráfico 12) o IFN de 2005/6 mostra uma evolução parcialmente positiva comparativamente ao IFN anterior, já que:

- A área de sobreiro sem danos aumentou (14%);
- A área de sobreiro com danos acentuados também aumentou, ainda que de forma ligeira (4%).

GRÁFICO 12 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS POVOAMENTOS DE SOBREIRO POR CLASSE DE ESTADO DE VITALIDADE, NOS IFN DE 1995/8 E DE 2005/6

Fonte: AFN (2010)



A análise por regiões PROF do estado de vitalidade dos povoamentos de sobreiro (Tabela 9) revela que:

- Algarve e Beira Interior Sul são as regiões cujas áreas de sobreiro apresentam maior % de danos acentuados;
- Alto Alentejo e Ribatejo são as regiões que apresentam maior % de árvores sem danos.

TABELA 9 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS POVOAMENTOS DE SOBREIRO POR ESTADO DE VITALIDADE, SEGUNDO A ESPÉCIE DOMINANTE

Fonte: AFN (2010)

Região PROF	Estado de vitalidade		
	% sem danos	% danos ligeiros	% danos acentuados
Beira Interior Sul	26	54	20
Ribatejo	50	42	8
Alto Alentejo	58	30	12
Alentejo Central	33	60	7
Alentejo Litoral	32	62	6
Baixo Alentejo	34	63	3
Algarve	40	34	26

Relativamente à quantidade de árvores mortas em povoamentos florestais, o sobreiro é a espécie florestal mais afectada, com cerca de 8,2% (AFN, 2010).

2.1.3 Sobreiro na Rede Nacional de Áreas Protegidas e na Rede Natura 2000

O Sistema Nacional de Áreas Classificadas (SNAC) é constituído pela Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP), pelas áreas classificadas integradas na Rede Natura 2000 e pelas demais áreas classificadas ao abrigo de compromissos internacionais assumidos pelo Estado Português.

No que concerne à Rede Nacional de Áreas Protegidas, o sobreiro é uma das cinco espécies com maior área (21.547 hectares), representando cerca de 12% da área florestal total na RNAP. No entanto, e considerando a área total de sobreiro existente em Portugal, só cerca de 3% desta área está na RNAP.

TABELA 10 – ÁREAS DOS POVOAMENTOS FLORESTAIS EXISTENTES NA REDE NACIONAL DE ÁREAS PROTEGIDAS, SEGUNDO A ESPÉCIE DE ÁRVORE DOMINANTE
Fonte: AFN (2010)

Espécie Dominante	Área Florestal por Espécie	Área da Espécie em RNAP (ha)	Proporção (%) da Área da Espécie em RNAP	Proporção (%) da Área da Espécie em RNAP em relação à Área Total da Espécie
Pinheiro bravo	885.019	57.758	33%	7%
Eucalipto	739.515	20.635	12%	3%
Sobreiro	715.922	21.547	12%	3%
Azinhreira	412.878	24.400	14%	6%
Carvalhos	150.020	23.608	14%	16%
Pinheiro manso	130.386	9.722	6%	7%
Castanheiro	30.029	4.785	3%	16%
Acácias	n.d.	971	1%	n.a.
Outras folhosas	86.481	5.327	3%	6%
Outras resinosas	25.099	5.969	3%	24%
TOTAL	3.175.349	174.722	100%	100%

A Rede Natura (RN) 2000 é uma rede ecológica para o espaço Comunitário da União Europeia resultante da aplicação das Directivas n.º 79/409/CEE (Directiva Aves) e n.º 92/43/CEE (Directiva Habitats) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. É composta por:

- Zonas de Protecção Especial (ZPE), estabelecidas ao abrigo da Directiva Aves, com o objectivo de garantir a conservação das espécies de aves e seus habitats, listadas no seu anexo I, e das espécies de aves migratórias não referidas no anexo I e cuja ocorrência seja regular;
- Zonas Especiais de Conservação (ZEC), criadas ao abrigo da Directiva Habitats, com o objectivo expresso de “contribuir para assegurar a Biodiversidade, através da conservação dos habitats naturais (anexo I) e dos habitats de espécies da flora e da fauna selvagens (anexo II), considerados ameaçados no espaço da União Europeia” (ICNB, 2011).

O sobreiro é a segunda espécie com maior área em RN 2000, 129.201 hectares (21,2%), correspondendo a 18% da sua área de distribuição nacional (Tabela 11).

TABELA 11- ÁREAS DOS POVOAMENTOS FLORESTAIS EXISTENTES NA REDE NATURA 2000, SEGUNDO A ESPÉCIE DE ÁRVORE DOMINANTE

Fonte: AFN (2010)

Espécie dominante	Área (ha)	% Área da Espécie em RN2000
Pinheiro bravo	148.429	24,3%
Eucaliptos	91.272	14,9%
Sobreiro	129.201	21,2%
Azinhreira	112.947	18,5%
Carvalhos	58.251	9,5%
Pinheiro manso	33.310	5,5%
Castanheiro	7.595	1,2%
Acácias	1.975	0,3%
Outras folhosas	17.911	2,9%
Outras resinosas	9.705	1,6%
TOTAL	610.596	100%

A importância do sobreiro para a biodiversidade e conservação da natureza foi consagrada, no âmbito da RN 2000, pela classificação de dois habitats:

- Habitat 6310 – Montados de *Quercus spp.*, de folha perene (não é exclusivo do sobreiro);
- Habitat 9330 – Florestas de *Quercus suber*.

TABELA 12- HABITATS NATURAIS DO SOBREIRO (ANEXO I DA DIRECTIVA 92/43/CEE) E SÍTIOS MAIS RELEVANTES ONDE OCORREM

Fonte: ICNB (2011)

Código	Designação	N.º de Sítios em que ocorre	Sítios mais relevantes
6310	Montados de <i>Quercus</i> spp. defolha perene	28	Maicata
			S. Mamede
			Cabeção
			Caia
			Monfurado
			Guadiana/Juromenha
			Cabrela
			Guadiana
			Nisa/Lage da Prata
			Moura/Barrancos
			Caldeirão
			9330
Estuário do Tejo			
Rios Sabor e Maçãs			
Morais			
Minas de Santo Adrião			
Romeu			

A importância destes dois habitats reflecte-se também no elevado número de sítios em que ocorrem, 28 (Habitat 6310) e 33 (Habitat 9330).

2.1.4 Sobreiro no Mundo

A distribuição mundial do sobreiro encontra-se limitada à região mediterrânica, tendo expressão em sete países, onde ocupa cerca de 2,1 milhões de hectares. Portugal é o país com maior área de sobreiro, com 34% da área mundial, seguindo-se a Espanha e Marrocos. Uma análise regional permite identificar que 67% da sua área mundial está no Sul da Europa, enquanto os restantes 33% estão no Norte de África, nas regiões que delimitam a bacia mediterrânica.

TABELA 13- ÁREA DE SOBREIRO POR PAÍS, TOTAL MUNDIAL (HA) E RESPECTIVAS PROPORÇÕES (%)

Fonte: Portugal: AFN (2010); Espanha: MARM (2007); Itália: FAO (2005); França: IM Liège (2005); Marrocos: HCEF Maroc (2011); Argélia: EFI (2009); Tunísia: Ben Jamaa (2011)

País	Área (ha)	Proporção de Área
Portugal	715.922	34%
Espanha	574.248	27%
Itália	64.800	3%
França	65.228	3%
Marrocos	383.120	18%
Argélia	230.000	11%
Tunísia	85.771	4%
TOTAL	2.119.089	100%

2.2 Indicadores de Produção

A produção mundial de cortiça ascende a 201.428 toneladas, destacando-se, a nível individual, Portugal como o principal produtor mundial, com 49,6% da produção mundial, seguindo-se a Espanha e Marrocos.

A análise regional revela que cerca de 85,8% da produção mundial está concentrada na Europa, enquanto os restantes 14,2% estão no Norte de África. Merece, também, destaque, o facto de Marrocos, apesar de possuir 18% da área mundial de sobreiro, só possuir 5,8% da produção mundial de cortiça.

TABELA 14- PRODUÇÃO DE CORTIÇA POR PAÍS (TON), TOTAL MUNDIAL (TON) E RESPECTIVAS PROPORÇÕES (%)

Fonte: Portugal: FAO (2010); Espanha: FAO (2010); Itália: FAO (2010); França: FAO (2010); Marrocos: FAO (2010); Argélia: FAO (2010); Tunísia: FAO (2010)

País	Produção de Cortiça (ton)	Proporção (%)
Portugal	100.000	49,6%
Espanha	61.504	30,5%
Itália	6.161	3,1%
França	5.200	2,6%
Marrocos ^{a)}	11.686	5,8%
Argélia	9.915	4,9%
Tunísia	6.962	3,5%
TOTAL	201.428	100,0%

a) Segundo a FAO, a produção de cortiça em Marrocos é de 116.863 estères. O factor de conversão usado foi de 1 estère = 100 Kg, de acordo com o Comité National de Transfert de Technologie en Agriculture (CNTTA) du Ministère de l'Agriculture et de la Pêche Maritime - Royaume du Maroc.

Relativamente ao enquadramento europeu dos Produtos Florestais Não Lenhosos (PFNL), onde se inclui a cortiça, e de acordo com o relatório "State of Europe's Forests 2011. Status and Trends in Sustainable Forest Management in Europe", os PFNL são uma importante e crescente componente do valor económico gerado pelas florestas europeias. O valor total dos PFNL representa 11,2% do valor dos produtos florestais lenhosos (rolaria).

Em 2010, a cortiça foi o 3.º PFNL mais importante a nível europeu, representando 16,4% (324 Milhões de Euros) do valor global. Esta posição é ainda mais relevante se tivermos em consideração que muitos dos restantes PFNL, em que se destacam as Árvores de Natal e os Frutos, Bagas e Frutos Secos existem em todas as sub-regiões europeias, contrariamente à cortiça, cuja região de produção se limita ao Sudoeste Europeu.



“ Portugal é o principal produtor de cortiça, com 49,6% da produção mundial. ”

TABELA 15 – VALOR DAS VENDAS DOS PRODUTOS FLORESTAIS NÃO LENHOSOS NA EUROPA (MILHARES DE EUROS)

Fonte: FOREST EUROPE, UNECE and FAO (2011)

Região	Árvores de Natal	Frutos, Bagas e Frutos Secos	Cortiça	Cogumelos e Trufas	Resinas, Plantas Aromáticas, Corantes, etc.	Plantas ornamentais e decorativas	Outros Produtos
Europa do Norte	132.104,00 €	15.107,00 €	0,00 €	12.493,00 €	182,00 €	58.824,00 €	0,00 €
Europa Central Oeste	733.900,00 €	883,00 €	775,00 €	14.550,00 €	32,00 €	7.202,00 €	55.231,00 €
Europa Central Leste	2.803,00 €	28.132,00 €	0,00 €	10.587,00 €	1.621,00 €	1.802,00 €	106,00 €
Sudoeste Europeu	110.828,00 €	299.574,00 €	323.850,00 €	124.161,00 €	2.364,00 €	0,00 €	7.997,00 €
Sudeste Europeu	377,00 €	10.296,00 €	0,00 €	11.283,00 €	12.476,00 €	921,00 €	408,00 €
TOTAL	980.012,00 €	353.992,00 €	324.625,00 €	173.074,00 €	16.675,00 €	68.749,00 €	63.742,00 €
Proporção (%)	49%	18%	16%	9%	1%	3%	3%

A análise por País revela ainda um indicador muito relevante, já que através do contributo da cortiça, Portugal é o 2.º país a nível europeu com maior valor de produção de PFNL/hectare, com cerca de 98,00 €/hectare (FOREST EUROPE, UNECE and FAO, 2011).

2.3 Indicadores Macroeconómicos

2.3.1 Valor da Produção de Cortiça

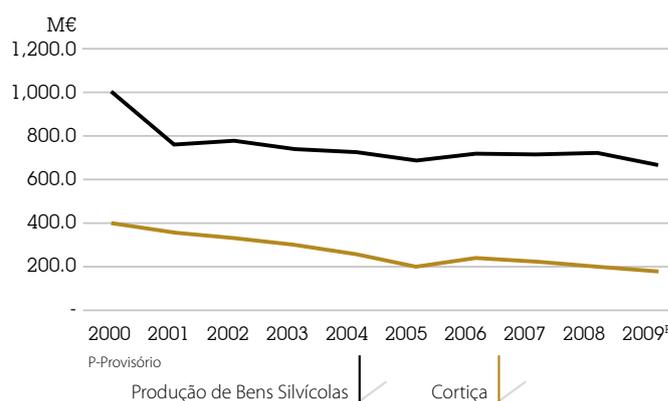
A produção de bens silvícolas compreende os produtos resultantes da silvicultura e exploração florestal (abate de árvores, remoção de madeira e descortiçamento) e o “crescimento líquido das florestas” (saldo entre o acréscimo de madeira ou cortiça nas árvores e a diminuição dos povoamentos por corte, doença ou incêndios).

A análise do Gráfico 13, onde está patente a evolução dos valores da Produção de Bens Silvícolas e da Produção de Cortiça, permite identificar uma tendência de perda de valor para ambos os casos, se bem que mais pronunciada para a cortiça.

De acordo com o INE (Contas Económicas da Silvicultura, 2011), a Cortiça observou, desde 2000 (ano de produção excepcional, na sequência de preços muito elevados), uma tendência decrescente, resultado da degradação de alguns montados e dos reduzidos preços à produção.

GRÁFICO 13 – VALOR DA PRODUÇÃO DE BENS SILVÍCOLAS E DA PRODUÇÃO DE CORTIÇA (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: INE (2011)



De facto a análise na variação da produção de cortiça entre 2009 e 2008 revela uma perda de 12,1%; já a comparação relativamente a 2000 evidencia ainda de forma mais clara a tendência decrescente, já que a perda foi de 56,6%. Ambos os valores são superiores às tendências de perda da Produção de Bens Silvícolas (Tabela 16).

TABELA 16 - VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE BENS SILVÍCOLAS E DA PRODUÇÃO DE CORTIÇA (%)

Fonte: INE (2011)

Contas Económicas da Silvicultura	Variação 08/09 %	Variação 00/09 %
Produção de Bens Silvícolas	-8,6%	-33,3%
Cortiça	-12,1%	-56,6%

2.3.2 Balança Comercial da Fileira da Cortiça

Com um valor global de exportações de 754 Milhões de Euros e um saldo da balança comercial de 659 Milhões de Euros, a fileira da cortiça é extremamente relevante para a economia portuguesa.

Não obstante uma tendência geral de decréscimo das exportações de cortiça entre 2000 e 2010 (redução de 162,8 Milhões de Euros, cerca de 17,8%), esta foi em parte agravada pela atipicidade do desempenho das exportações nos anos 2008 e, em particular, 2009, onde o impacto da recessão se fez sentir (as exportações globais portuguesas apresentaram uma quebra de 15,5%). Efectivamente, entre 2005 e 2007 existia uma inversão dessa tendência, com a interrupção da perda de valor das exportações, ainda que com ganhos marginais (ganho de 1,9% face a 2005). No entanto, o valor de 2010 ilustra bem a recuperação da Fileira da Cortiça, cujas exportações tiveram uma taxa de crescimento face ao ano anterior de 8%.

Actualmente (valores de 2010), a fileira da cortiça representa 2,0% das exportações de bens portuguesas e apenas 0,2% das importações de bens, revelador de um elevado valor acrescentado nacional (Tabela 18).



TABELA 17- BALANÇA COMERCIAL DA FILEIRA DA CORTIÇA (PREÇOS CORRENTES, MILHÕES DE EUROS)

Fonte: INE (2011)

Balança Comercial	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Exportações	917,1	895,9	903,3	896,0	881,7	838,0	848,5	853,8	823,7	698,3	754,5
Importações	154,8	140,0	139,1	169,8	130,2	146,2	130,4	131,8	129,3	83,0	95,0
Saldo	762,3	756,0	764,2	726,2	751,6	691,8	718,1	722,0	694,4	615,4	615,4

TABELA 18 – PESO DOS PRODUTOS DE CORTIÇA NAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES GLOBAIS DE CORTIÇA (%)

Fonte: INE (2011)

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Exportações de Cortiça/ Exportações Totais Portuguesas (%)	2,5%	2,4%	2,3%	2,3%	2,1%	2,0%	1,7%	1,6%	1,5%	1,5%	1,4%
Exportações de Cortiça/ Exportações de Bens (%)	3,4%	3,2%	3,2%	3,1%	2,9%	2,7%	2,4%	2,2%	2,1%	2,2%	2,0%
Importações de Cortiça/ Importações Totais Portuguesas (%)	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%
Importações de Cortiça/ Importações de Bens (%)	0,4%	0,3%	0,3%	0,4%	0,3%	0,3%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%

2.3.3 Vantagens Comparativas Reveladas do Comércio Internacional Português – Importância da Fileira da Cortiça

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) mede a intensidade da especialização do comércio internacional de um país relativamente a uma região ou ao mundo. Este é um indicador da estru-

tura relativa das exportações de um país/região ao longo do tempo e utiliza o peso de um dado sector nas exportações mundiais para normalizar o peso das exportações desse mesmo sector para cada país/região (GEE/GPEARI, 2010).

A análise efectuada pelo GEE/GPEARI revela que os produtos de “cortiça e suas obras” (Capítulo 45 da nomenclatura combinada - NC) são os produtos portugueses que possuem o mais elevado IVCR (índice de 149,05 em 2007), um valor muito elevado face à classificação obtida pelos restantes produtos (os “produtos cerâmicos”, com um IVCR de 5,67, ficaram classificados em segundo lugar).

TABELA 19 - PRODUTOS COM MAIOR IVCR E PESO NA EXPORTAÇÃO EM 2000, 2005 E 2007

Fonte: GEE/GPEARI (2010)

Posição em 2007	NC	Descrição dos Produtos	IVCR		
			2000	2005	2007
1	45	Cortiça e suas obras	148,02	155,29	149,05
2	69	Produtos cerâmicos	5,26	6,00	5,67
3	64	Calçado, polainas e artefactos semelhantes, e suas partes	8,16	6,44	5,52
4	63	Outros artefactos têxteis confeccionados; sortidos; artefactos de matérias têxteis, calçado, chapéus e artefactos de uso semelhante, usados; trapos	11,84	6,22	5,00
5	24	Tabaco e seus sucedâneos manufacturados	0,60	3,03	4,27

A evolução dos produtos com maior evolução no diferencial de IVCR entre 2000 e 2007 é também favorável para a cortiça, cujos produtos apresentaram o quarto maior diferencial positivo de vantagens comparativas reveladas entre 2000 e 2007, não obstante a redução do valor total das suas exportações, bem como do seu peso na exportação portuguesa para o período considerado (2000 a 2007). No caso da cortiça, o acréscimo do IVCR neste período deve-se essencialmente à diminuição no comércio internacional mundial ao longo deste período (GEE/GPEARI, 2010).

2.3.4 Valorização dos Serviços Prestados pelo Ecossistema do Montado

O pagamento pelos serviços dos ecossistemas é uma área emergente e em rápida mudança, que se espalha por geografias e instituições. As informações acerca dos mercados de serviços dos ecossistemas são limitadas e estão em constante mudança, mas os futuros mercados de serviços dos ecossistemas parecem promissores (WBCSD, 2010).

Na área do montado de sobreiro estão a desenvolver-se diversos estu-

dos e iniciativas para a avaliação dos serviços deste ecossistema, com vista à sua valorização. Identificam-se algumas dessas iniciativas a título de exemplo:

- Projecto HABEAS – *Hotspot Areas for Biodiversity and Ecosystem Services*, que desenvolveu um ferramenta *WebGIS* que permite aceder de forma livre e gratuita a um vasto conjunto de informação sobre Áreas de Alto Valor de Conservação para a biodiversidade e serviços do ecossistema localizadas no sul de Portugal. Identifica áreas onde a biodiversidade e os serviços do ecossistema são espacialmente coincidentes, propõe mecanismos de verificação e monitorização independente e descreve três tipos de pagamento de serviços do ecossistema;
- Projecto da Terraprima – Serviços Ambientais, Sociedade Unipessoal Lda. em parceria com a UNAC - União da Floresta Mediterrânica, que promove o sequestro de carbono no solo em áreas sob coberto florestal com pastoreio, por utilização de corta-matos ou destróador no controlo da vegetação arbustiva, sem qualquer mobilização do solo. Financiado pelo Fundo Português de Carbono, prevê um pagamento até 40,00 €/hectare para os produtores que já procedem ao controlo dos matos com corta-matos ou destróador ou os que, tendo utilizado grade antes do período de compromisso (2011-2014), pretendam mudar para um destes métodos. Prevê-se que a maior parte da área aderente seja em montado de sobreiro, embora não seja exclusivo para esta espécie;
- Estudo da Corticeira Amorim e da C.E. Liège com vista à avaliação dos serviços ambientais do montado de sobreiro, à escala da propriedade. O estudo foi desenvolvido com base numa escala local, na Herdade da Machoqueira do Grou, uma propriedade de 2.423 hectares com diferentes usos de solo, incluindo cerca de 1.000 hectares de montado de sobreiro, que tem apostado na implementação de boas práticas de gestão. Caracterizou os serviços ambientais à escala da propriedade, estabeleceu relações de causalidade entre as práticas de gestão agro-florestal e os serviços do ecossistema e, por último, atribuiu um valor a esses mesmos serviços. Concluiu-se que o valor mínimo dos serviços do ecossistema prestados nos cerca de 1.000 hectares de montado de sobreiro da Machoqueira do Grou, mesmo sem avaliar o serviço de “regulação hidrológica”, atinge pelo menos 100 euros/ano por hectare (Corticeira Amorim, 2011).

De acordo com este último estudo, os serviços prestados pela área de sobreiro nacional podem representar um valor de 71,5 Milhões de Euros por ano.

2.4 Indicadores Ambientais

2.4.1 Reciclagem de Cortiça

Até à data, e no que concerne a Portugal, só a Corticeira Amorim SGPS S.A. publica dados relativos à reciclagem de cortiça, através de vários programas de reciclagem que tem vindo a dinamizar.

Uma das vantagens ambientais da reciclagem de cortiça reside no facto de este material incorporar carbono fixado pelos sobreiros, que aí se mantém durante todo o tempo de vida útil do produto. Verifica-

-se, portanto, que o aumento do ciclo de vida desta cortiça, através da reciclagem, atrasa a emissão desse carbono de volta para a atmosfera (CA SGPS, S.A., 2011).

De acordo com a Tabela 20, o consumo de cortiça reciclada na Corticeira Amorim em 2010 ascendeu a 349 toneladas de cortiça. As variações inter-anuais devem-se, em parte, a oportunidades de reciclagem que surgem, de que é exemplo em 2009 a obtenção de uma quantidade extraordinária de aglomerado de cortiça expandida – fruto da demolição, em Portugal, de grandes instalações industriais de refrigeração.

TABELA 20 - CONSUMO DE CORTIÇA RECICLADA NA CORTICEIRA AMORIM (TON)
Fonte: CA SGPS (2011)

Produtos Reciclad	Ano				
	2006	2007	2008	2009	2010
Rolhas de Cortiça	16	222	147	92	99
Outros Produtos de Cortiça	n.a.	124	37	570	250
TOTAL	16	346	184	662	349

2.4.2 Alterações Climáticas

2.4.2.1 Análise do ciclo de vida das rolhas de cortiça versus vedantes de plástico e de alumínio

Num estudo realizado pela *PricewaterhouseCoopers/ECOBILAN* e promovido pela Corticeira Amorim sobre o ciclo de vida das rolhas de cortiça em comparação com as cápsulas de alumínio e vedantes de plástico concluiu-se que as rolhas de cortiça apresentam um desempenho ambiental superior face aos vedantes alternativos para seis dos sete indicadores analisados (Tabela 21):

TABELA 21 - DESEMPENHO AMBIENTAL DE VEDANTES DE VINHO (RELATIVO)
Fonte: *PricewaterhouseCoopers/ECOBILAN* (2008)

Indicador Ambiental	Tipo de Vedantes		
	Cortiça	Alumínio	Plástico
Consumo de energia não renovável	1,00	4,33	4,87
Consumo de água	1,90	1,00	3,06
Emissão de gases com efeito de estufa	1,00	24,24	9,67
Contribuição para a acidificação atmosférica	1,00	6,15	1,54
Contribuição para a deterioração da camada de ozono	1,00	4,04	1,48
Contribuição para a eutrofização	1,00	1,10	1,52
Produção de resíduos sólidos	1,00	1,99	1,57

Relativamente ao indicador directamente relacionado com as alterações climáticas, a emissão de gases com efeito de estufa, os resultados indicam que as emissões de CO₂ da rolha de cortiça são muito inferiores comparativamente aos vedantes alternativos (Tabela 22):

- 10% das emissões de CO₂ dos vedantes de plástico;
- 4% das emissões de CO₂ dos vedantes de alumínio.

TABELA 22 - ANÁLISE DO CICLO DE VIDA DAS ROLHAS DE CORTIÇA VERSUS VEDANTES DE PLÁSTICO E DE ALUMÍNIO

Fonte: *PricewaterhouseCoopers/ECOBILAN* (2008)

Indicador	Tipo de Vedantes		
	Cortiça	Alumínio	Plástico
Emissão de Gases com Efeito de Estufa (g CO ₂ eq./1000 vedantes)	1.534	37.172	14.833

Este desempenho comparativo melhora ainda de forma extremamente significativa se associarmos à produção de rolhas de cortiça a componente de sumidouro de CO₂ assegurada pelo montado de sobreiro (Tabela 23). Com este enquadramento, a produção de rolhas de cortiça deixa de ter uma componente de emissão, passando a ter um efeito de sumidouro.

TABELA 23 - EMISSÃO DE GASES COM EFEITO DE ESTUFA
Fonte: CA SGPS (2011)

Indicador	Tipo de Vedantes		
	Cortiça	Alumínio	Plástico
Emissão de Gases com Efeito de Estufa (g CO ₂ eq./1000 vedantes)	-147.203	37.172	14.833

2.4.2.2 Sequestro de Carbono

De acordo com os resultados do 5.º IFN (Autoridade Florestal Nacional, 2010) o carbono armazenado (*stock*) em montado de sobreiro, cerca de 60 milhões de toneladas de CO₂equivalente, corresponde a 23% do total florestal nacional.

Um aspecto de grande importância é o facto da extração de cortiça ter um efeito mínimo no *stock* e no balanço de carbono dos montados. De facto, estima-se que a cortiça extraída dos sobreiros em cada 9 anos represente aproximadamente 4% da produção de biomassa total das árvores em igual período. Isto significa que a exploração de cortiça no montado não afecta a função de sumidouro de carbono do ecossistema ao contrário das florestas exploradas para madeira, nas quais as árvores, reservatórios de carbono, são cortadas (Pereira J.S. *et al*, 2008).

2.4.3 Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas

De acordo com a Avaliação para Portugal do *Millennium Ecosystem Assessment* a biodiversidade e os ecossistemas são conceitos estritamente relacionados. A biodiversidade inclui a diversidade dentro de cada espécie (a nível genético), entre espécies e entre ecossistemas. A diversidade é uma característica estrutural dos ecossistemas e a variabilidade dentro destes é um elemento da biodiversidade. A biodiversidade não constitui em si um serviço do ecossistema mas sustenta a oferta de serviços dos ecossistemas.

Os serviços dos ecossistemas são os benefícios que as pessoas obtêm dos ecossistemas, designadamente:

- Serviços de produção – produtos obtidos a partir dos ecossistemas (cortiça, alimentos, água potável, combustível, produtos lenhosos, fibras, etc.);
- Serviços de regulação – benefícios obtidos através da regulação dos processos dos ecossistemas (regulação do clima, regulação da água, controlo da erosão, purificação da água, controlo de doenças);
- Serviços culturais - benefícios não materiais obtidos a partir dos ecossistemas (espirituais e religiosos, recreio e ecoturismo, educacionais, herança cultural, etc.);
- Serviços de suporte – serviços necessários para a produção de todos os outros serviços dos ecossistemas (formação do solo, ciclo dos nutrientes e produção primária).

Alterações nestes serviços afectam o bem-estar humano de diversas formas, com impactos na segurança, nos recursos materiais básicos para uma vida com qualidade, na saúde e nas relações sociais e culturais (Pereira *et al*, 2009).

O montado de sobro constitui um dos melhores exemplos da inter-relação existente entre Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas. Possui elevados níveis de biodiversidade – assegura a protecção e a conservação de espécies e habitats de elevado valor e, simultaneamente, fornece um conjunto extenso de serviços dos ecossistemas – sequestro de carbono, conservação do solo, combate à desertificação, regularização do ciclo hidrológico, etc.

Os montados, embora geridos numa perspectiva de produção de bens de mercado, constituem sistemas agro-florestais de elevada importância para a biodiversidade. Dominantes a Sul do Tejo, os ecossistemas de montado suportam comunidades biodiversas, desde os níveis tróficos mais baixos, com comunidades de invertebrados ricas e características, até aos níveis tróficos mais altos, sendo habitats importantes para a conservação de várias espécies de aves de rapina e mamíferos carnívoros. Destacam-se algumas das espécies mais ameaçadas no mundo como o lince ibérico (*Lynx pardinus*) e a águia imperial ibérica (*Aquila adalberti*). O modelo de gestão extensiva dos montados, dirigido à manutenção de funções agro-silvo-pastoris, contribui para a formação de habitats estruturalmente diversos e de grande longevidade, favoráveis à permanência de comunidades estáveis e diversas. Mais de 130 espécies de vertebrados frequentam, embora não exclusivamente, os habitats de montado, tornando-o um dos ecossistemas terrestres mais ricos do país. Esta elevada riqueza específica é também explicada pela extensa área de distribuição dos montados e pela sua continuidade (Pereira *et al*, 2009).



São também relevantes ao nível da conservação e protecção do solo, estabilizando o solo contra os processos de erosão. Ao aumentar os níveis de matéria orgânica dos solos, os Montados contribuem para uma melhor retenção de água, facilitam a sua infiltração no solo e diminuem as perdas por escoamento superficial, regulando o ciclo hidrológico. Este serviço é particularmente relevante em áreas com maior valor de escoamento superficial e mais sensíveis à desertificação (WWF/CEABN, 2008).

Também no sequestro de carbono o montado de sobro é relevante já que, ainda que possuindo um sequestro líquido anual inferior a outras árvores, o facto de serem árvores de grande longevidade (centenas de anos) e de a sua exploração não implicar o corte das árvores, assegura o armazenamento de carbono durante períodos muito longos. Em síntese, apresentam-se alguns dos principais indicadores relativos ao desempenho do montado de sobro no âmbito da Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas:



TABELA 24 – DESEMPENHO DO MONTADO DE SOBREIRO NO ÂMBITO DA BIODIVERSIDADE E SERVIÇOS DOS ECOSISTEMAS

Fonte: WWF/CEABN (2008)

Biodiversidade/ Serviços do Ecossistema	Indicador	Valor
Biodiversidade	Áreas florestais extensas de montado de sobreiro à escala da paisagem Fonte: HABEAS - Hotspot Areas for Biodiversity and Ecosystem Services (www.habeas-med.org) (Análise relativa a 96% da área de montado de sobreiro a nível nacional)	547.825 ha
	Área de Sobreiro na Rede Nacional de Áreas Protegidas Fonte: Autoridade Florestal Nacional (2010)	21.547 ha (12% da área florestal da RNAP)
	Área de Sobreiro em Rede Natura 2000 Fonte: Autoridade Florestal Nacional (2010)	129.201 ha (21% da área florestal da RN 2000)
	Diversidade de flora vascular em montado de sobreiro Fonte: Díaz-Villa et al. 2003 cit in Bugalho et al. 2011	Até 135 espécies/0,1 ha
	Protecção das Bacias Hidrográficas e Regulação do Ciclo Hidrológico	Áreas de montado de sobreiro em áreas com taxas de recarga do aquífero, superiores 150 mm/ano Fonte: HABEAS - Hotspot Areas for Biodiversity and Ecosystem Services (www.habeas-med.org) (Análise relativa a 96% da área de montado de sobreiro a nível nacional; não inclui os aquíferos da Bacia de Alvalade e de Sines, que estão localizados sob áreas importantes de montado de sobreiro)
Sequestro de Carbono	Sequestro líquido anual de carbono de montado de sobreiro Fonte: Corticeira Amorim (2010)	4,8 milhões de toneladas de CO ₂
	Carbono armazenado (stock) em montado de sobreiro Fonte: Autoridade Florestal Nacional (2010)	60 milhões de toneladas de CO ₂ equivalente
Conservação e Protecção do Solo	Zonas de grande susceptibilidade à desertificação ocupada com Sobreiro	342.000 ha

2.5 Formação Profissional

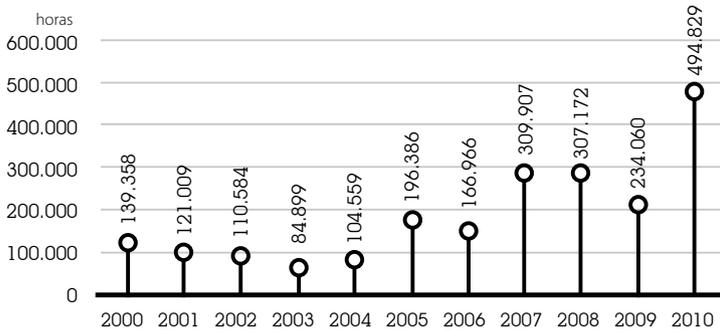
Relativamente à Formação Profissional no sector da indústria da cortiça, apresenta-se a informação disponibilizada pelo CINCORK – Centro de Formação Profissional da Indústria da Cortiça, para o período 2000-2010.

No Gráfico 14, é possível analisar a evolução do volume de formação no período 2000-2010, que depende directamente do número de acções de formação anual, da sua duração (horas) e do número de formandos que participaram nas mesmas.

Entre 2000 e 2004 verificou-se um volume de formação anual sempre próximo das 100.000 horas. A partir de 2005, constata-se um aumento do volume de formação relativamente ao quinquénio anterior, observando-se nos anos seguintes, 2006 e 2009, uma diminuição relativamente ao ano imediatamente anterior. O ano 2010 culmina com um aumento significativo do volume de formação, com cerca de 500.000 horas, que correspondem a mais do dobro do valor atingido em 2009.

GRÁFICO 14 - EVOLUÇÃO DO VOLUME DE FORMAÇÃO (HORAS) NO PERÍODO 2000-2010

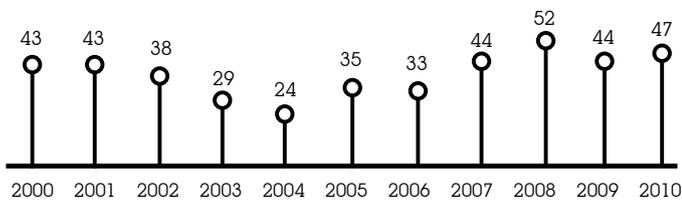
Fonte: CINCORK (2011)



No Gráfico 15 é possível analisar a evolução do número de acções de formação ministradas durante o período 2000-2010, verificando-se que entre os anos 2003 e 2006 o número de acções de formação foi inferior. Durante o período 2007-2010 realizaram-se anualmente mais acções de formação que nos anos anteriores, destacando-se o ano 2008 com 52.

GRÁFICO 15 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ACÇÕES DE FORMAÇÃO NO PERÍODO 2000-2010

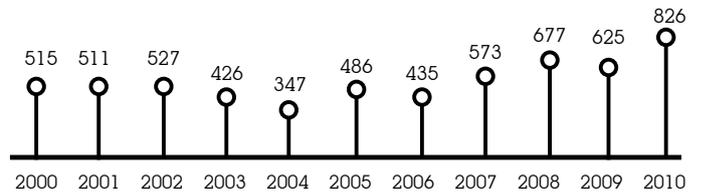
Fonte: CINCORK (2011)



Ao analisar o Gráfico 16, referente à evolução do número de formandos no período 2000-2010, verifica-se uma participação inferior nas acções de formação no período que decorre entre os anos 2003 e 2006, registando-se o valor mais baixo em 2003, com 347 formandos. O maior número de participantes verifica-se entre 2007 e 2010, atingindo um valor significativamente mais elevado em 2010, com 826 formandos.

GRÁFICO 16 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE FORMANDOS NO PERÍODO 2000-2010

Fonte: CINCORK (2011)



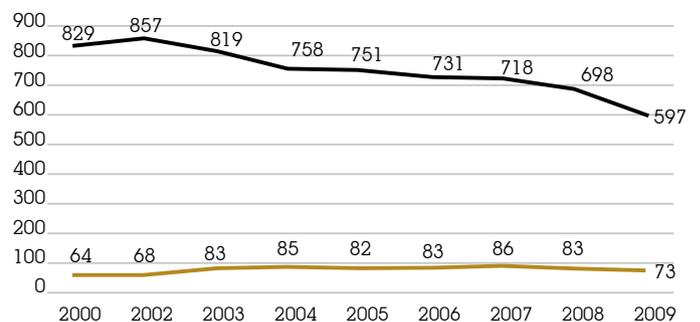
2.6 Tecido Empresarial

De acordo com informação do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, o número de empresas da indústria da cortiça tem diminuído ao longo do período 2000-2009, verificando-se uma taxa de variação de -28% entre os anos 2000 e 2009, registando-se 597 empresas em 2009 (Gráfico 17).

Relativamente às empresas do comércio por grosso de cortiça em bruto verifica-se um aumento do número de empresas no período 2000-2009, tendo-se registado uma diminuição mais significativa entre 2008 e 2009.

GRÁFICO 17 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA E DO COMÉRCIO POR GROSSO DE CORTIÇA EM BRUTO NO PERÍODO 2000 - 2009*

Fonte: MSSS (2011)



Indústria da Cortiça

Comércio por Grosso de Cortiça em Bruto

* Não existe informação disponível relativa ao ano 2001.

Como se pode verificar na Tabela 25, a diminuição do número de empresas referida anteriormente tem ocorrido de forma mais significativa nas empresas cujo escalão de pessoal ao serviço é inferior a 49 pessoas.

TABELA 25 - NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA NO PERÍODO 2000 - 2009*, POR ESCALÃO DE PESSOAL AO SERVIÇO

Fonte: MSSS (2011)

Escalão de Pessoal ao Serviço	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Varição 09/00
De 1 a 4 pessoas	390	423	425	394	396	389	373	372	346	-44
De 5 a 9 pessoas	214	223	197	170	164	160	161	148	102	-112
De 10 a 19 pessoas	110	110	101	93	87	88	85	81	69	-41
De 20 a 49 pessoas	71	62	57	59	61	54	58	60	49	-22
De 50 a 99 pessoas	20	20	20	22	22	20	24	20	18	-2
De 100 a 149 pessoas	10	8	9	12	13	12	7	5	7	-3
De 150 a 199 pessoas	8	4	5	4	3	2	4	6	1	-7
De 200 a 249 pessoas	3	4	2	1	1	2	2	1	1	-2
De 250 a 499 pessoas	1	1	1	2	3	3	3	3	3	2
De 500 a 999 pessoas	2	1	1	0	0	0	0	1	0	-2
1000 e mais pessoas	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1
TOTAL	829	857	819	758	751	731	718	698	597	-232

* Não existe informação disponível relativa ao ano 2001.

Efectuando uma análise mais específica às empresas da indústria da cortiça, por actividade económica, no ano 2009, constata-se que é no fabrico de rolhas de cortiça que se regista o maior número de empresas, cerca de 70%. No entanto, destas, aproximadamente 59% possuem apenas até quatro trabalhadores (Tabela 26).

TABELA 26 - NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA, POR ACTIVIDADE ECONÓMICA (CAE REV.3), EM 2009, POR ESCALÃO DE PESSOAL AO SERVIÇO

Fonte: MSSS (2011)

Escalão de Pessoal ao Serviço	Indústria de Preparação da Cortiça (16293)	Fabrico de Rolhas de Cortiça (16294)	Fabrico de Outros Produtos de Cortiça (16295)	Total
De 1 a 4 pessoas	82	247	17	346
De 5 a 9 pessoas	27	71	4	102
De 10 a 19 pessoas	13	45	11	69
De 20 a 49 pessoas	6	34	9	49
De 50 a 99 pessoas	5	12	1	18
De 100 a 149 pessoas	1	4	2	7
De 150 a 199 pessoas	0	1	0	1
De 200 a 249 pessoas	0	1	0	1
De 250 a 499 pessoas	0	1	2	3
1000 e mais pessoas	0	1	0	1
TOTAL Geral	134	417	46	597
Proporção (%)	22%	70%	8%	100%

* Não existe informação disponível relativa ao ano 2001.

Ao nível da natureza jurídica (Tabela 27), as tipologias em que se regista o maior número de empresas são, por ordem decrescente, as sociedades por quotas, os empresários em nome individual e as sociedades anónimas. A taxa de variação percentual do número de empresários em nome individual entre 2000 e 2009 foi de aproximadamente -75%, seguida da taxa de variação percentual das sociedades por quotas com o valor de -11%. No caso das sociedades anónimas verificou-se um aumento do número de empresas entre os anos 2000 e 2009, cerca de 44%. No entanto, em 2009 ocorreu uma diminuição de 11% do número de sociedades anónimas relativamente a 2008. Quanto ao volume de negócios (Tabela 28), 307 das empresas (51,4% do total) possuem um volume de negócios inferior a 0,5 Milhões de Euros, enquanto só existem 19 empresas (3,2%) com volume de negócios superior a 10 Milhões de Euros.



TABELA 27 - NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA NO PERÍODO 2000 - 2009*, POR NATUREZA JURÍDICA

Fonte: MSSS (2011)

Natureza Jurídica	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Sociedade em Nome Colectivo	1	2	1	0	0	0	1	4	3
Sociedade Anónima	39	44	57	63	69	63	63	63	56
Sociedade em Comandita	0	1	1	1	1	0	0	0	0
Sociedade por Quotas	520	596	580	552	551	547	530	514	464
Pessoa Singular	0	1	6	5	0	0	0	6	3
Entidade Equiparada Estrangeira	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Empresário em Nome Individual	269	213	172	136	128	119	122	109	68
Sociedade Irregular	0	0	1	1	2	2	2	2	2
TOTAL	829	857	819	758	751	731	718	698	597

* Não existe informação disponível relativa ao ano 2001.

TABELA 28 - NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA NO PERÍODO 2000 - 2009*, POR ESCALÃO DE VOLUME DE NEGÓCIOS

Fonte: MSSS (2011)

Escalão Volume de Negócios	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Menos de 50 Milhares de Euros	45	77	57	56	60	61	53	53	41
De 50 a 149 Milhares de Euros	133	115	108	116	111	120	121	113	99
De 150 a 249 Milhares de Euros	88	88	85	67	75	77	82	82	72
De 250 a 499 Milhares de Euros	155	126	140	128	125	117	110	99	95
De 500 a 999 Milhares de Euros	112	125	118	120	113	109	104	106	70
De 1.000 a 1.999 Milhares de Euros	98	102	110	86	85	71	83	76	64
De 2.000 a 4.999 Milhares de Euros	85	81	72	72	72	76	67	70	61
De 5.000 a 9.999 Milhares de Euros	24	27	38	32	29	20	30	28	19
De 10.000 a 49.999 Milhares de Euros	22	21	22	24	25	24	20	19	16
De 50.000 a 499.999 Milhares de Euros	2	3	2	3	3	3	4	3	3
Ignorado	65	92	67	54	53	53	44	49	57
TOTAL	829	857	819	758	751	731	718	698	597

* Não existe informação disponível relativa ao ano 2001.

Enquadrando agora o número de empresas por escalão de volume de negócios nas três actividades económicas da Indústria da Cortiça (Tabela 29) - Preparação da Cortiça, Fabrico de Rolhas de Cortiça e Fabrico de outros Produtos de Cortiça, constata-se que no escalão de volume de negócios inferior a 0,5 Milhões de Euros são as empresas de Fabrico de Rolhas de Cortiça que predominam (231 empresas, cerca de 74% do total deste tipo de empresas).

Já nas empresas com volume de negócios superior a 10 Milhões de Euros, embora existam mais empresas de Fabrico de Rolhas de Cortiça (13 empresas), a sua importância relativa dentro de cada actividade económica é aproximadamente igual (Preparação da Cortiça, 3,7%; Fabrico de Rolhas de Cortiça, 4,2%; e Fabrico de outros Produtos de Cortiça, 5,6%).

Destaque ainda para o facto de existir uma empresa em cada actividade económica com volume de negócios superior a 50 Milhões de Euros.



TABELA 29 - NÚMERO DE EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CORTIÇA, POR ACTIVIDADE ECONÓMICA (CAE REV. 3), EM 2009, POR ESCALÃO DE VOLUME DE NEGÓCIOS

Fonte: MSSS (2011)

Escalão Volume de Negócios	Indústria de Preparação da Cortiça (16293)	Fabrico de Rolhas de Cortiça (16294)	Fabrico de Outros Produtos de Cortiça (16295)	Total
Menos de 50 Milhares de Euros	10	28	3	41
De 50 a 149 Milhares de Euros	15	77	7	99
De 150 a 249 Milhares de Euros	17	54	1	72
De 250 a 499 Milhares de Euros	16	72	7	95
De 500 a 999 Milhares de Euros	19	44	7	70
De 1000 a 1999 Milhares de Euros	24	34	6	64
De 2000 a 4999 Milhares de Euros	9	46	6	61
De 5000 a 9999 Milhares de Euros	3	12	4	19
De 10000 a 49999 Milhares de Euros	3	12	1	16
De 50000 a 499999 Milhares de Euros	1	1	1	3
Ignorado	17	37	3	57
TOTAL GERAL	109	312	36	457

Em relação às habilitações literárias do pessoal ao serviço (Tabela 30), é possível constatar uma melhoria substancial realizada no seio da indústria da cortiça:

- A taxa de pessoal com habilitações literárias inferior ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, passou de 3,8% em 2000 para 2,2% em 2009 (192 pessoas);
- O pessoal com a escolaridade mínima obrigatória (Ensino Secundário) é actualmente de 19,4% (era de 10,6% em 2000);
- O pessoal com habilitações literárias superiores à escolaridade mínima obrigatória (Ensino Secundário) é actualmente de 7,5% (era de 3,8% em 2000).

TABELA 30 - PESSOAL AO SERVIÇO (N.º) NO PERÍODO 2000 - 2009*, SEGUNDO AS HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Fonte: MSSS (2011)

Habilitações Literárias	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Inferior ao 1º Ciclo do Ensino Básico	468	447	421	353	318	282	256	248	192
1º Ciclo do Ensino Básico	5.990	5.423	5.176	4.995	4.851				
2º Ciclo do Ensino Básico	3.190	3.264	3.060	2.977	3.050	8.839	8.840	8.463	6.833
3º Ciclo do Ensino Básico	1.169	1.170	1.231	1.296	1.364				
Ensino Secundário	831	965	885	962	1.005	1.003	1.045	1.065	1.025
Ensino pós Secundário não Superior Nível IV	0	0	0	0	0	8	20	17	14
Bacharelato	136	160	176	179	185	172	167	162	148
Licenciatura	333	403	426	464	489	481	500	524	485
Mestrado	0	0	0	0	0	15	16	17	19
Doutoramento	0	0	0	0	0	4	4	6	5
Ignorado	145	384	61	37	20	32	12	3	2
TOTAL	12.262	12.216	11.436	11.263	11.282	10.836	10.860	10.505	8.723

* Não existe informação disponível relativa ao ano 2001.

A análise pelo nível de qualificação revela que as qualificações com maior representatividade correspondem aos profissionais não qualificados, semi-qualificados e qualificados, que no seu conjunto representam 80,5% do total do pessoal ao serviço.

Destaque também para o facto dos profissionais altamente qualificados, os quadros médios e os quadros superiores representarem 12,5% do total do pessoal ao serviço.

Através da análise entre 2000 e 2009 constata-se que os únicos níveis de qualificação que apresentaram um crescimento efectivo, não obstante a redução generalizada do pessoal ao serviço, foram os profissionais altamente qualificados (mais 12,2%) e os quadros médios (mais 166,7%).

TABELA 31 - PESSOAL AO SERVIÇO (N.º) NO PERÍODO 2000 - 2009*, SEGUNDO O NÍVEL DE QUALIFICAÇÃO

Fonte: MSSS (2011)

Nível Qualificação	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Praticantes e Aprendizizes	134	110	67	54	47	50	40	42	20
Encarregados, contra-mestres, mestres e chefes	603	643	621	648	660	634	630	637	596
Profissionais não Qualificados	3.635	3.343	3.277	3.267	3.234	3.155	3.153	2.992	2.331
Profissionais Semi-qualificados	3.238	3.048	2.911	2.863	2.963	2.795	2.771	2.645	2.181
Profissionais Qualificados	3.263	3.512	3.158	2.999	2.963	2.831	2.839	2.811	2.376
Profissionais Altamente Qualificados	147	173	139	170	183	180	188	181	165
Quadros Médios	96	150	143	209	236	210	283	269	256
Quadros Superiores	1.121	1.154	1.063	966	811	824	769	750	652
Ignorado	25	83	57	87	185	157	187	178	146
TOTAL	12.103	12.023	11.312	11.122	11.050	10.629	10.633	10.285	8.557

* Não existe informação disponível relativa ao ano 2001.

2.6.1 Perfil Exportador das PME – Importância da Fileira da Cortiça

De acordo com um estudo realizado pelo INE sobre o Perfil Exportador das PME, em 2009, existiam em Portugal 348.552 micro, pequenas e médias empresas (PME), representando 99,7% do total das sociedades não financeiras. As PME exportadoras de bens representavam cerca de 10% do total das PME em actividade em 2009, ainda assim, com contributos consideravelmente superiores no que respeita à geração de riqueza no seio das PME: acima dos 30% tanto para o volume de negócios como para o VAB^{custo de factores*}.

É de salientar a importância que as PME exportadoras tiveram na actividade económica em 2009, pois embora com um peso de apenas 9,7% em termos de unidades empresariais, geraram 40,0% do volume de negócios e cerca de 35% do VAB^{custo de factores} do total das PME.

Os sectores do Comércio, da Construção e das Indústrias transformadoras, representavam mais de 80% dos principais indicadores económicos das PME exportadoras, nomeadamente 88,8% do volume de negócios gerado em 2009.

Relativamente às exportações de bens das PME por produto, é de salientar que as Obras de Cortiça Natural (NC 4503) foram o 7.º produto nacional mais exportado, evidenciando o perfil maioritariamente exportador da Fileira da Cortiça (Tabela 32).



TABELA 32 – POSIÇÃO CLASSIFICATIVA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS (NC4) EXPORTADOS PELAS PME NO PERÍODO 2007 -2009

Fonte: INE (2011)

Código NC4	Designação do Produto	Posição Classificativa		
		2007	2008	2009
6403	Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de couro natural (excepto calçado ortopédico, calçado fixado em patins, para gelo ou de rodas e calçado com características de brinquedo)	1	1	1
6109	T-shirts e camisolas interiores, de malha	2	2	2
2204	Vinhos de uvas frescas, incluídos os vinhos enriquecidos com álcool; mosto de uvas excluídos os da posição 2009	4	4	3
9403	Móveis e suas partes, não especificadas nem compreendidas noutras posições (excepto assentos e mobiliário para medicina, cirurgia, odontologia ou veterinária)	5	5	4
8480	Caixas de fundição; placas de fundo para moldes; modelos para moldes; moldes para metais (excepto lingoteiras), carbonetos metálicos, vidro, matérias minerais, borracha ou plástico (excepto moldes de grafite ou de outro carbono, de matérias cerâmicas ou vidro, matrizes ou moldes de fundição para máquinas de fundir caracteres compostos em linhas-blocos, da posição 8442)	7	3	5
8708	Partes e acessórios para tractores, autocarros, automóveis de passageiros, veículos automóveis para transporte de mercadorias e veículos automóveis para usos especiais das posições 8701 a 8705, não especificadas nem compreendidas noutras posições	3	6	6
4503	Obras de cortiça natural (excepto em blocos, chapas, folhas ou tiras, de forma quadrada ou rectangular; esboços com arestas vivas, para rolhas, calçado e suas partes, palmilhas amovíveis; chapéus e artefactos de uso semelhante, e suas partes; buchas e separadores, para cartuchos de caça; brinquedos, jogos e artigos de desporto)	6	7	7

2.7 Propriedade Industrial

De acordo com o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), a Propriedade Industrial é uma forma de atribuir um direito de propriedade às criações intelectuais, permitindo assegurar o monopólio ou o uso exclusivo sobre uma determinada invenção, uma criação estética (design) ou um sinal usado para distinguir produtos e empresas no mercado. Existem duas modalidades de propriedade industrial – Patentes e Modelos de Utilidade – as quais têm diferentes procedimentos administrativos, aplicações, duração, etc. Sempre que a patente ou o modelo de utilidade são concedidos, o seu titular passa a deter um exclusivo que lhe confere o direito de impedir que terceiros, sem o seu consentimento, fabriquem artefactos ou produtos objecto de patente, apliquem os meios ou processos patenteados, importem ou explorem economicamente os produtos ou processos protegidos.

De acordo com os dados disponíveis na Base de Dados do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), e utilizando como critério de identificação dos processos de propriedade industrial (só Patentes e Modelos de Utilidade Nacional) as respectivas epígrafes¹, foram identificados 63 processos relacionados com a Fileira da Cortiça (consulta online www.marcaspatentes.pt a 20/06/2011).

De acordo com a análise do Gráfico 18, na Fileira da Cortiça predominou o recurso à utilização da Patente de Invenção Nacional no período 2000-2010, com cerca de 70% dos processos.

2.7.1 Modelo de Utilidade Nacional

Relativamente ao Modelo de Utilidade Nacional² foram identificados 6 processos relacionados com a Fileira da Cortiça, o que representa 0,6% do total de processos submetidos entre 2000 e 2010.

Relativamente à concretização destes processos (Gráfico 19 - ver página 36), constata-se que dos 6 processos, só dois já possuem despacho de concessão publicado (33%).

No que concerne ao tipo de requerente (Gráfico 20 - ver página 36), predomina a empresa com 50% da requisição dos processos.

2.7.2 Patente de Invenção Nacional³

No período considerado, deram entrada no INPI, 44 processos relacionados com a Fileira da Cortiça para a concessão de Patente de Invenção Nacional, o que representa 1,8% do n.º total de processos submetidos.

Quanto à concretização das intenções de propriedade industrial, só cerca de 41% dos processos submetidos entre 2000 e 2010 possuem despacho de concessão publicado (Gráfico 21 - ver página 36). Uma componente significativa dos processos não é concretizada por recusa (34,1%) ou por serem retirados pelos próprios requerentes.

Tal como para o Modelo de Utilidade Nacional, o principal tipo de requerente é a empresa com 43% da requisição dos processos (Gráfico 22 - ver página 36). Merecem, também, destaque, as Instituições de I&D e as Universidades que, no seu conjunto, representam cerca de 32% dos processos.

Não obstante o facto de existirem 10 processos submetidos por requerentes a nível individual (22,7%), é de salientar que nos processos que obtiveram a concessão da patente, só existe um submetido por requerentes individuais.

2.7.3 Patente de Invenção Europeia⁴

Para as Patentes de Invenção Europeia, foram identificados 13 processos associados à Fileira da Cortiça, dos quais só um possui a patente caduca. Todos os restantes possuem a patente atribuída com efeito nacional. Relativamente à nacionalidade do requerente, só 15% dos processos são de origem nacional (Tabela 33).

TABELA 33 - SITUAÇÃO DOS REGISTOS DE PATENTE DE INVENÇÃO EUROPEIA CONCEDIDOS NO SECTOR DA CORTIÇA (%)

Fonte: Consulta online www.marcaspatentes.pt a (20/06/2011)

Situação	N.º	%
Patente - atribuído efeito nacional	12	92%
Patente Caduca	1	8%
TOTAL	13	100%
Titulares Nacionais	2	15,4%

1. Nome atribuído à invenção e que deve identificar claramente o objecto a proteger.

2. Modalidade de propriedade industrial que visa a protecção de invenções novas, implicando uma actividade inventiva e susceptíveis de aplicação industrial, por um procedimento administrativo mais simplificado e acelerado do que o das patentes. As invenções que incidam sobre matéria biológica, substâncias ou processos químicos ou farmacêuticos não podem ser protegidas por modelo de utilidade. A protecção por modelo de utilidade é menos onerosa mas com uma vigência máxima inferior à da patente.

3. Podem ser objecto de protecção por patente, em Portugal, as invenções novas, implicando actividade inventiva, se forem susceptíveis de aplicação industrial, mesmo quando incidam sobre um produto composto de matéria biológica, ou que contenha matéria biológica, ou sobre um processo que permita produzir, tratar ou utilizar matéria biológica. Podem também ser protegidos os processos novos de obtenção de produtos, substâncias ou composições já conhecidas. Existem matérias que não podem ser objecto de protecção por patente, como sejam, entre outros, os métodos de tratamento cirúrgico ou terapêutico do corpo humano ou animal e os métodos de diagnóstico aplicados ao corpo humano ou animal, podendo contudo ser patenteados os produtos, substâncias ou composições utilizados em qualquer desses métodos.

4. Patente concedida pelo Instituto Europeu de Patentes (IEP), ao abrigo da Convenção da Patente Europeia de 5 de Outubro de 1973 e que permite ao requerente, mediante um único pedido de patente depositado no INPI ou no IEP, se for reivindicada a prioridade de um pedido anterior apresentado em Portugal, obter protecção em todos e/ou cada um dos países contratantes da referida Convenção. Uma vez concedida a patente, esta produzirá efeitos em todos os países designados, desde que sejam entregues traduções nos respectivos institutos nacionais e pagas as taxas exigíveis (validação).



2.8 Certificação da Gestão

A Fileira da Cortiça, devido às múltiplas utilizações do produto cortiça, às crescentes exigências dos seus clientes e dos consumidores e à necessidade de diferenciação face aos produtos concorrentes, tem procedido à implementação de rigorosos sistemas de controlo, destacando-se os mais relevantes:

TABELA 34 – PRINCIPAIS SISTEMAS DE CERTIFICAÇÃO DA FILEIRA DA CORTIÇA

Âmbito	Sistema/Norma
Gestão Florestal e de Produto	Certificação FSC (Forest Stewardship Council)
Gestão Florestal e de Produto	Certificação PEFC (Programme for the Endorsement of Forest Certification)
Qualidade	ISO 9001 - Sistemas de Gestão da Qualidade
Ambiente	ISO 14001 - Sistemas de Gestão Ambiental
Segurança Alimentar	ISO 22000:2005 - Sistemas de Gestão da Segurança Alimentar
Produção de Rolhas de Cortiça	Systecode

2.8.1 Gestão Florestal e de Produto

A certificação florestal em Portugal, incluindo-se aqui as iniciativas FSC (*Forest Stewardship Council*) e PEFC (*Programme for the Endorsement of Forest Certification*) – é um processo ainda recente que tem apresentado nos últimos anos uma dinâmica relevante (consulta on-line a 28 de Junho de 2011).

Relativamente à certificação da gestão florestal (GF), e depois de uma fase inicial praticamente limitada às empresas de produção de pasta e papel, actualmente existem 23 certificados de GF (Tabela 35). A preferência tem recaído no sistema FSC, que representa cerca de 70% dos certificados de GF em vigor.

TABELA 35 – NÚMERO DE CERTIFICADOS DE GF EM VIGOR

Fonte: FSC e PEFC (2011)

Sistema de Certificação	Ano					Total
	2007	2008	2009	2010	2011	
PEFC	0	0	3	3	1	7
FSC	1	3	4	6	2	16
TOTAL	1	3	7	9	3	23

A área certificada ascende a 498.892 ha, no entanto, dado que a mesma área pode ser certificada em simultâneo pelos dois sistemas de certificação, estima-se que a área total certificada efectiva seja de 287.596 ha. O sistema que possui mais área certificada é o FSC (Tabela 36) com 284.390 ha, representando já 9% da floresta nacional.

TABELA 36 – ÁREA FLORESTAL CERTIFICADA EM PORTUGAL (HA)

Fonte: FSC e PEFC (2011)

Certificação	Área Total Certificada	Área Florestal Nacional	Área Certificada em % Área Total
PEFC	214.502	3.175.000	6,8%
FSC	284.390		9,0%

Relativamente à área de sobreiro certificada em Portugal (consulta às entidades certificadas), constata-se que é também o sistema FSC que possui mais área certificada para esta espécie (68.176 ha), representando 9,5% da sua área nacional de distribuição.

TABELA 37 – ÁREA DE SOBREIRO CERTIFICADA EM PORTUGAL (%)

Fonte: FSC e PEFC (2011)

Certificação	Área Certificada de Sobreiro	Área de Sobreiro em Portugal	% da Área de Sobreiro Certificada
PEFC	10.962	715.922	1,5%
FSC	68.176		9,5%

Numa análise à certificação florestal de sobreiro nos principais países produtores de cortiça, Portugal e Espanha, revela as seguintes constatações (Tabela 38):

- Sistema FSC é o que possui mais área certificada em qualquer um dos países, totalizando 98.645 ha;
- A área certificada de sobreiro pelo PEFC é aproximadamente igual entre Portugal e Espanha;
- Portugal, com 68.176 ha, possui cerca de 69% do total da área de sobreiro certificada na Península Ibérica.

TABELA 38 – ÁREA DE SOBREIRO CERTIFICADA EM PORTUGAL E ESPANHA (HA)

Fonte: FSC e PEFC (2011)

Certificação	Portugal	Espanha	Total
PEFC	10.962	11.463	22.425
FSC	68.176	30.469	98.645

Atendendo à representatividade da área de sobreiro actualmente certificada, à escala da Península Ibérica (Tabela 39), constata-se que pelo Sistema PEFC está certificada cerca de 1,7% da área total de sobreiro, e que pelo sistema FSC está já certificada 7,6% da área total de sobreiro nesta região.

TABELA 39 – PROPORÇÃO DA ÁREA DE SOBREIRO CERTIFICADA EM PORTUGAL E ESPANHA (%)

Fonte: FSC e PEFC (2011)

Certificação	Área Certificada de Sobreiro (ha)	Área de Sobreiro em Portugal e Espanha (ha)	% da Área Sobreiro Certificada
PEFC	22.425	1.290.170	1,7%
FSC	98.645		7,6%

Merece, ainda, destaque, o facto de ter sido instituído, no âmbito do Fundo Florestal Permanente, um apoio financeiro à certificação da gestão florestal (Despacho n.º 11470/2010, de 29 de Junho do SEFDR-Diário da República 2ª série n.º 135 de 14 de Julho), que apoiava acções de Constituição e Adesão a Sistemas de Certificação da Gestão Florestal.

No âmbito das duas épocas de candidaturas, que decorreram entre Setembro de 2010 e Fevereiro de 2011, o sobreiro foi a principal espécie a candidatar-se, com uma área estimada de 39.175 ha (AFN, 2011), traduzindo a dinâmica crescente dos últimos anos na certificação florestal da Fileira da Cortiça.

Quanto à cadeia de custódia (CdC), e tal como para a gestão florestal, é o sistema FSC o predominante na Fileira da Cortiça, com 16 certificados de CdC, 81% do total existente para os dois sistemas (Tabela 40). Relativamente ao sistema FSC, estes 16 certificados contemplam 34 unidades industriais e/ou organizações certificadas, devido ao facto de algumas organizações possuírem certificação multi-sítio (possibilita a certificação de empresas de grandes dimensões, com várias instalações, que desenvolvem as mesmas funções, métodos e procedimentos).

TABELA 40 – NÚMERO DE CERTIFICADOS DE CDC DA FILEIRA DA CORTIÇA EM VIGOR (PORTUGAL)

Fonte: FSC e PEFC (2011)

Sistema de Certificação	Ano				Total
	2008	2009	2010	2011	
PEFC	1	0	1	1	3
FSC	3	2	8	0	13

A análise aos certificados FSC de CdC para a Fileira da Cortiça a nível mundial (Tabela 41), revela a existência de 45 certificados em 13 Países, dos quais 28,9% são de Portugal. Destaque também para o facto de 71,1% dos certificados estarem concentrados em 4 Países, Portugal, Espanha, França e EUA.

TABELA 41 – NÚMERO DE CERTIFICADOS CDC FSC PARA PRODUTOS CORTIÇA A NÍVEL MUNDIAL

Fonte: FSC (2011)

País	Número	Proporção (%)
África do Sul	1	2,2%
Chile	1	2,2%
Holanda	1	2,2%
Suécia	1	2,2%
Suíça	1	2,2%
Austrália	1	2,2%
Alemanha	2	4,4%
Itália	2	4,4%
Reino Unido	3	6,7%
EUA	6	13,3%
Espanha	6	13,3%
França	7	15,6%
Portugal	13	28,9%
TOTAL	45	100,0%

2.8.2 A Fileira da Cortiça e a GFTN

A GFTN (*Global Forest and Trade Network*) é uma iniciativa da WWF para a promoção de boas práticas de gestão e para transformar o mercado global num instrumento para a conservação das florestas mundiais mais importantes e valiosas. Ao facilitar a criação de ligações comerciais entre empresas comprometidas com políticas de responsabilidade de compras de produtos florestais, o GFTN cria condições de mercado que fomentam a actividade florestal responsável, contribuindo para a conservação das florestas mundiais ao mesmo tempo que assegura benefícios económicos e sociais para os negócios e pessoas que delas dependem (WWF, 2010).

Integrada no GFTN foi criada em 2008 a Rede Ibérica de Comércio Florestal, a qual oferece às empresas um mecanismo de monitorização e verificação das suas práticas de consumo informado e responsável de madeira, papel e cortiça, transformando-as numa força motriz para a gestão florestal sustentável. As empresas aderentes desenvolvem e implementam um Programa de Compra Responsável de Produtos Florestais (madeira, papel e cortiça), o que aumenta progressivamente a oferta de produtos de origem social e ambientalmente responsável, certificados por sistemas credíveis como o FSC (WWF, 2010).

A Fileira da Cortiça tem aderido de forma significativa, representando já 44% do total de organizações aderentes a esta rede ibérica do WWF (Tabela 42). Ao nível da GFTN à escala global, estas organizações representam 3% das organizações aderentes e, de acordo com o WWF, mais de 30% do mercado global de cortiça.

TABELA 42 - MEMBROS DE PORTUGAL E DE ESPANHA DA GLOBAL FOREST & TRADE NETWORK DO WWF

 Fonte: consulta no website http://gftn.panda.org/about_gftn/current_participants/em (13/06/2011)

	Membros do Global Forest & Trade Network (GFTN) do WWF	Membros Gerais	Membros da Fileira da Cortiça
Portugal	AmBioDiv - Valor Natural, Ambiente, Natureza e Sustentabilidade, Lda.	1	
	APF Certifica Group Scheme	1	1
	Corticeira Amorim SGPS, S.A.	1	1
	GRANORTE - Revestimentos de Cortiça, Lda.	1	1
	Grupo Cork Supply	1	1
	Leroy Merlin(Portugal)	1	
	LISTOR - Importação e Distribuição de Materiais de Construção, S.A.	1	
	Grupo Piedade	1	1
	Certisado	1	1
	Coca-Cola Portugal	1	
SUB-TOTAL Portugal	10	6	
Espanha	Benito Sistemas de Carpinteria	1	
	Compania de Servicios de Bebidas Refrescantes-Coca-Cola Espana	1	
	Fundación COPADE	1	
	J. VIGAS	1	1
	LAFARGE CEMENTOS S.A.	1	
	Leroy Merlin	1	
Puertas Puig Oliver, S.L.- Puertas Luvipol	1		
Trefinos	1	1	
SUB-TOTAL Espanha	8	2	
TOTAL (Portugal + Espanha)	18	8	
TOTAL Mundial	270	3,0%	

2.8.3 Certificação de Sistemas de Gestão, Ambiente e Segurança Alimentar

No âmbito da certificação da qualidade, ambiente e segurança alimentar, os dados foram obtidos no IPAC (Base de Dados Nacional dos

Sistemas de Gestão Certificados – lista as entidades cujos sistemas de gestão tenham sido certificados no âmbito da acreditação IPAC), mas não representam a totalidade das empresas certificadas da fileira da cortiça (foi solicitada informação às entidades certificadoras registadas para Portugal, mas só a *Lloyd's Register Quality Assurance Limited* (LRQA) respondeu).

Verifica-se um claro predomínio das empresas certificadas pela ISO 9001 - Sistemas de Gestão da Qualidade (66,7%), seguindo-se a certificação pela ISO 22000 - Sistemas de Gestão da Segurança Alimentar (26,7%) (Tabela 43).

TABELA 43 – N.º DE EMPRESAS DA FILEIRA DA CORTIÇA COM SISTEMAS DE GESTÃO CERTIFICADOS - ISO 14001, ISO 9001 E ISO 22000

Fonte: IPAC e LRQA (2011)

Sistemas de Gestão	N.º de Empresas	N.º de Empresas em % do Total
ISO 9001 - Sistemas de Gestão da Qualidade	30	66,7%
ISO 14001 - Sistemas de Gestão Ambiental	3	6,7%
ISO 22000 - Sistemas de Gestão da Segurança Alimentar	12	26,7%
TOTAL	45	100%

2.8.4 Certificação SYSTECODE

Estabelecido em 2000 pela *Confédération Européenne du Liège* (CELiège), o SYSTECODE (Sistema de Acreditação de Empresas da Indústria da Cortiça mediante o Código Internacional das Práticas Rolheiras - CIPR) atesta o cumprimento do CIPR, isto é, assegura ao mercado, num processo de auto-regulação, que as empresas trabalham de acordo com um referencial de boas práticas de fabrico para a Indústria Rolheira, o qual tem vindo a incorporar, de forma sistemática, os requisitos do mercado vitivinícola e das cadeias de distribuição.

De acordo com a CELiège, o impacto do SYSTECODE foi extremamente positivo para a Indústria da Cortiça, ao possibilitar:

- elevar o nível qualitativo do sector;
- introdução de rigor e motivação nas empresas para políticas sistematizadas na área da qualidade;
- uniformidade de critérios na fabricação de rolhas;
- compromisso voluntário da indústria para a melhoria da qualidade do seu produto e serviço;
- aprofundar do conhecimento sobre o 2,4,6-Tricloroanisol e, sobretudo, melhorar a sua prevenção;
- aumentar a capacidade das empresas para a rastreabilidade do produto;
- implementar as boas práticas de fabrico no sector.

A evolução da certificação SYSTECODE no período 2000-2010 (Gráfico 23), foi extremamente positiva, tendo atingido um pico no número de empresas certificadas nos anos 2007 e 2008.

Actualmente, estão certificadas por este sistema 385 empresas a nível mundial, das quais 278 (72%) estão em Portugal e 68 (17,7%) em Espanha, os países naturalmente dominantes (Tabela 44). Existem ainda empresas certificadas em França, Itália, Marrocos, Tunísia e Alemanha, mas com menos expressão.

TABELA 44 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO N.º DE EMPRESAS DA FILEIRA DA CORTIÇA COM CERTIFICAÇÃO SYSTECODE

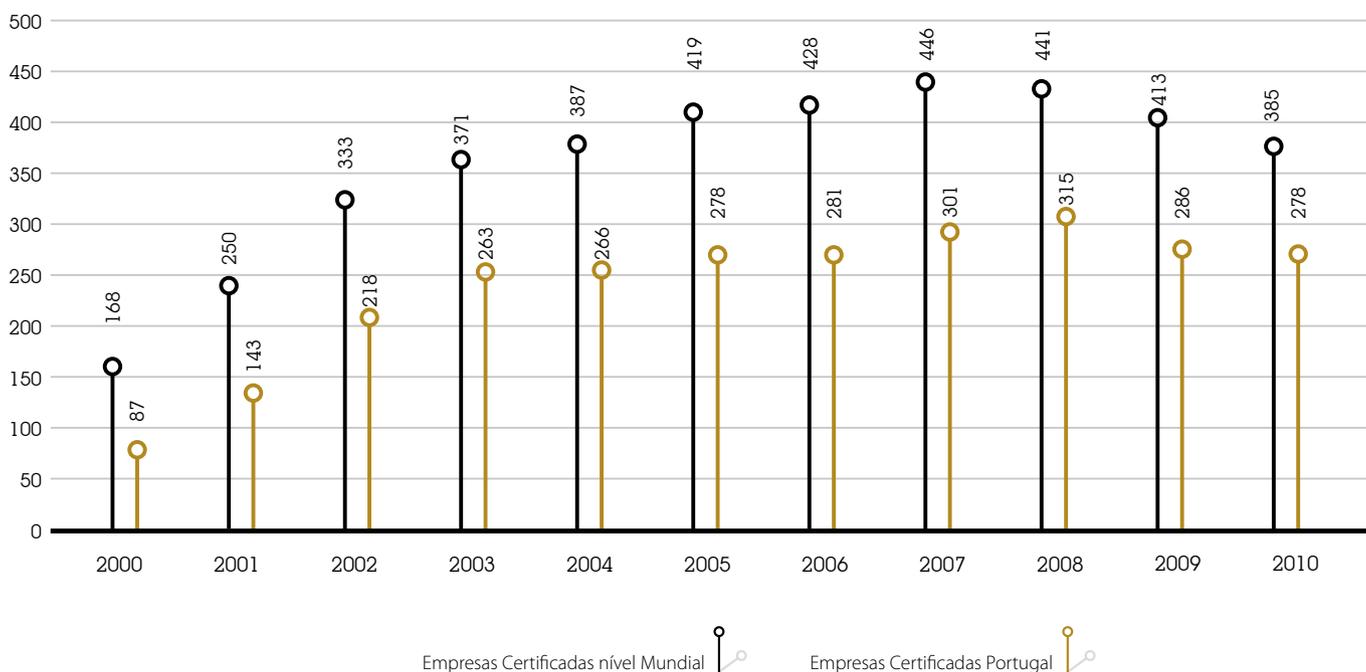
Fonte: CELiège (2011)

País	N.º Empresas Certificadas	N.º Empresas Certificadas
Portugal	278	72,2%
Espanha	68	17,7%
França	18	4,7%
Itália	13	3,4%
Marrocos	5	1,3%
Tunísia	2	0,5%
Alemanha	1	0,3%
TOTAL	385	100,0%

“Portugal assume a liderança no SYSTECODE com 278 empresas certificadas.”

GRÁFICO 23 – EMPRESAS CERTIFICADAS PELO SYSTECODE (2000-2010)

Fonte: CELiège (2011)



2.8.5. Normalização

A Normalização, actividade destinada a estabelecer, face a problemas reais ou potenciais, disposições para utilização comum e repetida, tendo em vista a obtenção do grau óptimo de ordem, num determinado contexto, definição conforme a norma NP EN 45020:2001, iniciou-se no domínio da cortiça através da CT 16 (Comissão Técnica de Normalização) em 1957.

Desde então, esta comissão técnica tem tratado vários assuntos e estabelecidas diversas normas relativas à matéria-prima, terminologia, métodos de ensaio e especificações relativas aos produtos de cortiça. Actualmente a CT 16 é gerida no seio da APCOR enquanto ONS - Organismo Sectorial de Normalização, em articulação com o IPQ - Instituto Português da Qualidade, sendo este o Organismo Nacional de Normalização, ONN, que coordena a actividade normativa em Portugal.

A nível europeu, três grupos abarcam o domínio de trabalho relacionado directamente com os produtos de isolamentos (CEN/TC88), os revestimentos (CEN/TC 134 e CEN/TC 99), publicando as normas EN e a nível internacional um grupo (ISO /TC 87) que está relacionado directamente com o sector da cortiça e publica as normas ISO - International Organization for Standardization.

Do trabalho desta comissão (CT16) resultou até aos nossos dias cerca de 45 normas portuguesas (NP), 65 normas europeias (EN) e 55 normas internacionais (ISO).

Para ficarmos com uma ideia do trabalho normativo fora de Portugal, temos cerca de 14.000 documentos normativos do CEN, que envolve mais de 60.000 peritos. Elaboram um projecto de documento que é aprovado por consenso e é voluntário na sua aplicação: uma norma europeia. É um projecto comum de 29 países europeus que estão empenhados em atingir os seguintes objectivos comuns:

- Assegurar uma maior eficiência económica;
- Proteger os consumidores europeus;
- Salvaguardar o ambiente;
- Facilitar as trocas comerciais dentro da Europa.

A nível da ISO temos mais de 18.500 documentos normativos, com uma participação activa de 162 países e com uma publicação anual de cerca de 1.100 novos documentos.

A evolução da normalização foi sem dúvida muito positiva, podendo mesmo afirmar-se que actualmente com a publicação da Directiva Produtos de Construção, estaríamos bloqueados na comercialização dos produtos de cortiça, o que não acontece graças à existência das várias normas.

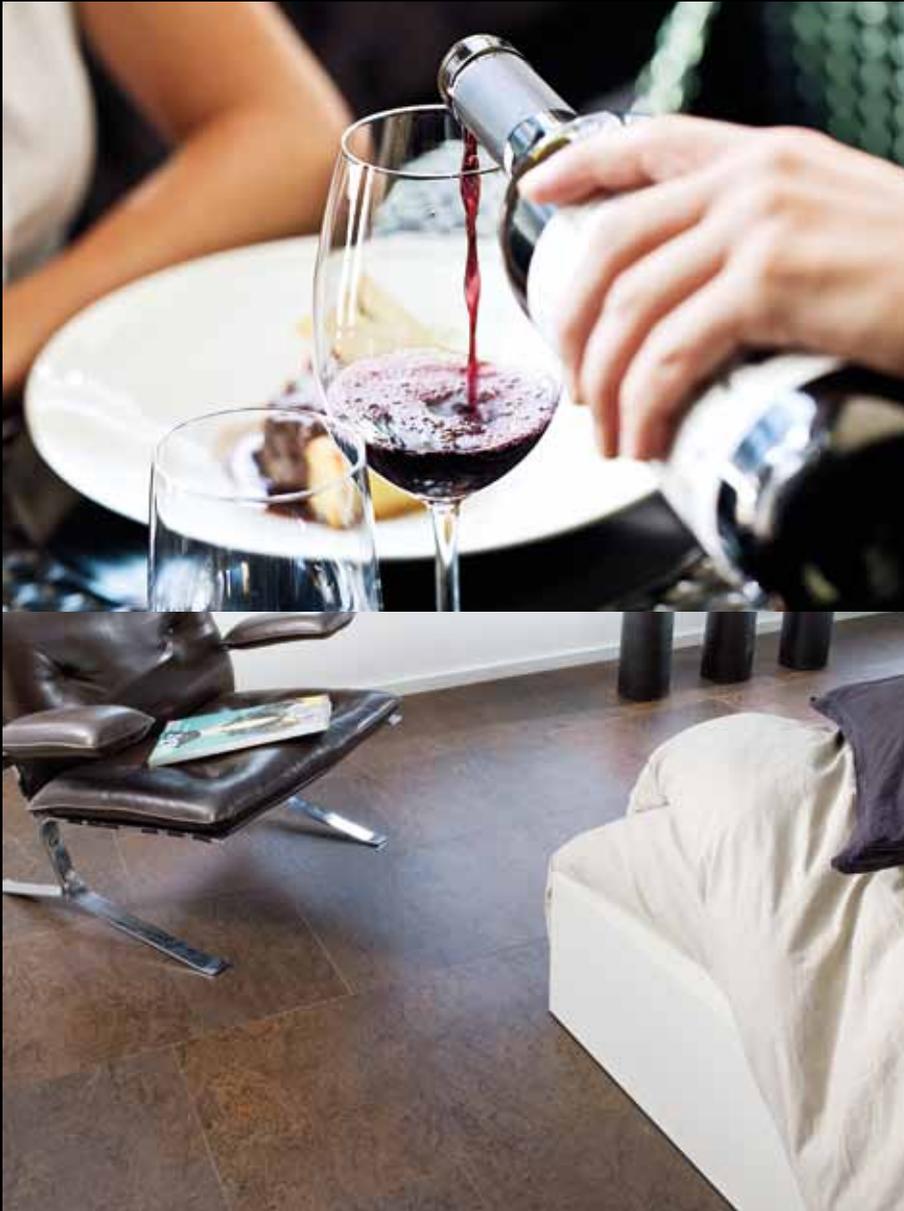
Há dados europeus que confirmam que:

- As normas e regulamentos afectam mais de 80% das transacções mundiais de produtos;
- As normas europeias permitem aos cidadãos europeus viajar através de uma Europa livre de barreiras;
- Uma norma europeia é aceite e utilizada em 29 países europeus;
- Mais de 60.000 peritos em representação da indústria, governos, associações de consumidores e organizações voluntárias contribuem para a elaboração e melhoria das normas europeias, servindo assim um mercado de mais de 450 milhões de pessoas;

- As normas europeias facilitam a rápida transferência de inovações para o mercado.

As normas ajudam a criar um mercado único na Europa uma vez que todos os produtos têm de cumprir os mesmos requisitos essenciais. Promovem ainda a rápida aplicação das inovações técnicas e criam os necessários interfaces para assegurar que vários produtos sejam interligáveis ou intermutáveis.





3.

“ O valor actual das exportações globais (2010) é de cerca de 1.229 Milhões de Euros, apresentando uma tendência de recuperação face a 2009 de 9%. ”

MERCADOS

“A relevância de Portugal enquanto líder mundial na produção, transformação e comercialização de cortiça decorre do desempenho dos seus agentes, num contexto de grande competitividade à escala global.”

3.1 Mercado Internacional da Cortiça

A relevância de Portugal enquanto líder mundial na produção, transformação e comercialização de cortiça decorre do desempenho dos seus agentes, num contexto de grande competitividade à escala global. O reconhecimento desta actividade é perceptível no Inquérito Global às Indústrias Florestais, de Papel e de Embalagem realizado pela *PricewaterhouseCoopers* (edição de 2010, com base nos dados de 2009), em que uma empresa da Fileira da Cortiça, a Corticeira Amorim SGPS S.A., consegue aparecer no ranking das 100 maiores empresas mundiais desde 2007 (ranking é definido tendo em conta o total das vendas que as empresas declararam). Em 2009, ficou classificada em 99.º lugar do ranking mundial, e em 31.º lugar do ranking das empresas europeias.

3.1.1 Exportações Mundiais de Cortiça

As exportações mundiais de cortiça no período 2001-2010 (Tabela 45), revelam uma tendência de perda de valor de mercado (cerca de 319 Milhões de Euros, uma quebra de 21%), decorrente de várias razões, nomeadamente, uma perda efectiva de quota de mercado para produtos concorrentes na área dos vedantes para vinhos, de uma tendência de apreciação do Euro face ao Dólar e do efeito da recessão económica iniciada em 2008.

O valor actual das exportações globais (2010) é de cerca de 1.229 Milhões de Euros, apresentando uma tendência de recuperação face a 2009 de 9%, cerca de 102 Milhões de Euros.

Portugal é naturalmente o líder mundial das exportações de cortiça, seguindo-se a Espanha e a França. Destaque para o facto de nos dez principais países exportadores, só dois não serem europeus - EUA e a China, e para o facto destes mesmos dez países representarem 94% do mercado mundial das exportações de cortiça.

Em 2010, a quota de Portugal nas exportações mundiais de cortiça foi de 61,3%, apresentando uma tendência de reforço da sua quota nas exportações mundiais de cortiça, com um aumento de 3,7% entre 2001 e 2010 (Gráfico 24).

Também nas exportações mundiais de Obras de Cortiça Natural (Posição Pautal 4503), e onde se incluem as rolhas de cortiça natural, Portugal é líder mundial, com uma quota mundial de 68,8% no ano de 2010 (Gráfico 25).

No entanto, e contrariamente ao sucedido nas exportações gerais de cortiça, Portugal apresenta uma tendência de quebra, apresentando um valor actual de quota de mercado ligeiramente inferior ao registado em 2001 (-0,5%).



TABELA 45 – VALORES GLOBAIS DAS EXPORTAÇÕES DE CORTIÇA E ARTIGOS DE CORTIÇA POR PAÍS (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: ITC – International Trade Centre (Dados referentes a consulta online em www.intracen.org a 19/06/2011)

Países Exportadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	1.547,5	1.526,1	1.543,4	1.480,2	1.443,0	1.472,4	1.438,6	1.366,4	1.127,0	1.229,0
Portugal*	892,0	900,1	896,9	872,4	835,7	849,1	852,9	825,0	699,1	753,2
Espanha	280,1	281,1	293,5	261,8	253,7	251,6	255,4	229,8	163,4	185,9
França	72,2	61,8	54,6	51,7	46,7	43,8	46,0	47,8	41,6	48,2
Itália	65,5	56,9	56,0	46,1	43,6	42,9	42,8	48,3	40,8	41,8
Alemanha	39,2	37,0	33,5	34,1	34,9	35,7	37,9	32,0	35,8	33,6
EUA	46,7	48,1	44,5	36,3	40,8	55,8	32,3	36,4	28,9	28,4
Suíça	19,5	13,1	15,9	16,6	15,9	16,5	18,5	20,9	23,4	25,1
Bélgica	2,9	5,2	7,4	5,8	6,0	19,5	11,1	10,0	9,7	14,6
Áustria	12,4	13,3	12,7	13,0	12,5	11,7	13,6	11,7	9,9	13,3
China	8,9	9,3	9,6	11,1	13,1	18,0	13,7	12,5	11,3	12,2

* Os valores correspondentes a Portugal constantes da base de dados do ITC – International Trade Centre possuem ligeiras diferenças (- 0,17%) relativamente aos dados do INE referentes a 2010. No entanto, por razões de coerência técnica, e porque o objectivo principal desta análise é determinar o valor global das exportações e dos principais países exportadores, optou-se por manter os valores para Portugal que constam no ITC.

Relativamente ao volume das exportações globais de cortiça (Tabela 46), o ano de 2009, e não obstante o impacto da crise (no valor das exportações), foi o ano em que se exportou maior quantidade de produtos de cortiça, cerca de 451 mil toneladas. No entanto, em 2010 verifica-se uma redução muito acentuada das mesmas.

GRÁFICO 24 – QUOTA DE PORTUGAL (%) NAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CORTIÇA (POSIÇÃO PAUTAL N.º 45)

Fonte: ITC- Internacional Trade Centre (2011)

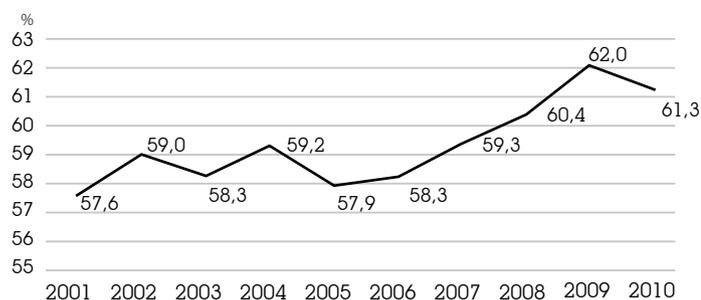


GRÁFICO 25 – QUOTA DE PORTUGAL (%) NAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE OBRAS DE CORTIÇA NATURAL (POSIÇÃO PAUTAL 4503)

Fonte: ITC- Internacional Trade Centre (2011)

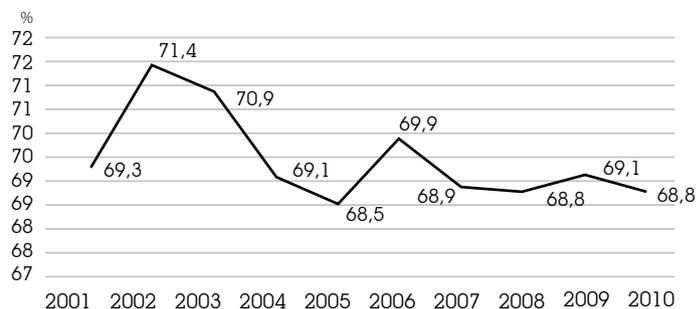


TABELA 46 – EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CORTIÇA EM VOLUME (TON)

Fonte: Commodity Trade Statistics Database | United Nations Statistics Division (2011)

Tipo de Produto	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Designação/Código											
Cortiça natural, em bruto, ou simplesmente preparada (4501.10)	46.940	44.169	41.031	49.659	39.880	54.570	35.650	35.309	31.547	141.973	8.180
Desperdícios de cortiça; cortiça triturada, granulada ou pulverizada (4501.90)	76.129	70.753	68.665	83.889	72.794	71.876	78.773	68.808	58.844	61.412	34.584
Cortiça sem a crosta ou simplesmente esquadriada ou em Cubos, Folhas ou Tiras, de forma quadrada ou rectangular (inclui esbocos com arestas vivas para rolhas) (4502.00)	15.436	11.886	12.001	16.744	15.206	15.326	19.448	13.946	17.874	13.897	3.209
Rolhas em Cortiça Natural (cilíndricas e não cilíndricas) (4503.10)	46.541	46.601	45.806	43.474	44.521	40.103	41.451	38.373	33.850	27.867	24.723
Outras Obras em Cortiça Natural (excepto rolhas) (4503.90)	5.366	4.524	4.620	6.426	9.703	13.858	8.226	14.332	6.213	3.139	4.424
Cubos, Blocos, Chapas, Folhas e Tiras; Ladrilhos de qualquer formato; Cilindros Maciços incluindo os Discos (4504.10)	121.133	112.994	133.380	143.783	152.284	153.023	172.188	177.096	168.971	176.733	175.402
Outras Obras de Cortiça Aglomerada (4504.90)	45.847	45.063	41.450	44.036	51.017	51.578	44.430	42.116	33.330	26.706	20.385
TOTAL	357.392	335.991	346.953	388.012	385.405	400.334	400.165	389.980	350.630	451.727	270.908

A análise da evolução no período 2000-2010 permite as seguintes constatações:

- Alguma irregularidade anual no total das exportações mundiais de cortiça em volume;
- O ano 2010 apresenta, relativamente a 2009, uma redução acentuada no total das exportações de cortiça em volume (-40%);
- A única categoria de produto de cortiça que apresenta um crescimento em 2010 face a 2009 é a Outras Obras em Cortiça Natural (excepto rolhas) (4503.90), que aumentou 41%;
- Cortiça natural, em bruto, ou simplesmente preparada (4501.10) com um aumento extraordinário de 350% (110 mil ton) em 2009 face ao ano anterior, seguindo-se em 2010 uma queda de cerca de 94% (-133 mil ton);
- Cubos, Blocos, Chapas, Folhas e Tiras; Ladrilhos de qualquer formato; Cilindros Maciços incluindo os Discos (4504.10), é a única categoria que em 2010 apresenta um aumento do volume das exportações comparativamente com 2000 (+44,8%, cerca de 54.269 ton), revelando uma tendência crescente de aumento;

- Rolhas em Cortiça Natural (cilíndricas e não cilíndricas) (4503.10) com uma quebra de 46,9% (21.818 mil ton) face aos valores registados em 2000.

3.1.2 Importações Mundiais de Cortiça

As importações mundiais de cortiça no período 2001-2010 (Tabela 47), revelam uma tendência de perda (cerca de 258 Milhões de Euros, uma quebra de 17%).

O valor actual das importações globais (2010) ascende a cerca de 1.268 Milhões de Euros, apresentando uma tendência de recuperação face a 2009 de 14,6%, cerca de 161 Milhões de Euros.

O líder mundial das importações de cortiça é a França, seguindo-se os EUA e a Alemanha (Portugal é o quinto maior importador mundial). Contrariamente à tendência das exportações, nos dez principais países importadores, e que representam cerca de 74% do mercado mundial das importações de cortiça, cinco não são europeus – EUA, Rússia, China, Argentina e Chile.

TABELA 47 – VALORES GLOBAIS DAS IMPORTAÇÕES DE CORTIÇA E ARTIGOS DE CORTIÇA POR PAÍS (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: ITC – International Trade Centre (Dados referentes a consulta online em www.intracen.org a 19/06/2011)

Países Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	1.526,5	1.486,8	1.472,8	1.431,9	1.446,5	1.455,3	1.454,0	1.371,0	1.106,5	1.268,1
França	292,8	271,6	286,1	278,8	257,7	246,8	256,0	235,4	205,3	228,4
EUA	215,9	209,1	187,1	177,9	176,0	185,1	183,1	189,9	154,5	169,1
Alemanha	141,3	139,2	123,6	117,1	127,8	111,9	102,0	70,9	104,3	117,4
Itália	112,1	108,2	106,2	127,9	128,3	136,7	135,8	119,7	102,7	111,8
Portugal*	139,7	138,6	169,5	128,8	146,0	130,4	130,9	129,4	83,1	91,4
Espanha	132,1	126,0	135,1	122,1	111,1	146,7	130,5	111,8	79,0	84,8
Rússia	8,8	4,7	4,2	5,2	5,0	12,6	11,5	23,5	20,8	38,8
China	17,6	18,8	16,5	19,9	20,9	21,2	22,9	24,0	23,7	32,8
Argentina	27,7	23,2	29,7	36,2	31,2	31,9	35,9	33,6	28,2	32,4
Chile	34,8	29,3	29,3	29,5	32,1	28,4	35,8	31,4	24,7	27,5

* Os valores correspondentes a Portugal constantes da base de dados do ITC – International Trade Centre possuem ligeiras diferenças (- 3,7%) relativamente aos dados do INE referentes a 2010. No entanto, por razões de coerência técnica, e porque o objectivo principal desta análise é determinar o valor global das importações e dos principais países importadores, optou-se por manter os valores para Portugal que constam no ITC.

Relativamente às importações globais de cortiça em volume (Tabela 48), o ano de 2010 demonstra de forma clara o impacto da crise, tendo sido o ano em que se importou menor quantidade de cortiça, cerca de 274,9 mil ton (representa uma quebra de 27,8% relativamente à média das importações de cortiça em volume no período 2000-2009).

TABELA 48 – IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CORTIÇA EM VOLUME (TON)

Fonte: Commodity Trade Statistics Database | United Nations Statistics Division (2011)

Tipo de Produto Designação/Código	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Cortiça natural, em bruto, ou simplesmente preparada (4501.10)	84.474	64.452	56.812	67.886	46.213	46.673	39.949	49.165	46.486	31.080	26.583
Desperdícios de cortiça; cortiça triturada, granulada ou pulverizada (4501.90)	77.772	67.311	61.147	73.201	74.154	68.689	68.223	65.370	59.674	48.992	44.093
Cortiça sem a crosta ou simplesmente esquadriada ou em Cubos, Folhas ou Tiras, de forma quadrada ou rectangular (inclui esbocos com arestas vivas para rolhas) (4502.00)	15.009	13.565	11.982	11.062	11.698	15.401	16.918	8.875	10.692	6.833	13.505
Rolhas em Cortiça Natural (cilíndricas e não cilíndricas) (4503.10)	48.208	55.588	46.028	48.339	38.966	38.076	38.861	39.361	33.123	32.543	23.187
Outras Obras em Cortiça Natural (excepto rolhas) (4503.90)	7.824	6.355	7.435	9.132	9.904	54.879	10.815	17.606	15.722	9.321	7.558
Cubos, Blocos, Chapas, Folhas e Tiras; Ladrilhos de qualquer formato; Cilindros Maciços incluindo os Discos (4504.10)	106.606	110.259	121.554	190.381	187.860	211.124	235.422	216.448	150.137	131.500	138.355
Outras Obras de Cortiça Aglomerada (4504.90)	18.729	20.250	20.014	21.401	27.499	37.244	24.193	25.996	26.062	36.740	21.622
TOTAL	358.622	337.780	324.972	421.401	396.294	472.086	434.381	422.821	341.896	297.009	274.904



“ Os produtos de cortiça e suas obras são os produtos portugueses que possuem o mais elevado IVCR - Índice de Vantagens Comparativas Reveladas. ”

A análise das importações (volume) no período 2000-2010 permite as seguintes constatações:

- existência de alguma variabilidade anual, embora a partir de 2005 (ano em que foi atingido o pico das importações em volume) exista uma tendência de redução das importações, acentuada pelo efeito da crise;
- relativamente aos produtos que apresentam uma tendência clara de aumento das importações em volume (e que representam 58,2% das importações totais em 2010), destacam-se:
 - Cubos, Blocos, Chapas, Folhas e Tiras; Ladrilhos de qualquer formato; Cilindros Maciços incluindo os Discos (450410), com um aumento de 29,8% face a 2000;
 - Outras Obras de Cortiça Aglomerada (450490), com um aumento de 15,4% face a 2000.

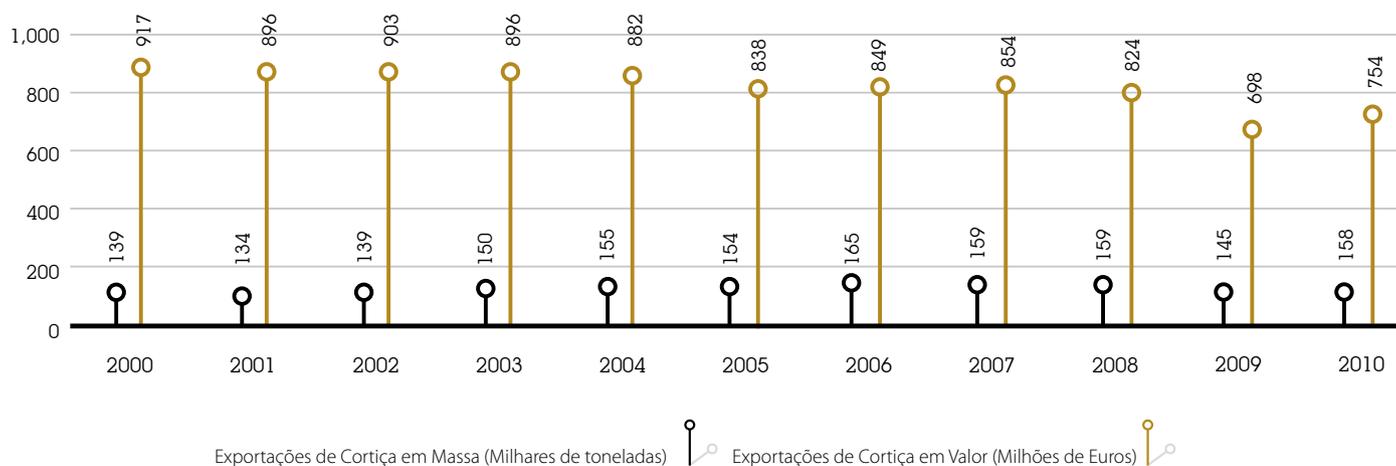
3.2 Mercado Nacional da Cortiça

3.2.1 Exportações de Cortiça

O valor global das exportações de cortiça no período 2000-2010 apresenta uma tendência de quebra, com uma redução de 163 Milhões de Euros (-17,8% comparativamente a 2000). Em qualquer caso esta análise fica influenciada pelo impacto generalizado da recessão económica global de 2008 e 2009. Efectivamente, as exportações de cortiça vinham a apresentar uma ligeira tendência de recuperação no período 2006-2007, interrompida em 2008 pelas razões atrás referidas. No entanto, o ano de 2010 já apresentou uma clara recuperação, com um valor de exportações de 754 Milhões de Euros, um acréscimo de 8% face ao ano anterior (Gráfico 26).

GRÁFICO 26 – EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE CORTIÇA 2000 - 2010

Fonte: INE (2011)

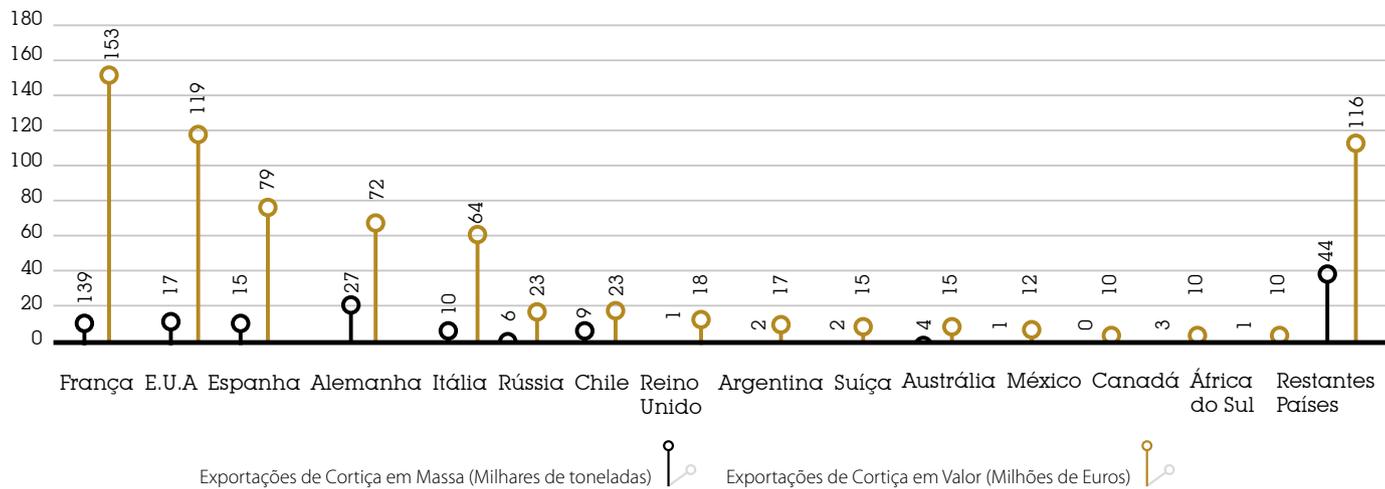


Relativamente às exportações de cortiça em volume, a tendência entre 2000-2010 é distinta, uma vez que ocorreu um aumento da quantidade de cortiça exportada de cerca de 17.000 ton (um aumento de 12,5%). Os destinos das exportações de cortiça são muito diversificados, embora os quinze principais destinos representem 85% do valor global das exportações (Gráfico 27). Relativamente a 2010, destaca-se:

- França, que se mantém como principal destino das exportações de cortiça em valor, com 153,3 Milhões de Euros (20,3%), seguindo-se os EUA (119 Milhões de Euros, 15,8%), e a Espanha (79 Milhões de Euros, 10,4%);
- Alemanha, que é principal destino das exportações de cortiça em volume (27.378 ton, cerca de 17,3% do total);
- China e a Rússia, mercados com grande potencial de desenvolvimento, que em conjunto já apresentam valores relevantes (9% das exportações em volume e 6,1% das exportações em valor – 46 Milhões de Euros).

GRÁFICO 27 – EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE CORTIÇA EM MASSA (MILHARES DE TONELADAS) E VALOR (MILHÕES DE EUROS) POR PAÍS DE DESTINO EM 2010

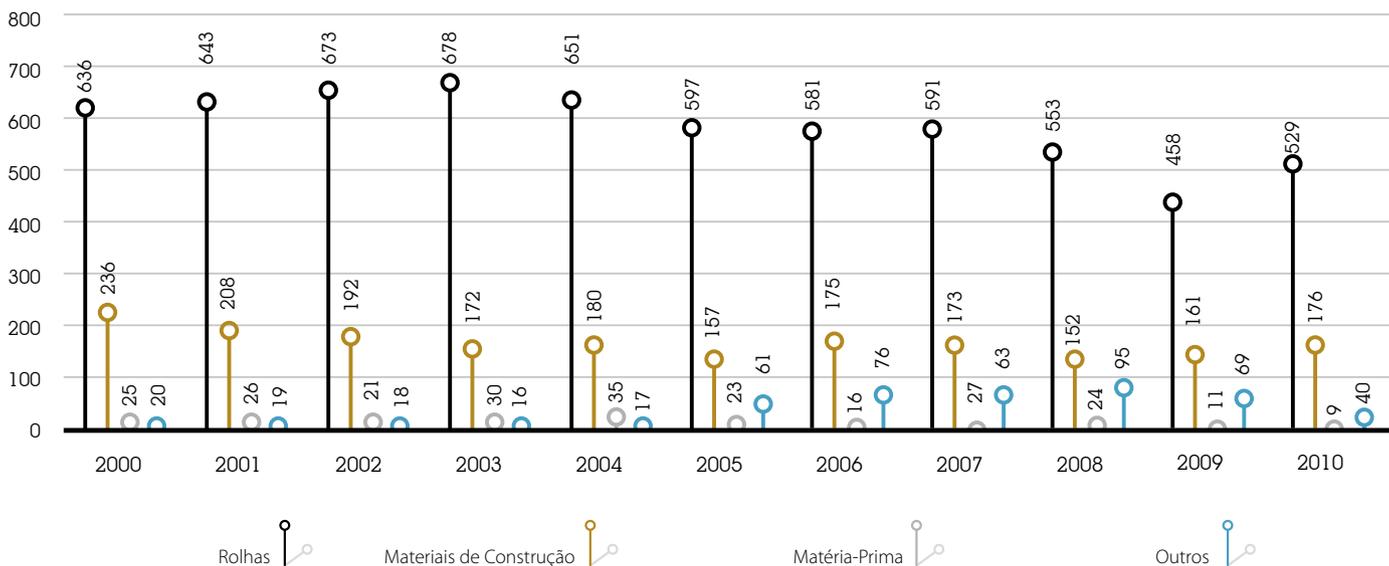
Fonte: INE (2011)



As rolhas de cortiça são o produto líder das exportações de cortiça em valor (Gráfico 28), com 529 Milhões de Euros (70% do total), seguindo-se os materiais de construção (176,3 Milhões de Euros, 23,4%). No período 2000-2010, só a categoria “outros” aumentou o valor das suas exportações (129,2% face a 2000, cerca de 25,9 Milhões de Euros); todas as restantes apresentam quebras nas exportações - rolhas, com uma quebra em valores absolutos de 106,5 Milhões de Euros (16,8% face a 2000), e materiais de construção com uma redução de 60 Milhões de Euros (25,0% relativamente a 2000).

GRÁFICO 28 – PRINCIPAIS PRODUTOS DE CORTIÇA EXPORTADOS NO PERÍODO 2000 - 2010 (MILHÕES DE EUROS)

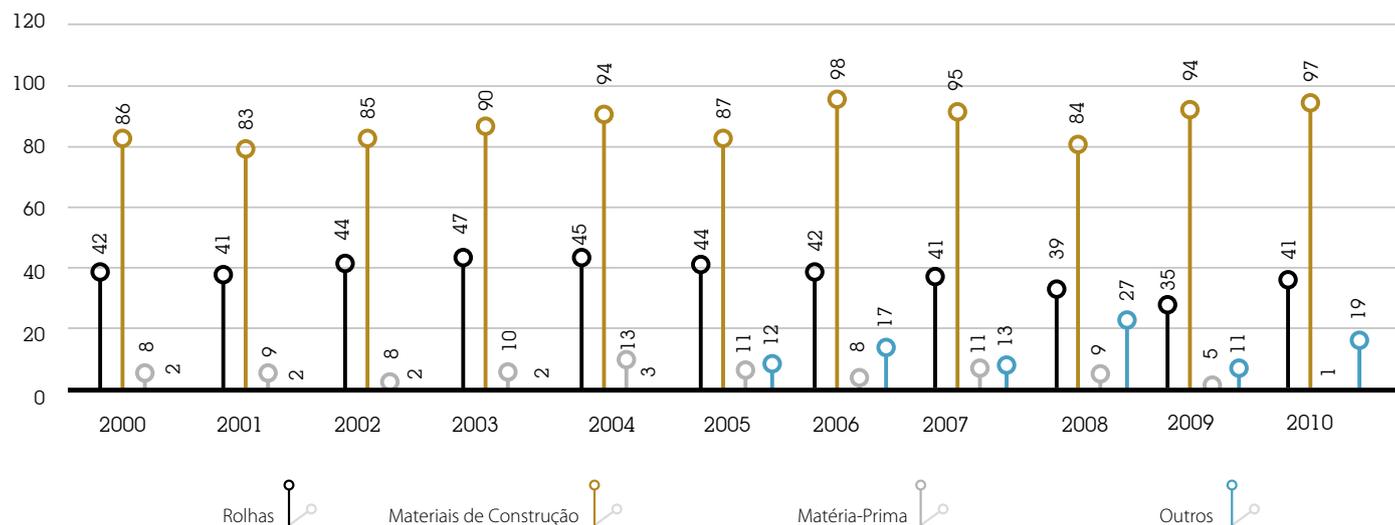
Fonte: INE (2011)



Quanto às exportações em volume (Gráfico 29), são os materiais de construção o produto líder, com 96.500 toneladas (61,1% do total), seguindo-se as rolhas de cortiça (40.700 ton, 25,8% do total).

GRÁFICO 29 – PRINCIPAIS PRODUTOS DE CORTIÇA EXPORTADOS NO PERÍODO 2000 - 2010 (MILHARES DE TONELADAS)

Fonte: INE (2011)



A análise ao desempenho no período 2000-2010, permite identificar as seguintes constatações:

- Rolhas de cortiça com uma perda das exportações em volume de 1,1 mil toneladas (quebra de 2,6%);
- Materiais de construção com um aumento das exportações em volume de 10 mil toneladas (ganho de 11,7%).

3.2.2 Importações de Cortiça

Em 2010, as importações de cortiça totalizaram 94,9 Milhões de Euros, um acréscimo de 14,5% face a 2009 (Gráfico 30). O valor global das importações de cortiça no período 2000 – 2010 apresenta uma tendência de quebra, com uma redução de 60 Milhões de Euros (-38,8% comparativamente a 2000), superior, em termos relativos, à quebra verificada para o valor das exportações.

As importações em volume também apresentam uma tendência de quebra, embora com um período de alguma estabilização entre 2006 e 2008, após o que se seguiu um decréscimo acentuado devido à recessão económica global. No período em análise, embora influenciado pelos factores atrás referidos, as importações em volume desceram 19,0% (redução de 11,9 mil ton.).

Em 2010, verificou-se já uma recuperação das importações em volume, que apresentaram um crescimento de 23,4% face ao ano anterior, tendo totalizado 50,6 mil toneladas.





“ (..) as Obras de Cortiça Natural (NC 4503) foram o 7.º produto nacional mais exportado, evidenciando o perfil majoritariamente exportador da fileira da cortiça. ”

GRÁFICO 30 – IMPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE CORTIÇA ENTRE 2000 - 2010

Fonte: INE (2011)

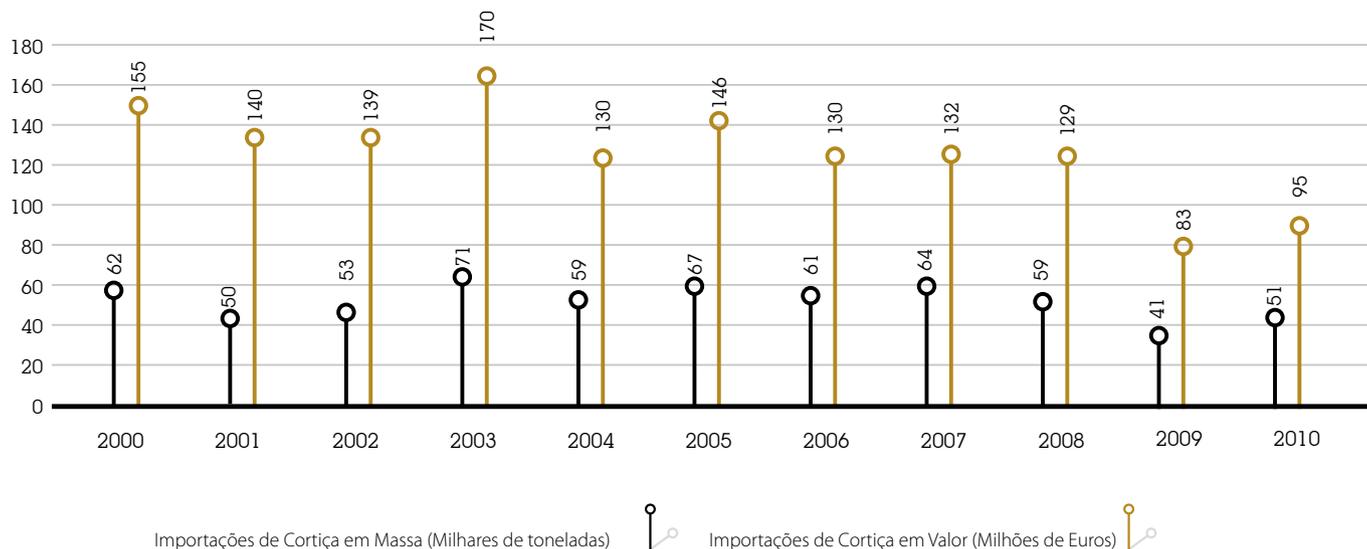
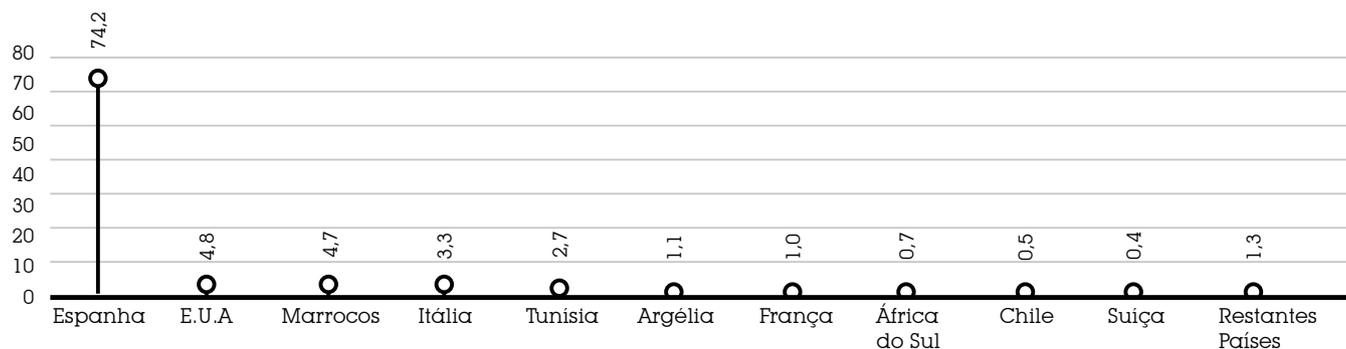


GRÁFICO 31 – IMPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE CORTIÇA EM VALOR (MILHÕES DE EUROS) POR PAÍS DE DESTINO EM 2010

Fonte: INE (2011)



Quanto à origem das importações portuguesas de cortiça em 2010 (Gráfico 31), constata-se que estas estão muito concentradas em Espanha (país produtor e transformador de cortiça). De facto, é deste país que são provenientes a esmagadora maioria das importações (Tabela 49):

- 78,1% das importações em valor (74,2 Milhões de Euros);
- 84% das importações em volume (42,6 mil ton.).

Destaque também para os Países do Norte de África (Marrocos, Tunísia e Argélia) que em conjunto representam cerca de 13,5% das importações em volume (9,1% das importações em valor, 8,6 Milhões de Euros).

TABELA 49- IMPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE CORTIÇA POR PAÍS DE ORIGEM (PREÇOS CORRENTES) EM 2010

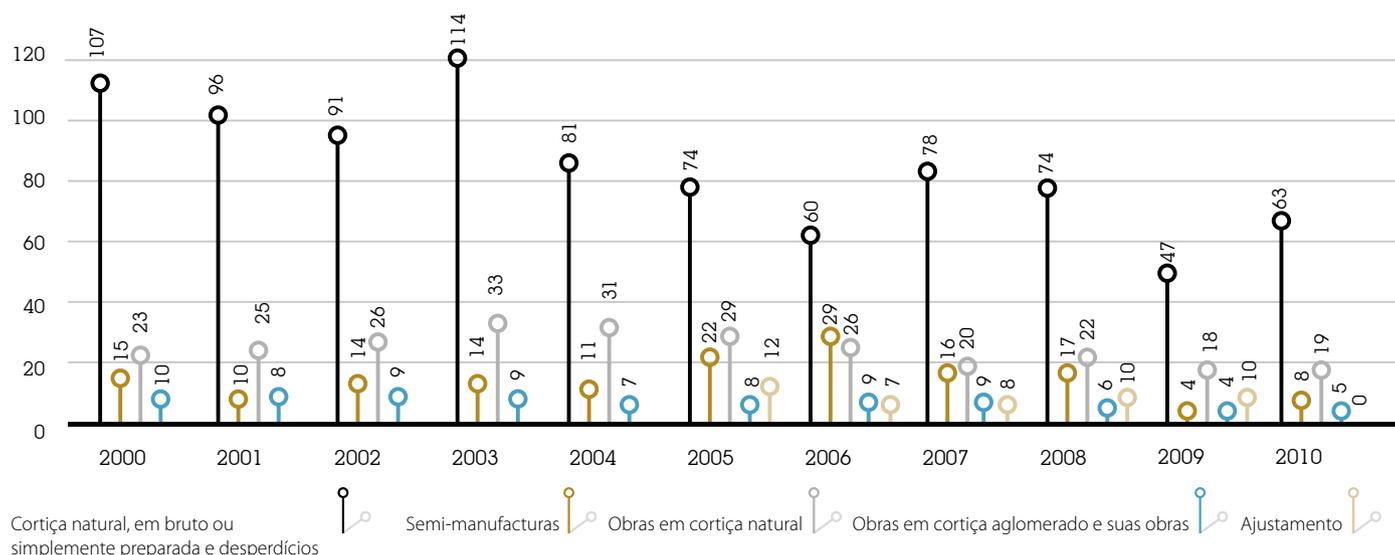
Fonte: INE (2011)

PAÍSES	Massa (Mil Ton.)	Proporção (%)	Valor (Milhões de Euros)	Proporção (%)
Espanha	42,6	84,3%	74,2	78,1%
Estados Unidos	0,2	0,4%	4,8	5,1%
Marrocos	4,0	8,0%	4,7	5,0%
Itália	0,5	1,1%	3,3	3,5%
Tunísia	2,0	4,1%	2,7	2,9%
Argélia	0,7	1,5%	1,1	1,2%
França	0,1	0,3%	1,0	1,0%
África do Sul	0,0	0,1%	0,7	0,7%
Chile	0,0	0,1%	0,5	0,6%
Suíça	0,0	0,0%	0,4	0,5%
Restantes Países	0,2	0,3%	1,4	1,3%
TOTAL	50,5	100%	95,0	100%

Relativamente aos principais produtos de cortiça importados (Gráfico 32), destaca-se de forma evidente a cortiça natural em bruto ou simplesmente preparada e desperdícios, que com um valor de importações em 2010 de 63 Milhões de Euros, representa 66,9% do valor total das importações. Seguem-se as obras de cortiça natural, que com 19 Milhões de Euros, representam 19,6% do total.

GRÁFICO 32 – PRINCIPAIS PRODUTOS DE CORTIÇA IMPORTADOS NO PERÍODO 2000 - 2010 (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: INE (2011)



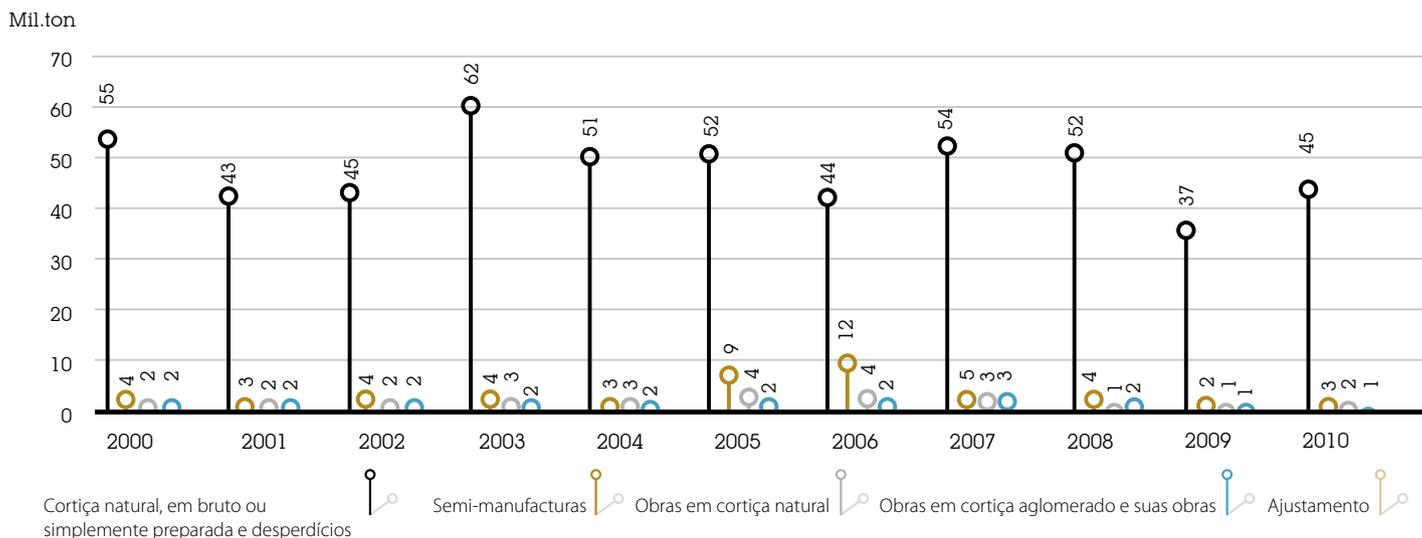
* Segundo o INE, a partir do ano 2005, devido a alterações metodológicas, os valores a nível de NC2 (ajustamento) incluem valores estimados (estimação das empresas abaixo do limiar e estimação de não respostas) e códigos sujeitos a segredo estatístico.

A análise às importações em volume, acentua ainda mais a predominância das importações de cortiça natural em bruto ou simplesmente preparada e desperdícios, que com 45 mil toneladas em 2010, representa 89,6% das importações totais em volume.

A análise ao período 2000-2010 evidencia, em particular para as importações em valor e em volume da cortiça natural em bruto ou simplesmente preparada e desperdícios, alguma variabilidade inter-anual, possivelmente determinada pelas necessidades da indústria portuguesa e pelas variações nacionais de produção de cortiça (na floresta).

GRÁFICO 33 – PRINCIPAIS PRODUTOS DE CORTIÇA IMPORTADOS NO PERÍODO 2000 - 2010 (MILHARES DE TONELADAS)

Fonte: INE (2011)



* Segundo o INE, a partir do ano 2005, devido a alterações metodológicas, os valores a nível de NC2 (ajustamento) incluem valores estimados (estimação das empresas abaixo do limiar e estimação de não respostas) e códigos sujeitos a segredo estatístico.

3.2.3 Rolhas de Cortiça

As rolhas são o principal produto das exportações de cortiça, representando em 2010, como referido anteriormente, 528,9 Milhões de Euros (70% das exportações totais de cortiça). Relativamente a 2009, as exportações registaram uma recuperação de 15,6%, no entanto, a análise entre 2000 e 2010 revela uma perda de valor das exportações de 16,7% (redução de 106 Milhões de Euros).

Dentro da categoria rolhas de cortiça (Gráfico 34), as rolhas de cortiça natural, são o principal produto das exportações, com 334,7 Milhões de Euros (63,4%), seguindo-se o outro tipo de rolhas, com 103,4 Milhões de Euros (19,6%) e, por fim, as rolhas de champanhe, com 90,8 Milhões de Euros (17,0%).

A análise ao desempenho dos diferentes produtos dentro da categoria de rolhas de cortiça (Tabela 50), é possível constatar que:

- Em 2010, e comparativamente a 2009, todos os produtos apresentaram uma clara recuperação, destacando-se, em termos relativos, os outros tipos de rolhas (acréscimo de 22,0%), seguindo-se as rolhas de champanhe (acréscimo 21,9%) e as rolhas de cortiça natural (12,0%);
- A análise entre 2000 e 2010 evidencia uma tendência de perda de valor das exportações nas rolhas de cortiça natural, com uma quebra de 28,7%; de 2002 em diante, só em 2007 foi notória uma inversão dessa tendência, situação que viria a ser interrompida devido aos efeitos da crise em 2008 e 2009;
- As rolhas de champanhe apresentaram uma tendência de crescimento entre 2001 e 2005 (ano em que as exportações apresentaram o valor mais elevado nesta década), apresentando, a partir daí, um retrocesso no valor das exportações, parcialmente tam-

bém justificado, em 2008 e 2009, pelos efeitos da recessão; em qualquer caso, o balanço entre 2000 e 2010 mostra um aumento significativo das exportações em valor de 42,5%;

As outras rolhas de cortiça, e apesar de uma quebra entre 2000 e 2006, evidenciaram uma tendência de recuperação (interrompida em 2008), terminando 2010 com um valor de exportações ligeiramente superior a 2000 (mais 0,8%).

TABELA 50 – VARIACÃO DAS EXPORTAÇÕES DE ROLHAS (%)

Fonte: INE (2011)

Tipos de Rolhas	Var. 09/10 (%)	Var. 00/10 (%)
Rolhas Naturais	12,0%	-28,7%
Outro Tipo de Rolhas	22,0%	0,8%
Rolhas de Champanhe	21,9%	42,5%
TOTAL	15,5%	-16,8%

A análise aos principais destinos das exportações de rolhas em 2010 (Tabela 51) revela que é a França o principal cliente de Portugal, com 145,1 Milhões de Euros (27,4% do total das exportações de rolhas), seguindo-se os EUA (94,1 Milhões de Euros, 17,8%) e a Espanha (61,7 Milhões de Euros, 11,7%). Destaque ainda para a China, oitavo destino de exportações de rolhas de cortiça (14,7 Milhões de Euros) e para o facto dos dez principais destinos representarem 84,6% do total das exportações de rolhas de cortiça.

GRÁFICO 34 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE ROLHAS DE CORTIÇA NO PERÍODO 2000 - 2010 (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: INE (2011)

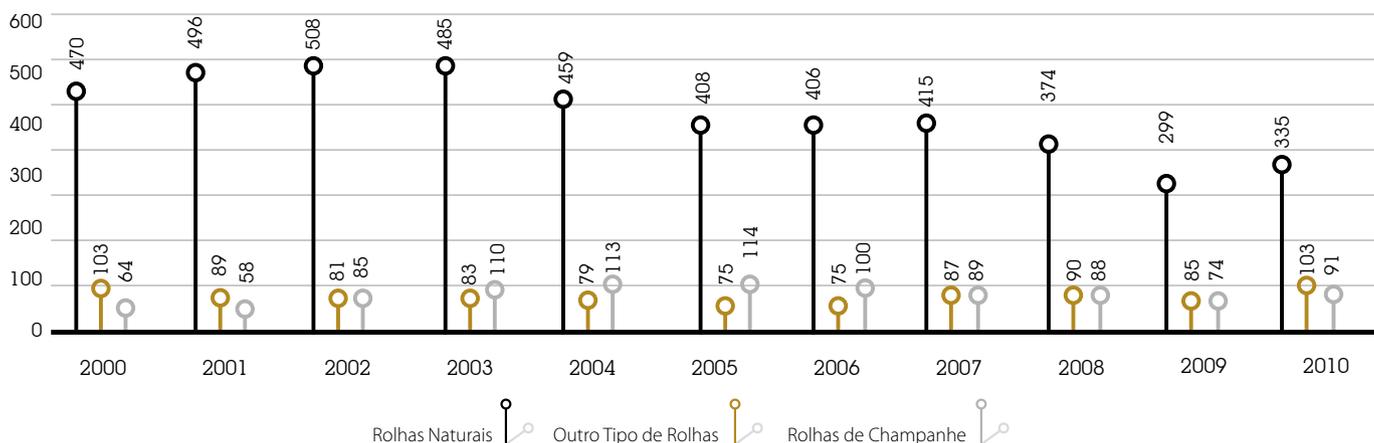


TABELA 51 - EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE ROLHAS DE CORTIÇA PARA OS PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO EM 2010

Fonte: INE (2011)

Países	Valor (Milhões de Euros)	Proporção (%)
França	145,1	27,4%
EUA	94,1	17,8%
Espanha	61,8	11,7%
Itália	51	10,0%
Alemanha	26,6	5,0%
Chile	18,2	3,4%
Argentina	14,9	2,8%
China	14,7	2,8%
Austrália	10,0	1,9%
Reino Unido	9,4	1,8%
Sub-Total Top 10	445,8	84,6%
TOTAL	528,9	100,0%

3.2.4 Materiais de Construção de Cortiça

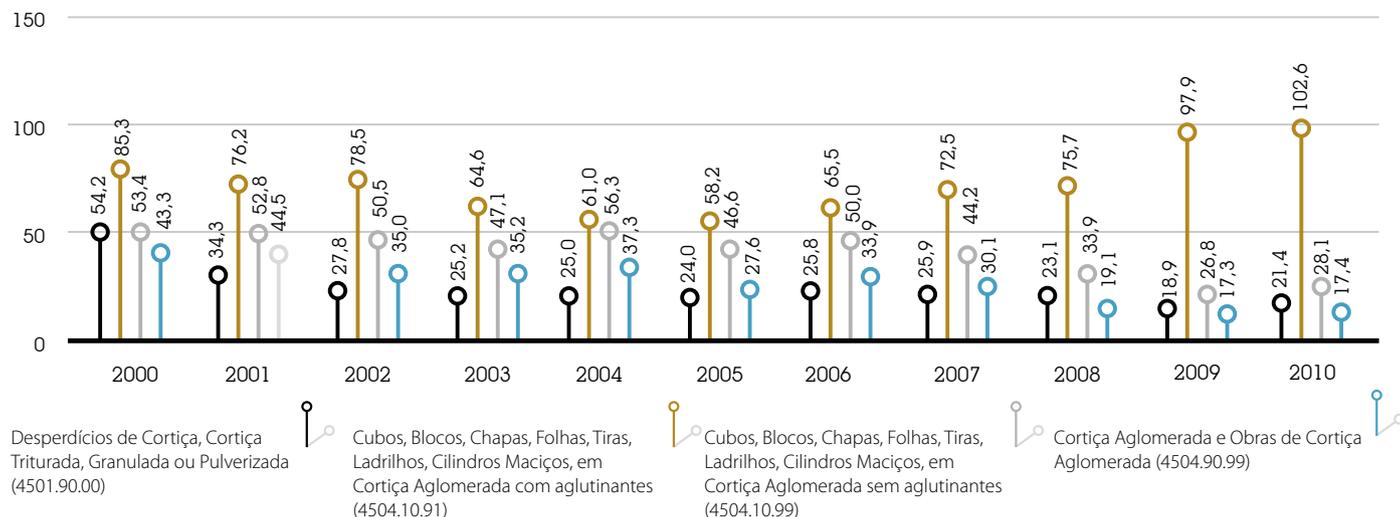
Os materiais de construção de cortiça são a segunda categoria de produto de cortiça mais exportada, tendo atingido em 2010 cerca de 176,3 Milhões de Euros, cerca de 23,4% das exportações totais.

Ainda que tendo obtido uma taxa de crescimento de 7,4% em 2010 (face a 2009), a análise entre 2000 e 2010 revela uma perda de valor das exportações de 28,1% (redução de 66,5 Milhões de Euros).

A análise por tipo de produtos revela que o principal tipo de produto corresponde a Cubos, Blocos, Chapas, Folhas, Tiras, Ladrilhos, Cilindros Maciços, em Cortiça Aglomerada com aglutinantes (4504.10.91), que com 102,6 Milhões de Euros de exportações em 2010, representaram 60,6% das exportações em valor dos materiais de construção em cortiça. Este produto apresenta uma clara tendência de crescimento desde 2005 até 2010, período onde quase duplicou o valor das suas exportações.

GRÁFICO 35 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO DE CORTIÇA NO PERÍODO 2000 - 2010 (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: EUROSTAT (2011)



O desempenho dos diferentes produtos dentro da categoria materiais de construção de cortiça (Tabela 52), mostra tendências distintas:

- Todos os produtos apresentam sinais evidentes de recuperação em 2010, com taxas de crescimento do valor das exportações superiores a 5%, com exceção da Cortiça Aglomerada e Obras de Cortiça Aglomerada (4504.90.99), que apresentou uma taxa de crescimento de 0,3%;
- No âmbito do período 2000-2010 só os Cubos, Blocos, Chapas, Folhas, Tiras, Ladrilhos, Cilindros Maciços, em Cortiça Aglomerada com aglutinantes (4504.10.91), apresentam uma taxa de crescimento positiva, cerca de 20,6%, correspondente a um aumento das exportações de 17,5 Milhões de Euros.

TABELA 52 - VARIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO DE CORTIÇA (%)

Fonte: EUROSTAT (2011)

Produtos (posições pautais)	Var % 00/10 (%)	Var % 09/10
Desperdícios de Cortiça; Cortiça Triturada, Granulada ou Pulverizada (4501.90.00)	-60,5%	13,2%
Cubos, Blocos, Chapas, Folhas, Tiras, Ladrilhos, Cilindros Maciços, em Cortiça Aglomerada com aglutinantes (4504.10.91)	20,6%	5,0%
Cubos, Blocos, Chapas, Folhas, Tiras, Ladrilhos, Cilindros Maciços, em Cortiça Aglomerada sem aglutinantes (4504.10.99)	-47,4%	5,0%
Cortiça Aglomerada e Obras de Cortiça Aglomerada (4504.90.80)	-59,9%	0,3%
TOTAL	-28,1%	5,4%

Cerca de 86,1% das exportações em valor dos materiais de construção de cortiça concentram-se em quinze países (Tabela 53), uma dispersão superior ao segmento rolhas, destacando-se a Alemanha (26,9%), os EUA (12,5%), a Espanha (6,5%) e a Rússia (7,5%) como os principais destinos de exportação.

TABELA 53 – DESTINOS DE EXPORTAÇÕES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO DE CORTIÇA EM 2010 (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: INE (2011)

Países	Valor (Milhões de Euros)	Proporção (%)
Alemanha	45,4	25,8%
EUA	22,1	12,5%
Espanha	11,5	6,5%
Rússia	13,3	7,5%
França	8,1	4,6%
Suíça	7,6	4,3%
Canadá	7,0	4,0%
Itália	7,2	4,1%
Holanda	6,5	3,7%
Áustria	4,8	2,7%
Polónia	4,1	2,3%
Bélgica	4,1	2,3%
Japão	3,9	2,2%
Reino Unido	3,6	2,0%
China	2,5	1,4%
Sub-total Top 15	151,7	86,1%
TOTAL	176,3	100%

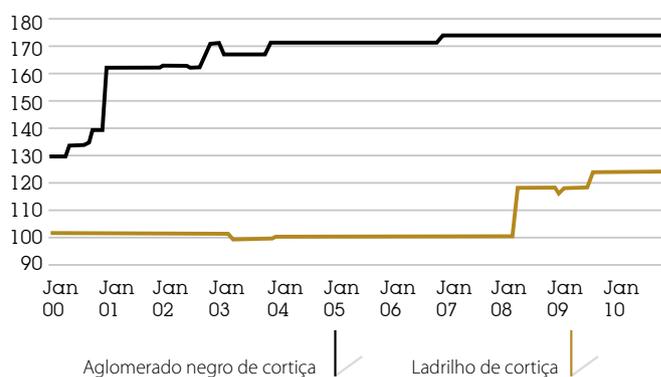
O Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P., é o responsável pela revisão de preços das empreitadas de obras públicas, publicando de forma periódica o índice de custos de materiais, o qual inclui dois produtos de cortiça: o aglomerado negro de cortiça e o ladrilho de cortiça.

A análise à evolução deste índice para estes produtos (Gráfico 36) revela comportamentos distintos:

- Aglomerado negro de cortiça com uma valorização substancial face a 1991 (Base 100: Dezembro de 1991), tendo aumentado 74,1 pontos percentuais;
- No período 2000-2010, o aglomerado negro de cortiça teve um crescimento nos preços muito significativo entre 2000 e 2003 (o índice passou de 130 para 171,4), tendo estabilizado desde então;
- O ladrilho de cortiça esteve praticamente inalterado até 2008 (inclusive desceu ligeiramente relativamente aos valores de 1991), tendo o seu índice aumentado até 123,8 no fim de 2009, mantendo-se estável a partir dessa data.

GRÁFICO 36 – ÍNDICE PONDERADO DE CUSTOS DE MATERIAIS (BASE 100: DEZEMBRO DE 1991)

Fonte: Instituto da Construção e do Imobiliário, I. P. (2011)



3.3 Principais Mercados Associados à Cortiça

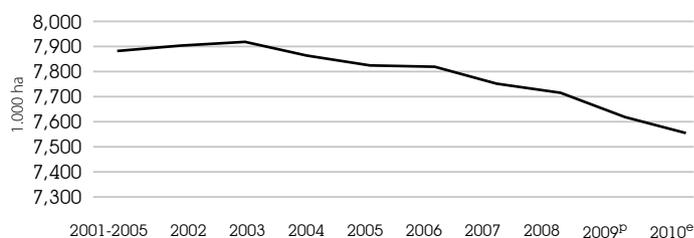
3.3.1 Mercado Mundial do Vinho

3.3.1.1 Área Mundial de Vinha

A área mundial de vinha ronda os 7,55 milhões de hectares em 2010 (Gráfico 37), apresentando, no entanto, uma tendência de quebra. Entre 2003 e 2010 a área de vinha apresentou uma redução de 366 mil hectares, cerca de 4,6%.

GRÁFICO 37 – EVOLUÇÃO DA ÁREA MUNDIAL DE VINHA

Fonte: OIV (2011)



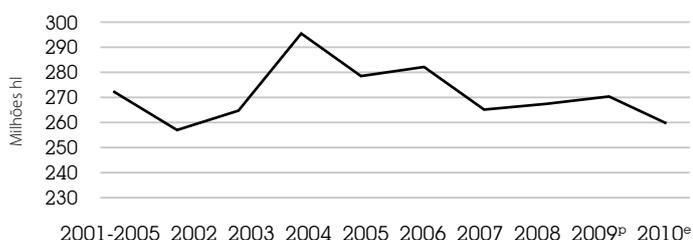
Nota: p – Provisório; e - Estimativa

3.3.1.2 Produção Mundial de Vinho

A produção mundial de vinho também apresenta uma tendência de redução desde 2004 (Gráfico 38), 36,7 milhões de hl, uma quebra de 12,4% comparativamente a 2004. Apesar de entre 2007 e 2009 ter ocorrido alguma recuperação parcial, em 2010 essa tendência foi interrompida, tendo ocorrido uma redução de 4,1%, cerca de 11 milhões de hl.

GRÁFICO 38 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE VINHO (MILHÕES DE HL)

Fonte: OIV (2011)



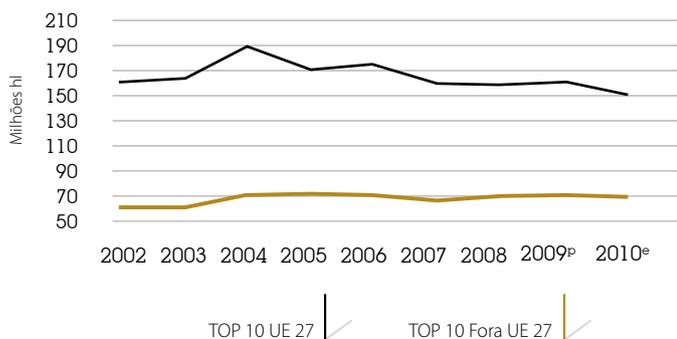
Nota: p – Provisório; e – Estimativa

A análise da produção de vinho entre a União Europeia (UE) 27 e fora da UE 27 (e considerando os principais países produtores de vinho, dez na UE 27 sete fora da UE 27, que representaram cerca de 85% da produção mundial de vinho em 2010), mostra tendências distintas (Gráfico 39).

Ao nível da UE 27 a produção de vinho tem vindo a descer desde 2004, apresentando contudo alguma estabilização entre 2007 e 2009 (em redor dos 159 Milhões de hl). Em 2010, a produção voltou a descer face a 2009 (9,5 Milhões de hl, cerca de 6,3%). Fora da UE 27 a situação é distinta, apresentando uma tendência global de algum crescimento.

GRÁFICO 39 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE VINHO NA UE 27 E FORA DA UE 27 (MILHÕES DE HL)

Fonte: OIV (2011)



Nota: p – Provisório; e – Estimativa

De acordo com a Tabela 54, a variação da produção de vinho entre 2002 e 2010, entre estas duas “regiões”, evidencia de forma clara as tendências atrás referidas: UE 27 com uma perda de produção de 7,89 Milhões de hl (quebra de 5%), e fora da UE 27 com um ganho de 7,44 Milhões de hl (aumento de 12%).

A análise individual aos dez principais países produtores de vinho na UE (Tabela 55), e no que concerne à comparação da produção entre 2010 e 2009, é de salientar que só Portugal e Bulgária apresentaram uma variação positiva, em particular Portugal, com um aumento de 15,2%. Os restantes países apresentaram quebras significativas, em valores absolutos (Itália, França e Espanha) ou relativos (Alemanha, Roménia, Hungria e Áustria). Após alguns anos ultrapassada pela Itália, a França voltou a assumir o papel de maior produtor mundial de vinho em 2010.

A produção de vinho nos sete principais países produtores de vinho fora da UE (Tabela 56) em 2010 teve um desempenho equivalente ao registado na UE 27: só a Argentina teve um aumento de produção (4,12 Milhões de hl, cerca de 33,9% face a 2009); os restantes países apresentam quebras na produção, com valores que variam entre os 4% da Austrália e os 12,4% do Chile.

A análise ao nível da década mostra uma tendência individual de crescimento ou de estabilização da produção, mantendo os EUA a sua posição de liderança.

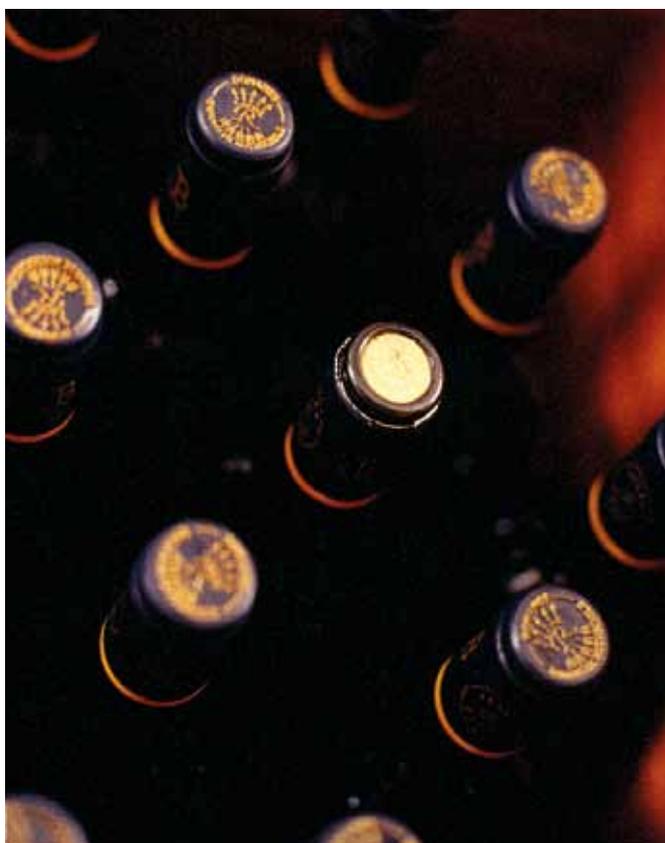


TABELA 54 – PRODUÇÃO DE VINHO NA UE 27 E FORA DA UE 27 (1.000 HL)

Fonte: OIV (2011)

Regiões	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009 ^p	2010 ^e	Variação 02/10 (Vol.)	Variação 02/10 (%)
TOP 10 UE 27	159.360	163.615	187.235	170.602	174.994	159.189	157.538	161.000	151.467	-7.893	-5,0%
TOP 7 Fora UE 27	62.077	62.265	70.949	72.921	70.649	67.524	71.037	70.654	69.525	7.448	12,0%

Nota: p – Provisório; e – Estimativa

TABELA 55 – PRODUÇÃO DE VINHO NO TOP 10 DA UE 27 (1.000 HL)

Fonte: OIV (2011)

País	2001-05	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009 ^p	2010 ^e	Variação 09/10 (Volume)	Variação 09/10 (%)
Itália	46.936	42.507	41.807	49.935	50.566	52.036	45.981	46.970	47.450	44.840	-2.610	-5,5%
França	51.919	50.353	46.360	57.386	52.105	52.127	45.672	41.640	46.361	44.963	-1.398	-3,0%
Espanha	37.323	33.478	41.843	42.988	37.808	38.137	34.755	36.240	35.166	33.999	-1.167	-3,3%
Alemanha	9.225	9.885	8.191	10.007	9.153	8.916	10.261	9.991	9.139	7.185	-1.954	-21,4%
Portugal	7.311	6.677	7.340	7.481	7.266	7.542	6.074	5.595	5.868	6.760	892	15,2%
Roménia	4.975	5.461	5.555	6.166	2.602	5.014	5.289	5.159	6.703	4.957	-1.746	-26,0%
Grécia	3.727	3.085	3.799	4.248	4.027	3.938	3.511	3.873	3.366	3.100	-266	-7,9%
Hungria	4.034	3.333	3.880	4.340	3.103	3.271	3.222	3.460	3.198	2.500	-698	-21,8%
Áustria	2.531	2.599	2.526	2.735	2.264	2.256	2.628	2.993	2.352	1.737	-615	-26,1%
Bulgária	2.043	1.982	2.314	1.949	1.708	1.757	1.796	1.617	1.397	1.426	29	2,1%

Nota: p – Provisório; e – Estimativa

TABELA 56 - PRODUÇÃO DE VINHO NO TOP 7 FORA DA UE 27 (1.000 HL)

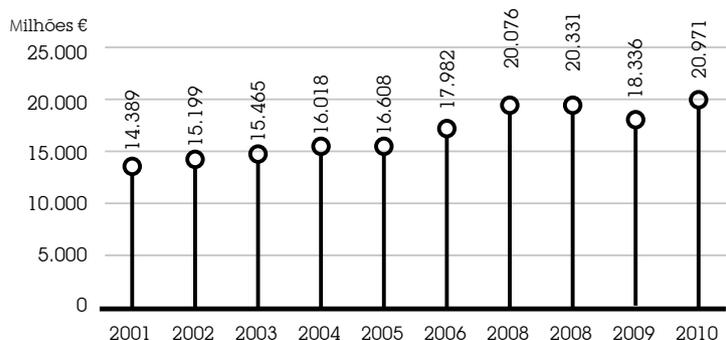
Fonte: OIV (2011)

País	2001-05	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009 ^p	2010 ^e	Variação 09/10 (Volume)	Variação 09/10 (%)
EUA	20.399	20.300	19.500	20.109	22.888	19.440	19.870	19.330	21.960	19.620	-2.340	-10,7%
Argentina	14.488	12.695	13.225	15.464	15.222	15.396	15.046	14.676	12.135	16.250	4.115	33,9%
Austrália	12.543	12.168	10.835	14.679	14.301	14.263	9.620	12.448	11.710	11.240	-470	-4,0%
África do Sul	8.040	7.189	8.853	9.279	8.406	9.398	9.783	10.165	9.986	9.217	-769	-7,7%
Chile	6.389	5.623	6.682	6.301	7.885	8.448	8.227	8.683	10.093	8.844	-1.249	-12,4%
Brasil	3.185	3.212	2.620	3.925	3.199	2.372	3.502	3.683	2.720	2.454	-266	-9,8%
Nova Zelândia	837	890	550	1.192	1.020	1.332	1.476	2.052	2.050	1.900	-150	-7,3%

3.3.1.3 Exportações Mundiais de Vinho

As exportações mundiais de vinho (Gráfico 40) têm apresentado uma tendência clara de crescimento desde 2001 (aumento de 6.581 Milhões de Euros em dez anos, ganho de cerca de 46% comparativamente a 2001). Só em 2009, devido ao impacto da crise económica e financeira a nível mundial esse crescimento foi interrompido, tendo, no entanto, sido retomado em 2010, onde o valor global das exportações de vinho atingiu os 20.971 Milhões de Euros.

GRÁFICO 40 – EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE VINHO (MILHÕES DE EUROS)
Fonte: International Trade Centre (2011)



Em 2010, os 15 principais países exportadores de vinho representaram 94% do total das exportações (Tabela 57). A França é o principal exportador mundial, com 6.317 Milhões de Euros (30,1% do total do valor das exportações). Portugal foi o nono exportador a nível mundial, representando 2,9% do valor total das exportações.

TABELA 57 - PRINCIPAIS EXPORTAÇÕES DE VINHO EM 2010 (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: International Trade Centre (2011)

País	Valor (Milhões de Euros)	Proporção (%)
França	6.317	30,1%
Itália	3.907	18,6%
Espanha	1.868	8,9%
Austrália	1.438	6,9%
Chile	1.165	5,6%
Alemanha	859	4,1%
EUA	832	4,0%
Argentina	604	2,9%
Portugal	603	2,9%
África do Sul	590	2,8%
Nova Zelândia	583	2,8%
Reino Unido	492	2,3%
Singapura	205	1,0%
Áustria	125	0,6%
Suíça	124	0,6%
Total TOP 15	19.712	94%
TOTAL Mundial	20.971	100,0%



Na Europa (Tabela 58), o valor das exportações apresenta uma tendência generalizada de aumento (3.813 Milhões de Euros, um ganho de 36,4% entre 2001 e 2010). A totalidade dos países do top 8 das exportações europeias de vinho aumentaram o valor das suas exportações, quer em valor absoluto (caso da Itália, com um aumento de 1.294 Milhões de Euros entre 2001 e 2010), quer em termos relativos (casos da Alemanha, Reino Unido, Áustria e Suíça, com aumentos entre 2001 e 2010 superiores a 100%).

TABELA 58 - PRINCIPAIS EXPORTAÇÕES DE VINHO - EUROPA TOP 8 (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: International Trade Centre (2011)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
França	5.342	5.701	5.833	5.562	5.590	6.233	6.769	6.837	5.514	6.316
Itália	2.613	2.782	2.699	2.863	2.995	3.227	3.543	3.665	3.507	3.907
Espanha	1.350	1.365	1.449	1.540	1.548	1.594	1.820	1.962	1.897	1.868
Alemanha	414	445	479	477	554	650	725	764	733	858
Portugal	483	507	532	535	525	531	597	579	547	603
Reino Unido	185	213	203	174	184	247	299	302	359	492
Áustria	51	60	69	83	81	79	105	111	118	124
Suíça	42	47	54	44	53	89	111	99	64	123
TOTAL	10.482	11.123	11.321	11.281	11.533	12.653	13.973	14.321	12.742	14.295

Também fora da Europa a tendência de aumento do valor das exportações se acentuou: entre 2001 e 2010 esse aumento foi de 2.402 Milhões de Euros, um ganho de 79,7% (Tabela 59). Todos os países apresentam aumentos significativos entre 2001 e 2010, destacando-se:

- Austrália, Chile, Argentina, África do Sul e Nova Zelândia, com aumento do valor das exportações superiores a 300 Milhões de Euros;
- Argentina, África do Sul, Nova Zelândia e Singapura, com aumentos do valor das exportações em termos relativos superiores a 100%.

TABELA 59 - PRINCIPAIS EXPORTAÇÕES DE VINHO – FORA DA EUROPA (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: International Trade Centre (2011)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Austrália	1.112	1.346	1.359	1.606	1.694	1.659	1.795	1.436	1.292	1.437
Chile	721	643	597	677	705	769	917	936	990	1.165
EUA	576	558	540	600	498	664	660	655	629	831
Argentina	173	138	153	182	247	307	365	440	456	604
África do Sul	256	302	369	430	478	414	490	514	509	589
Nova Zelândia	108	134	139	196	266	314	408	437	456	583
Singapura	66	75	92	122	134	173	208	204	138	204
TOTAL	3.014	3.198	3.252	3.816	4.024	4.304	4.845	4.624	4.475	5.416



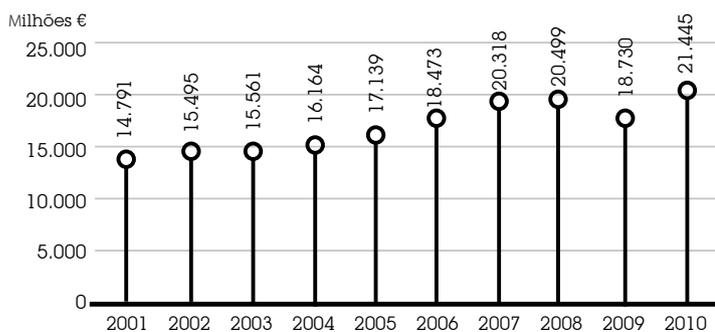
3.3.1.4 Importações Mundiais de Vinho

As importações mundiais de vinho também têm tido um crescimento acentuado, denotando as tendências de comércio/consumo globalizado (Gráfico 41).

Em 2011, o valor global das importações de vinho atingiu os 21.445 Milhões de Euros, um aumento de 45% face aos valores de 2001 (ganho de 6.653 Milhões de Euros).

GRÁFICO 41 – IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE VINHO (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: International Trade Centre (2011)



O principal importador mundial de vinho é o Reino Unido, com 15,9% das importações mundiais, (3.403 Milhões de Euros), seguindo-se os EUA, com 15,7% (3.360 Milhões de Euros). Em 2010, os 15 principais países importadores de vinho representaram 80,4% do total das importações (Tabela 60). Destaca-se a China, único país asiático no top 15 dos principais importadores.

TABELA 60 - PRINCIPAIS IMPORTAÇÕES DE VINHO EM 2010 (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: International Trade Centre (2011)

País	Valor (Milhões de Euros)	Proporção (%)
Reino Unido	3.403	15,9%
EUA	3.360	15,7%
Alemanha	2.031	9,5%
Canadá	1.280	6,0%
Japão	883	4,1%
Bélgica	864	4,0%
Hong Kong, China	797	3,7%
Suíça	793	3,7%
Holanda	770	3,6%
Rússia	621	2,9%
China	601	2,8%
França	531	2,5%
Dinamarca	496	2,3%
Suécia	476	2,2%
Austrália	330	1,5%
Total TOP 15	17.238	80,4%
TOTAL Mundial	21.445	100%

Na Europa (Tabela 61), o valor das importações aumentou entre 2001 e 2010 (1.602 Milhões de Euros, um crescimento de 36,4%):

- A totalidade dos países do top 15 das importações europeias de vinho aumentaram o valor das suas exportações, quer em valor absoluto, quer em termos relativos;
- Reino Unido obteve o maior aumento em valores absolutos, 459 Milhões de Euros;
- Rússia obteve o maior aumento em valor relativo, 102,9% (315 Milhões de Euros);
- Bélgica, Suíça, Holanda e Suécia apresentaram aumentos do valor das importações superiores a 100 Milhões de Euros.

Fora da Europa, em países tradicionalmente não produtores de vinho ou sem histórico de consumo de vinho, o crescimento das importações foi muito superior, um aumento de 2.939 Milhões de Euros, cerca de 68,1%, entre 2001 e 2010 (Tabela 62):

- EUA é o principal importador fora da Europa e foi o País que obteve o maior aumento em valores absolutos, 734 Milhões de Euros;
- Hong Kong e China, apresentam um crescimento das importações extraordinário, em termos relativos e em valor absoluto, 1.037% (726 Milhões de Euros) e 2.212% (575 Milhões de Euros), respectivamente.

TABELA 61 - PRINCIPAIS IMPORTAÇÕES DE VINHO – EUROPA (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: International Trade Centre (2011)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Reino Unido	2.943	3.184	3.145	3.435	3.417	3.374	3.750	3.538	3.056	3.402
Alemanha	1.951	1.899	1.810	1.848	1.912	1.987	1.976	2.036	1.989	2.030
Bélgica	714	787	754	795	821	863	1.026	1.129	900	864
Suíça	691	668	682	638	613	653	732	756	728	793
Holanda	571	610	637	637	674	711	819	821	798	769
Rússia	306	303	337	357	463	432	563	619	457	621
França	479	463	470	491	481	487	546	564	526	531
Dinamarca	421	433	426	424	440	479	490	497	452	496
Suécia	303	327	336	320	344	375	430	457	456	475
TOTAL	8.383	8.678	8.603	8.952	9.167	9.365	10.337	10.420	9.366	9.985

TABELA 62 - PRINCIPAIS IMPORTAÇÕES DE VINHO – FORA DA EUROPA (MILHÕES EUROS)

Fonte: International Trade Centre (2011)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
EUA	2.626	2.962	3.011	2.876	3.167	3.478	3.542	3.290	3.004	3.360
Canadá	648	648	724	729	836	1.006	1.071	1.063	1.050	1.279
Japão	882	851	800	851	828	933	913	904	773	883
Hong Kong, China	70	63	52	63	71	85	148	249	372	796
China	26	24	29	42	60	110	187	258	327	601
Austrália	58	77	85	106	133	177	237	305	261	330
TOTAL	4.313	4.628	4.702	4.670	5.097	5.791	6.102	6.071	5.790	7.252

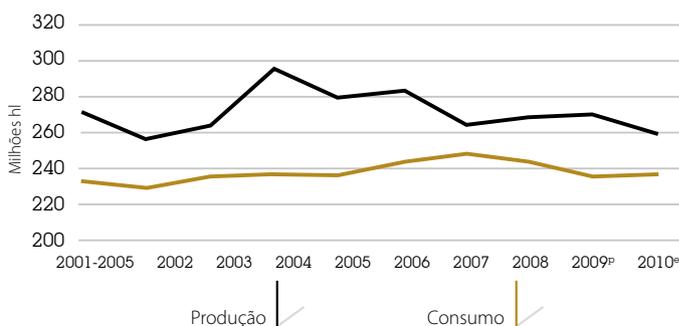
3.3.1.5 Consumo Mundial de Vinho

O consumo mundial de vinho em volume tem tido uma evolução muito residual no período 2001-2010, (Gráfico 42) onde registou um aumento de 0,79% (1,8 Milhões de hl). Após um período de algum crescimento até 2007, os anos seguintes acentuaram uma tendência de quebra de consumo.

No ano de 2010, o consumo de vinho foi de 236,3 Milhões de hl, uma redução de 0,3% face ao ano anterior.

GRÁFICO 42 – CONSUMO MUNDIAL DE VINHO (MILHÕES HL)

Fonte: OIV (2011)



Nota: p – Provisório; e - Estimativa

3.3.2 Mercado da Construção

3.3.2.1 Sector dos Materiais de Construção em Portugal

O sector dos materiais de construção em Portugal foi, como seria expectável, muito afectado pelo impacto da conjuntura económica adversa junto do sector da construção (restrição no crédito, redução na construção para habitação e empreendimentos públicos, etc.).

Depois de um crescimento entre 2006 e 2007, ocorreu uma quebra significativa nas exportações que só foi invertida em 2010 (ganho no valor das exportações de 6,2% face a 2009). As exportações em 2010 apresentaram um valor aproximadamente igual ao valor registado em 2006. Só as importações apresentam uma redução significativa (quebra de 14,6%).

TABELA 63 – BALANÇA COMERCIAL PORTUGUESA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: AICEP (2011)

	2006	2007	2008	2009	2010	Variação 06/10 (%)	Variação 09/10 (%)
Saídas	2.408	2.773	2.739	2.190	2.326	-3,4%	6,2%
Entradas	1.896	2.068	2.140	1.687	1.619	-14,6%	-4,0%
Saldo	511	705	599	503	707	38,2%	40,6%

A balança comercial dos materiais de construção apresenta um saldo positivo (707 Milhões de Euros em 2010), com um aumento considerável comparativamente a 2006, não obstante o valor elevado das importações (Gráfico 43).

GRÁFICO 43 – EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL DOS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: AICEP (2011)



TABELA 64 – EXPORTAÇÕES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO POR TIPOS DE PRODUTOS (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: AICEP (2011); *INE (2011)

Materiais	2006	2007	2008	2009	2010	Variação 06/10 (%)	Variação 09/10 (%)
TOTAL	2.407,7	2.772,9	2.738,6	2.189,9	2.333,0	-3,1%	6,5%
Metals	978,9	1.159,9	1.200,8	945,4	1.013,2	3,5%	7,2%
Cerâmica	387,0	424,5	404,9	360,6	365,5	-5,5%	1,4%
Madeira	435,5	507,7	433,1	304,7	315,2	-27,6%	3,5%
Rochas	278,9	305,8	328,7	278,8	298,0	6,8%	6,8%
Cortiça	179,3	177,8	159,8	149,5	176,3*	-1,7%	17,9%
Plásticos	137,5	179,4	191,0	139,1	143,7	4,6%	3,3%
Vidro	10,6	17,8	20,3	11,8	21,2	100,1%	80,0%

3.3.2.2 Fileiras do Sector dos Materiais de Construção em Portugal

O sector dos materiais de construção em Portugal é constituído por sete fileiras distintas - Metais, Cerâmica, Madeira, Rochas, Cortiça, Plásticos e Vidro - com uma gama de produtos muito diversificada, alguns de carácter concorrencial entre si.

A análise por fileira revela que é a fileira dos metais a que possui maior relevância no sector dos materiais de construção, exportando em 2010 cerca de 1.013 Milhões de Euros, 44% do valor das exportações totais (Tabelas 64 e 65).

Com um valor das exportações de 176,3 Milhões de Euros (7,3% do total), a fileira da cortiça é a 5.ª mais importante deste sector, não obstante o facto de estar a ser analisada de forma integrada com inúmeros produtos não comparáveis entre si ou de categorias completamente distintas (por exemplo, tubos de cobre, telhas, etc.). Destaque para o facto da taxa de variação do valor das exportações da Fileira da Cortiça entre 2009 e 2010 ser de 13,1%, superior à das outras fileiras (exceptuando o Vidro, embora esta fileira possua um peso nas exportações diminuto, cerca de 1%).

Ao nível das importações (Tabela 66) é também a fileira dos metais a mais relevante, com 918,6 Milhões de Euros (57% do total das importações), seguindo-se a fileira da madeira (20% do total) e a dos plásticos (11% do total). Só as fileiras dos plásticos e do vidro apresentam valores de importações em 2010 superiores aos de 2006.

Nas importações, é elucidativo o carácter endógeno da Fileira da Cortiça, com o peso das importações a representar 1,1% do total das importações em valor dos materiais de construção (Tabela 67).

No saldo entre exportações e importações (Tabela 68), a Fileira da Cortiça é a 3.ª mais importante (151 Milhões de Euros), representando 21,3% do saldo positivo dos materiais de construção.

TABELA 65 – EXPORTAÇÕES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO POR TIPOS DE PRODUTOS (% TOTAL)

Fonte: AICEP (2011)

Materiais	2006	2007	2008	2009	2010
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%
Metais	41%	42%	44%	43%	44%
Cerâmica	16%	15%	15%	16%	16%
Madeira	18%	18%	16%	14%	14%
Rochas	12%	11%	12%	13%	13%
Cortiça	7,4%	6,4%	5,8%	6,8%	7,3%
Plásticos	6%	6%	7%	6%	6%
Vidro	0%	1%	1%	1%	1%

TABELA 66 – IMPORTAÇÕES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO POR TIPOS DE PRODUTOS (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: AICEP (2011)

Materiais	2006	2007	2008	2009	2010	Varição 06/10 (%)	Varição 09/10 (%)
TOTAL	1.896,4	2.067,8	2.139,6	1.687,4	1.619,1	-14,6%	-4,0%
Metais	1.044,0	1.120,0	1.227,3	973,5	918,6	-12,0%	-5,6%
Madeira	392,0	461,7	415,9	314,3	320,0	-18,4%	1,8%
Plásticos	176,8	193,3	218,6	185,0	186,1	5,3%	0,6%
Cerâmica	162,3	159,5	150,9	111,9	96,4	-40,6%	-13,8%
Rochas	70,0	73,2	73,6	54,4	45,8	-34,6%	-15,8%
Vidro	30,5	38,4	35,7	33,0	33,9	11,2%	2,6%
Cortiça	20,9	21,8	17,7	15,2	18,3	-12,4%	20,1%

TABELA 67 – IMPORTAÇÕES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO POR TIPOS DE PRODUTOS (% TOTAL)

Fonte: AICEP (2011)

Materiais	2006	2007	2008	2009	2010
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%
Metais	55%	54%	57%	58%	57%
Madeira	21%	22%	19%	19%	20%
Plásticos	9%	9%	10%	11%	11%
Cerâmica	9%	8%	7%	7%	6%
Rochas	4%	4%	3%	3%	3%
Vidro	2%	2%	2%	2%	2%
Cortiça	1,1%	1,1%	0,8%	0,9%	1,1%

TABELA 68 - SALDO ENTRE AS SAÍDAS E AS ENTRADAS DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO POR TIPOS DE PRODUTOS (MILHÕES DE EUROS)

Fonte: AICEP (2011)

Materiais	2006	2007	2008	2009	2010
TOTAL	511	705	599	503	707
Cerâmica	225	265	254	249	269
Rochas	209	233	255	224	252
Cortiça	158	156	142	134	151
Metais	-65	40	-26	-28	95
Madeira	44	46	17	-10	-5
Vidro	-20	-21	-15	-21	-13
Plásticos	-39	-14	-28	-46	-42



4.

“ O investimento na Indústria e Comércio de Cortiça realizado através do PRIME totalizou cerca de 312 Milhões de Euros, referentes a 74 projectos. ”

INVESTIMENTO NA FILEIRA DA CORTIÇA

“ O investimento global da Indústria da Fileira da Cortiça nos últimos dez anos foi de cerca de 482 Milhões de Euros. ”

4.1 Investimento na Produção Suberícola

A análise à arborização e beneficiação de sobreiro nos programas de apoio ao investimento florestal no período 2000-2010 (Tabela 69), revela que:

- A beneficiação das áreas de sobreiro já existentes tem sido a principal aposta dos produtores suberícolas (131.794 ha), representando 18,4% da área nacional de sobreiro;
- A arborização realizada com sobreiro (37.671 ha) representa 5,3% da área nacional de sobreiro;
- A medida Florestação de Terras Agrícolas foi determinante na arborização de sobreiro (25.169 ha);
- O reduzido contributo das acções de apoio ao investimento do PRODER, comparativamente ao período de programação anterior (2000-2006), deve-se aos atrasos na operacionalização das acções florestais e às suas características, menos atractivas para investimentos desta natureza.

TABELA 69 – ARBORIZAÇÃO E BENEFICIAÇÃO DE SOBREIRO NOS PROGRAMAS DE APOIO AO INVESTIMENTO À PRODUÇÃO FLORESTAL (2000 - 2010)

Fonte: Programa AGRO (2010); DGADR (2010); PRODER (2011)

Programa de Apoio ao Investimento	Arborização Executada (ha)	Beneficiação Executada (ha)
POAGRO	12.502	122.076
RURIS - Florestação Terras Agrícolas	25.169	n.a.
Proder		
(dados aprovação a 31/12/2010)	1.682	9.718
TOTAL	37.671	131.794
TOTAL em % da Área Nacional de Sobreiro	5,3%	18,4%



4.2 Investimento da Indústria e Comércio da Cortiça

O investimento na Indústria e Comércio de Cortiça realizado através do PRIME - Programa de Incentivos à Modernização da Economia totalizou cerca de 312 Milhões de Euros, referentes a 74 projectos, dos quais cerca de 250 Milhões de Euros (80%) foram investimento privado (Tabela 70).

TABELA 70 – INVESTIMENTO EM PROJECTOS DA FILEIRA DA CORTIÇA APROVADOS PELO PRIME

Fonte: PRIME (consulta online em 2011/07/24)

Componentes do Investimento	Valor (Euros)
Incentivo	62.258.328
Privado	250.027.261
Investimento Total Elegível	312.285.589

O PRIME estabelecia três níveis de actuação estratégica (Eixo 1 – Dinamização das Empresas; Eixo 2 – Qualificação dos Recursos Humanos; Eixo 3 – Dinamização da Envolvente Empresarial) desdobrando-se em várias acções de apoio ao investimento. A análise da Tabela 71 permite

concluir que foi ao SIME - Sistema de Incentivos à Modernização Empresarial, que as empresas mais recorreram, acção que representou cerca de 91,5% do investimento total do PRIME para a Fileira da Cortiça.

TABELA 71 – INVESTIMENTO EM PROJECTOS DA FILEIRA DA CORTIÇA APROVADOS NAS MEDIDAS DE INCENTIVO DO PRIME

Fonte: PRIME (consulta online em 2011/07/24)

Medidas de Incentivos	Valor (Euros)	Proporção (%)
DEMTEC	581.062	0,19%
FORMAÇÃO	745.174	0,24%
INFRAESTRUTURAS ASSOCIATIVAS	1.579.831	0,51%
INTERNACIONALIZAÇÃO	11.819.668	3,78%
MAPE	2.677.578	0,86%
NITEC	985.831	0,32%
PARCERIAS EMPRESARIAIS	1.803.753	0,58%
QUADROS	38.393	0,01%
SIED	180.824	0,06%
SIME	285.679.495	91,48%
SIME INOVAÇÃO	1.793.168	0,57%
SIME INTERNACIONAL	722.685	0,23%
SIPIE	3.534.859	1,13%
SIUPI	143.269	0,05%
Total Elegível	312.285.589	100%

Já no âmbito do QREN, e no que concerne à área de Acções Colectivas a Fileira da Cortiça, totaliza um investimento de cerca de 21,5 Milhões de Euros, referente a três projectos promovidos pela APCOR – Associação Portuguesa da Cortiça (Tabela 72). É também de salientar que um desses projectos – o INTERCORK - com um valor total de investimento de 20,9 Milhões de Euros, está integrado no Pólo de Competitividade e Tecnologia das Indústrias de Base Florestal, no âmbito das Estratégias de Eficiência Colectiva.

Relativamente ao Sistema de Incentivos Qualificação (Tabela 73), é o SI Qualificação PME/Projectos Individuais e de Cooperação que totaliza o maior volume de investimento, com cerca de 6 Milhões de Euros. A análise do CAE das empresas que submeteram estas candidaturas revela que são as empresas de fabricação de rolhas de cortiça (CAE 16294) que mais recorreram a esta medida de apoio, quer para SI Qualificação PME/Projectos Individuais e de Cooperação (78% do investimento da Indústria da Cortiça), quer para o SI Qualificação PME/Vale Inovação (87% do investimento da Indústria da Cortiça). As empresas de fabricação de rolhas de cortiça foram também as únicas que submeteram candidaturas integradas no Pólo de Competitividade e Tecnologia das Indústrias de Base Florestal, no âmbito das Estratégias de Eficiência Colectiva (4 candidaturas no valor global de cerca de 1 Milhão de Euros).

TABELA 72 - INVESTIMENTO DA FILEIRA DA CORTIÇA E RESPECTIVO NÚMERO DE PROJECTOS DE ACÇÃO COLECTIVA NO ÂMBITO DO QREN (EUROS)

Fonte: Compete - Programa Operacional Factores de Competitividade (consulta online em 2011/07/24)

Instrumentos na Área da Qualificação	Fileira da Cortiça			Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC)			
	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos	EEC	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos
Sistema de Apoio a Acções Colectivas (SIAC) - Não Empresas	21.465.464	17.121.535	3	----	20.957.104	16.765.683	1
94110 - Actividades de organizações económicas e patronais	21.465.464	17.121.535	3	PCT das Indústrias de Base Florestal	20.957.104	16.765.683	1
TOTAL	21.465.464	17.121.535	3	Total EEC	20.957.104	16.765.683	1

TABELA 73 - INVESTIMENTO DA FILEIRA DA CORTIÇA E RESPECTIVO NÚMERO DE PROJECTOS DE QUALIFICAÇÃO NO ÂMBITO DO QREN (EUROS)

Fonte: Compete - Programa Operacional Factores de Competitividade (consulta online em 2011/07/24)

Instrumentos na Área da Qualificação	Fileira da Cortiça			Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC)			
	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos	EEC	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos
SI Qualificação PME/ Projectos Individuais e de Cooperação	6.016.760	2.535.007	19	----	2.448.652	1.026.567	4
16293 - Indústria de preparação da cortiça	382.734	172.230	2	----	0	0	0
16294 - Fabricação de rolhas de cortiça	4.701.089	1.964.548	11	PCT das Indústrias de Base Florestal	2.448.652	1.026.567	4
16295 - Fabricação de outros produtos de cortiça	637.662	265.356	5	----	0	0	0
46213 - Comércio por grosso de cortiça em bruto	295.275	132.873	1	----	0	0	0
SI Qualificação PME/ Vale Inovação	421.390	315.567	21	----	0	0	0
16293 - Indústria de preparação da cortiça	42.500	31.875	2	----	0	0	0
16294 - Fabricação de rolhas de cortiça	367.600	275.225	18	----	0	0	0
16295 - Fabricação de outros produtos de cortiça	11.290	8.467	1	----	0	0	0
TOTAL	6.438.150	2.850.574	40	Total EEC	2.448.652	1.026.567	4

4.3 Investimento em I&DT na Fileira da Cortiça

A Acção 8.1 - Desenvolvimento Experimental e Demonstração (DE&D) do Programa AGRO, tinha por objectivo, nomeadamente, o desenvolvimento de actividades de experimentação e demonstração que contribuíssem para a modernização do sector agro-rural, através do desenvolvimento tecnológico e da transferência e difusão de novas tecnologias compatíveis com o meio ambiente e adequadas aos diferentes sistemas agro-florestais do País e às actividades e produtos específicos regionais.

A Fileira da Cortiça recorreu a esta acção de apoio ao investimento tendo sido aprovados e executados 11 projectos (3,7% do total de projectos apoiados), no valor global de cerca de 1,9 Milhões de Euros (Tabela 74).

TABELA 74 - PROJECTOS DA FILEIRA DA CORTIÇA APROVADOS PELA ACÇÃO AGRO 8.1 DO PROGRAMA AGRO

Fonte: POAGRO (consulta online em 2011/07/24)

Projectos AGRO 8.1 Aprovados	Número	Valor (Euros)
Projectos AGRO 8.1 Aprovados (todas as áreas científicas)	301	42.809.700,0
Projectos da Fileira da Cortiça Aprovados	11	1.891.644,0
Projectos da Fileira da Cortiça Aprovados (em % do total)	3,7%	4,4%

Relativamente à distribuição do investimento por área científica (Tabela 75), constata-se que a Gestão do Montado foi a área científica onde foi realizado maior volume de investimento através da Acção 8.1 (55%), seguindo-se a Regeneração, com 20,1%.

TABELA 75 - PROJECTOS DA FILEIRA DA CORTIÇA APROVADOS PELA ACÇÃO AGRO 8.1 DO PROGRAMA AGRO POR ÁREA CIENTÍFICA

Fonte: POAGRO (classificação da área científica realizada pelo autor)

Área Científica dos Projectos AGRO 8.1 Aprovados da Fileira da Cortiça	Número	Valor (Euros)	Proporção (%)
Gestão	6	1.051.214,6	55,6%
Produção	1	172.643,4	9,1%
Sanidade	1	152.500,0	8,1%
Valorização Lenhosa	1	135.000,0	7,1%
Regeneração	2	380.286,1	20,1%
Projectos da Fileira da Cortiça Aprovados (em % do total)	11	1.891.644,0	100%

Já no âmbito dos projectos de I&D financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e considerando o período 2000-2009, o investimento em projectos relacionados directamente com a Fileira da Cortiça totalizou cerca de 3,7 Milhões de Euros, 0,6% do investimento global da FCT em projectos de I&D (Tabela 76).

TABELA 76 - PROJECTOS DA FILEIRA DA CORTIÇA APROVADOS PELA FCT
Fonte: FCT (consulta on-line a 24/07/2011)

Projectos FCT Aprovados (2000-2009)	Número	Valor (Euros)
Projectos FCT Aprovados (todas as áreas científicas)	7.112	652.219.494,0
Projectos da Fileira da Cortiça Aprovados	42	3.694.377,0
Projectos da Fileira Florestal Aprovados (em % do total)	0,6%	0,6%

A distribuição do investimento FCT por área científica (Tabela 77) revela que são as ciências florestais onde se concentra grande parte do investimento (46,8%). É também de salientar o investimento relevante que está a ser feito na área da Genómica Florestal, e que representa 24,8% do investimento FCT para a Fileira da Cortiça neste período.

TABELA 77 - PROJECTOS DA FILEIRA DA CORTIÇA APROVADOS PELA FCT POR ÁREA CIENTÍFICA

Fonte: FCT (consulta on-line a 24/07/2011)

Área Científica	Valor (Euros)	Proporção (%)
Ambiente	208.130,0	5,6%
Biodiversidade, Ecologia e Conservação	272.323,0	7,4%
Ciências e Engenharia dos Materiais	37.500,0	1,0%
Ciências e Tecnologias do Ambiente	43.523,0	1,2%
Ciências Florestais	1.728.697,0	46,8%
Engenharia Civil	216.876,0	5,9%
Engenharia Mecânica	165.000,0	4,5%
Engenharia Química	106.500,0	2,9%
Genómica Florestal	915.828,0	24,8%
TOTAL	3.694.377,0	100,0%

A análise do investimento FCT por ano (Tabela 78) revela que cerca

de 61% está concentrado nos dois últimos anos, 2008 e 2009, onde foram também aprovados 57% dos projectos.

TABELA 78 - PROJECTOS DA FILEIRA DA CORTIÇA APROVADOS PELA FCT POR ANO

Fonte: FCT (consulta on-line a 24/07/2011)

Ano	Valor (Euros)	Proporção (%)
2000	0,0	0,00%
2001	453.235,0	12,27%
2002	231.986,0	6,28%
2003	0,0	0,00%
2004	375.326,0	10,16%
2005	0,0	0,00%
2006	366.098,0	9,91%
2007	0,0	0,00%
2008	1.505.603,0	40,75%
2009	762.129,0	20,63%
TOTAL	3.694.377,0	100,0%

No âmbito do SI I&DT - Sistema de Incentivos à Investigação e Desenvolvimento Tecnológico nas Empresas (QREN), o volume de investimento foi de 7,3 Milhões de Euros, na sua maioria através da modalidade Empresas/Projectos em Co-promoção (86%).

Quanto ao tipo de empresas, não obstante existirem mais projectos submetidos por empresas de fabricação de rolhas de cortiça (CAE 16294), o volume de investimento está aproximadamente repartido com as empresas de fabricação de outros produtos de cortiça.

Destaque para o facto de existirem 2 projectos integrados em Estratégias de Eficiência Colectiva. Para além do Pólo de Competitividade e Tecnologia (PCT) das Indústrias de Base Florestal, também através do Cluster Habitat Sustentável existe um projecto da Fileira da Cortiça.

Quanto ao Sistema de Incentivos à Inovação (QREN), e comparativamente ao investimento realizado pela Fileira da Cortiça no SI I&DT, o investimento global foi muito superior, com um valor global de cerca de 69,5 Milhões de Euros (Tabela 79).



“ O investimento em Inovação e I&DT no período 2000-2010 (considerando os sistemas de incentivos PRIME, QREN, POAGRO e FCT) foi de 85,9 Milhões de Euros, cerca de 17,8% do investimento total. ”

TABELA 79 - INVESTIMENTO DA FILEIRA DA CORTIÇA E RESPECTIVO NÚMERO DE PROJECTOS DE I&DT NO ÂMBITO DO QREN (EUROS)

Fonte: Compete - Programa Operacional Factores de Competitividade (consulta online em 2011/07/24)

Instrumentos nas Áreas do I&DT	Fileira da Cortiça			Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC)			
	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos	Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC)	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos
I&DT Empresas Projectos em Co-promoção	6.255.772	3.815.516	10	----	----	----	----
16294 - Fabricação de rolhas de cortiça	2.814.560	1.762.571	4	----	----	----	----
16295 - Fabricação de outros produtos de cortiça	3.441.212	2.052.945	6	Cluster Habitat Sustentável	835.299	481.527	1
I&DT Empresas Projectos Individuais	575.111	325.322	3	----	----	----	----
16294 - Fabricação de rolhas de cortiça	575.111	325.322	3	PCT das Indústrias de Base Florestal	197.448	98.724	1
I&DT Empresas Vale I&DT	478.200	358.225	21	----	----	----	----
16294 - Fabricação de rolhas de cortiça	433.200	324.475	19	----	----	----	----
16295 - Fabricação de outros produtos de cortiça	45.000	33.750	2	----	----	----	----
TOTAL I&DT	7.309.083	4.499.063	34	Total EEC em I&DT	1.032.747	580.251	2

TABELA 80 - INVESTIMENTO DA FILEIRA DA CORTIÇA E RESPECTIVO NÚMERO DE PROJECTOS DE INOVAÇÃO NO ÂMBITO DO QREN (EUROS)

Fonte: Compete - Programa Operacional Factores de Competitividade (consulta online em 2011/07/24)

Instrumentos nas Áreas da Inovação	Fileira da Cortiça			Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC)			
	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos	Estratégia de Eficiência Colectiva (EEC)	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Projectos
SI Inovação Empreendedorismo Qualificado	1.454.799	800.139	1	----	----	----	----
16294 - Fabricação de rolhas de cortiça	1.454.799	800.139	1	----	----	----	----
SI Inovação Inovação Produtiva	40.047.783	17.273.310	9	----	----	----	----
16293 - Indústria de preparação da cortiça	22.693.353	7.219.156	2	----	----	----	----
16295 - Fabricação de outros produtos de cortiça	17.354.430	10.054.154	7	PCT das Indústrias de Base Florestal	13.484.131	7.571.884	5
SI Inovação Projectos do Regime Especial	28.027.460	7.287.139	1	----	----	----	----
16293 - Indústria de preparação da cortiça	28.027.460	7.287.139	1	----	----	----	----
TOTAL Inovação	69.530.042	25.360.588	11	Total EEC em Inovação	13.484.131	7.571.884	5

A análise por tipo de empresas revela uma diferença substancial face ao SI I&DT, uma vez que são as empresas de preparação de cortiça (CAE 16293) que apresentaram maior volume de investimento, cerca de 50,7 Milhões de Euros (72,9% do total). Só uma empresa de fabricação de rolhas de cortiça apresentou um projecto no âmbito da Inovação, apesar de ter alguma dimensão (1,45 Milhões de Euros).

Quanto às Estratégias de Eficiência Colectiva, existem cinco projectos integrados no Pólo de Competitividade e Tecnologia das Indústrias de Base Florestal (13,4 Milhões de Euros, cerca 19,4% do investimento total no SI Inovação), todos de empresas de fabricação de outros produtos de cortiça (CAE 16295).

4.4 Investimento Global

O investimento global da Indústria da Fileira da Cortiça nos últimos dez anos (não considerando aqui investimentos realizados integralmente sem qualquer co-financiamento de fundos públicos), foi de cerca de 482 Milhões de Euros (Tabela 81).

É também de salientar que uma componente relevante deste investimento (63%) foi realizada com recurso a investimento privado, revelando um esforço de investimento considerável (superior a 304 Milhões de Euros).

O PRIME continua a ser o programa de incentivos com maior relevância para a Fileira da Cortiça, representando 64,8% (312 Milhões de Euros) do investimento realizado no período 2000-2010.

TABELA 81 - INVESTIMENTO NO ÂMBITO DOS PROGRAMAS DE APOIO À INDÚSTRIA DA FILEIRA DA CORTIÇA (2000 - 2010) (EUROS)

Programa de Apoio ao Investimento	N.º Projectos Aprovados	Investimento Total Executado	Investimento Privado
PRIME	74	312.285.589	250.027.261
POAGRO (Acção 3.4 e 8.1)	29	50.043.944	n.d.
PRODER/ Acção 1.3.3	12	11.189.000	n.d.
QREN (α 24/07/2011)	88	104.742.739	54.910.979
FCT	42	3.694.377	n.d.
TOTAL		481.955.649	304.938.240

O investimento em Inovação e I&DT no período 2000-2010 (considerando os sistemas de incentivos PRIME, QREN, POAGRO e FCT) foi de 85,9 Milhões de Euros (Tabela 82), cerca de 17,8% do investimento total, o que é elucidativo quanto ao esforço que a Fileira da Cortiça desenvolveu nos últimos anos, para proceder ao necessário reforço da competitividade tecnológica, na melhoria e/ou desenvolvimento de novos produtos, processos e sistemas.

TABELA 82 - INVESTIMENTO NO ÂMBITO DOS PROGRAMAS DE APOIO À INOVAÇÃO E I&DT NA INDÚSTRIA DA FILEIRA DA CORTIÇA (2000 - 2010) (EUROS)

Programa de Apoio ao Investimento	Investimento Total Executado	Investimento Privado
PRIME/DEMTEC	581.062,00	347.097,00
PRIME/NITEC	985.831,00	651.009,00
PRIME/SIUPI	143.269,00	57.407,00
PRIME/SIME INOVAÇÃO	1.793.168,00	1.198.423,00
QREN I&DT (α 24/07/2011)	7.309.083,00	2.810.020,00
QREN Inovação (α 24/07/2011)	69.530.042,00	44.169.454,00
FCT	3.694.377,00	n.d.
POAGRO/Acção 8.1	1.891.644,02	0,00
TOTAL	85.928.476,02	49.233.410,00



5.



“ A análise da evolução das tendências ocorridas no período 2000-2010, proporciona um conjunto de informação relevante que possibilita a compreensão do presente e perspectivar o futuro. ”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ Para além da criação de factores de desenvolvimento e de valor na economia portuguesa, a Fileira da Cortiça proporciona condições de sustentabilidade estrutural num vasto território português, com implicações directas na economia dos meios rurais e na sua biodiversidade. ”

No âmbito dos recursos naturais do espaço económico português, a cortiça é um caso muito particular e que faz com que, no plano nacional e internacional, esta seja uma fileira *sui generis*.

Para além da criação de factores de desenvolvimento e de valor na economia portuguesa, esta fileira proporciona condições de sustentabilidade estrutural num vasto território português, com implicações directas na economia dos meios rurais e na sua biodiversidade.

Actualmente, a Fileira da Cortiça representa 2% das exportações portuguesas de bens (754 Milhões de Euros), um saldo da balança comercial de 659 Milhões de Euros, e um volume de negócios de 1.110 Milhões de Euros.

Se a este enquadramento adicionarmos o facto de Portugal ser líder mundial da produção e transformação de cortiça (quota de mercado mundial de 61%), constatamos de forma plena a sua originalidade e relevância para Portugal.

O “Estudo de Caracterização da Fileira da Cortiça”, não sendo o primeiro estudo realizado sobre esta fileira, pretende ser uma primeira compilação e sistematização integrada de informação relevante, multi-temática, e dispersa por inúmeras fontes. Existem ainda muitas carências de informação, por inexistência de dados, pela agregação de dados com outras fileiras, etc., que é necessário resolver.

Pretende ainda contribuir para um tratamento mais abrangente de toda a Fileira da Cortiça, privilegiando uma leitura integrada das diferentes dinâmicas e características que a constituem.

A análise da evolução das tendências ocorridas no período 2000-2010, proporciona um conjunto de informação relevante que possibilita a compreensão do presente e perspectivar o futuro.



6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFN, 2010. Relatório Final do 5.º Inventário Florestal Nacional (IFN5), Autoridade Florestal Nacional, Lisboa, Portugal.
- AICEP, 2011. Comércio Internacional de Materiais de Construção (<http://www.portugalglobal.pt/PT/Paginas/Home.aspx>).
- AGRO 8.1, 2010. Projectos da Fileira Florestal financiados pela Acção Agro 8.1, do Programa AGRO 2000-2006.
- APCOR, 2010. Cork Information Bureau. Qualidade.
- Branco, O., Bugalho, M., Silva, L.N., Barreira, R., Vaz, P., e Dias, F (2010). Hotspot Areas for Biodiversity and Ecosystem Services in Montados. WWF.
- BP, 2006. Relatório Anual 2006, Banco de Portugal, Lisboa, Portugal.
- BP, 2009. Relatório Anual 2009, Banco de Portugal, Lisboa, Portugal.
- BP, 2010. Relatório Anual 2010, Banco de Portugal, Lisboa, Portugal.
- Bugalho, N.M. *et al.*, 2011. Mediterranean cork oak savannas require human use to sustain biodiversity and ecosystem services. *Front Ecol Environ*.
- CGD, 2011. Relatório sobre o Desenvolvimento da Economia Portuguesa – 2010. Gabinete de Estudos da Caixa Geral de Depósitos.
- CGD, 2011. A Competitividade da Economia Portuguesa: Uma breve análise comparada. Gabinete de Estudos.
- CINCORK, 2011. Formação profissional na indústria da cortiça (não publicado).
- CELIÈGE, 2011. Certificação SYSTECODE (não publicado).
- COMPETE, 2010. Projectos aprovados no âmbito do QREN 2007-2013 (URL: www.qren.pt).
- Cork Quality Council, 2011. Current Results from Screening of Incoming Cork Shipments Show an 82% Reduction in TCA. Audit Report.
- Cork Quality Council, 2011. What a difference a year makes...Cork Finished Wines Increase Their Share of Premium Wine Sales.
- Corticeira Amorim, 2011. Relatório de Sustentabilidade 2010.
- Corticeira Amorim, 2011. Relatório e Contas 2010.
- Djema, A., and Messaoudene, M. (2009). The Algerian Forests: current situation and prospects. Modeling, Valuing and Managing Mediterranean Forests for non Timber Goods and Services. *EFI Proceedings* n.º 57, 2009.
- Eurostat, 2011. <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home/>.
- Eurostat, 2011. External Trade (<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/newxtweb/mainxtnet.do>).
- FAO, 2010. Global Forest Resources Assessment 2010. Country Report: Italy. Forestry Department.
- FAO, 2010. Global Forest Resources Assessment 2010. Country Report: Portugal. Forestry Department.
- FAO, 2010. Global Forest Resources Assessment 2010. Country Report: Spain. Forestry Department.
- FAO, 2010. Evaluation des Ressources Forestières Mondiales 2010. Rapport National: France. Département des forêts.

- FAO, 2010. Evaluation des Ressources Forestières Mondiales 2010. Rapport National: Tunisie. Département des forêts.
- FAO, 2010. Evaluation des Ressources Forestières Mondiales 2010. Rapport National: Algérie. Département des forêts.
- FAO, 2010. Evaluation des Ressources Forestières Mondiales 2010. Rapport National: Maroc. Département des forêts.
- FCT, 2011. Projectos da Fileira Florestal financiados pela FCT, Fundação Ciência e Tecnologia (URL: www.fct.mctes.pt).
- FOREST EUROPE Liaison Unit Oslo, the United Nations Economic Commission for Europe (UNECE) and the Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), 2011. State of Europe's Forests 2011. Status and Trends in Sustainable Forest Management in Europe. Ministerial Conference on the Protection of Forests in Europe.
- FSC, 2011. Certificados de Gestão Florestal e de Cadeia de Responsabilidade emitidos (URL: www.pt.fsc.org).
- GEE/GPEAR, 2010. Boletim Mensal de Economia Portuguesa Nº 12| Dezembro 2010. Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, e Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério das Finanças e da Administração Pública.
- GEP, 2000-2006. Acidentes de Trabalho, Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP) do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (MTSS), Lisboa, Portugal.
- GEP, 2007. Acidentes de Trabalho, Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP) do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (MTSS), Lisboa, Portugal.
- GFTN, 2011. Participants list (http://gftn.panda.org/about_gftn/current_participants/).
- HABEaS (2010). Hotspots de Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas. Disponível em: <http://www.habeas-med.org/>.
- HCEF Marroc, 2011. Forêts Marocaines (<http://www.eauxetforets.gov.ma/fr/index.aspx>).
- ICNB, 2011. Ocorrência de Habitats Naturais e Fauna (http://portal.icnb.pt/ICNPortal/vPT2007/O+ICNB/Rede+Natura+2000/ocorrencia_habt_nat_esp_ffa.htm). Lisboa, Portugal.
- INCI, 2011. Índices CIFE (<http://www.inci.pt/Portugues/Construcao/IndicesCIFE/Paginas/IndicesCIFE.aspx>).
- INE, 2000. Inquérito Anual às Empresas Harmonizado – Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2001. Inquérito Anual às Empresas Harmonizado, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2002. Inquérito Anual às Empresas Harmonizado, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2003. Inquérito Anual às Empresas Harmonizado, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2004. Sistema de Contas Integrado das Empresas, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2005. Sistema de Contas Integrado das Empresas, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2006. Sistema de Contas Integrado das Empresas, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2007. Sistema de Contas Integrado das Empresas, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2008. Sistema de Contas Integrado das Empresas, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2011. Contas Económicas da Silvicultura – Base 2006 (1986-2009), Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2011. Estatísticas do Comércio Internacional para a Fileira da Cortiça, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.
- INE, 2011. O perfil exportador das PME em Portugal – 2007/2009.
- IPAC, 2011. Base de dados (<http://www.ipac.pt/>).

- INPI, 2011. Base de Dados de Patentes (<http://www.marcaspatentes.pt/index.php?section=1>).
- ITC, 2011. Trade Statistics Database (http://www.intracen.org/trade-support/Stat_export_product_country/).
- Institut Méditerranéen du Liège, 2005. Etat des lieux de la filière liège française. France.
- Jamaa, B. (2011). Impact de la gestion du liège sur l'économie rurale et les incendies des forêts en Tunisie. INRGREF, Tunisie.
- MARM, 2007. Inventario Forestal Nacional. Espanha.
- MSSS, 2011. Tecido empresarial da indústria da cortiça (não publicado).
- OIV, 2011. State of the Vitiviniculture World Market.
- PEFC Council, 2011. Certificados de Gestão Florestal e de Cadeia de Responsabilidade emitidos (URL: www.pefc.pt)
- Pereira, H.M. *et al*, 2009. Ecosistemas e Bem Estar Humano. Avaliação para Portugal do Millennium Ecosystem Assessment.
- Pereira, J.S., Bugalho, M.N. and Caldeira, M.C. (2008). Do Sobreiro à Cortiça, Um Sistema Sustentável. APCOR – Associação Portuguesa de Cortiça.
- PO AGRO, 2010. Relatório Final de Execução QCA III 2000-2006, AGRO – Programa Operacional de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Lisboa, Portugal.
- PricewaterhouseCoopers/ECOBILAN, 2008. Analysis of the life cycle of Cork, Aluminium and Plastic Wine Closures.
- PricewaterhouseCoopers LLP, 2010. Global Forest, Paper & Packaging Industry Survey 2010 Edition – Survey of 2009 Results. URL: www.pwc.com/fpp.
- PRIME, 2008. Programa de Incentivos à Modernização da Economia. Relatório de Execução 2007 do Programa de Incentivos à Modernização da Economia. Gabinete de Gestão do PRIME, Lisboa, Portugal.
- PRODER, 2010. Relatório de Execução (versão preliminar) Programa de Desenvolvimento Rural (2007-2013), Lisboa, Portugal.
- RURIS, 2009. Estudo de Avaliação Final (ex-post) do Programa de Desenvolvimento Rural de Portugal Continental (2000-2006) RURIS. DGADR, Lisboa, Portugal.
- UN, 2011. Commodity Trade Statistics Database | United Nations Statistics Division (http://data.un.org/Data.aspx?d=ComTrade&f=_I1Code%3a46)
- WBCSD, 2010. Visão 2050: A nova agenda para as empresas.
- WWF/CEABN, 2008. Sobreiro, uma barreira contra a desertificação.
- WWF, 2010. A Rede Ibérica de Comércio e Florestas da WWF (Memória 2008-2010).

Ficha Técnica

Propriedade: APCOR – Associação Portuguesa da Cortiça
Av. Comendador Henrique Amorim, nº 580
Apartado 100 – 4536-901 Santa Maria de Lamas
Portugal

T.: + 351 227 474 040

F.: + 351 227 474 049

E.: info@apcor.pt / realcork@apcor.pt

W.: www.apcor.pt / www.realcork.org

Presidente: António Rios de Amorim

Director Geral: Joaquim Lima

Autor: Mafalda Evangelista

Edição: Claudia Gonçalves

Design: Plenimagem

Fotografias: João Nunes da Silva, Nuno Correia, Paulo Magalhães e Virgílio Ferreira

Ano de Publicação: 2011

Depósito Legal:

Tiragem: 2000 exemplares

A informação divulgada no suporte é da propriedade da APCOR, podendo ser reproduzida, na sua totalidade ou parcialmente, desde que seja assegurada a indicação da fonte.

CORTIÇA.
CULTURA,
NATUREZA,
FUTURO.

